

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**NAS ASAS DO CONDOR:  
HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRAUMA NA TRAJETÓRIA EXILIAR DE ANACLETO  
JULIÃO (1970-1973)**

**ARTHUR AFONSO BOTELHO**

**RECIFE**

**2025**

**ARTHUR AFONSO BOTELHO**

**NAS ASAS DO CONDOR:  
HISTÓRIA, MEMÓRIA E TRAUMA NA TRAJETÓRIA EXILIAR DE ANACLETO  
JULIÃO (1970-1973)**

Monografia submetida à banca examinadora para obtenção  
do grau de bacharel no curso de Graduação em História,  
pela Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Pinheiro de Melo

**RECIFE**

**2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Botelho, Arthur Afonso.

Nas asas do condor: história, memória e trauma na trajetória exiliar de Anacleto  
Julião (1970-1973) / Arthur Afonso Botelho. - Recife, 2025.  
86p.

Orientador(a): Patrícia Pinheiro de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado,  
2025.

Inclui referências.

1. Exílio no Cone Sul. 2. Biografias. 3. Ditaduras Militares no Cone Sul. 4.  
Memória. 5. História Oral. 6. História Contemporânea da América Latina. I. Melo,  
Patrícia Pinheiro de . (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

Nome: BOTELHO, Arthur Afonso.

Título: Nas Asas do Condor: História, Memória e Trauma na trajetória exiliar de Anacleto Julião (1970-1973)

Monografia submetida à banca examinadora para obtenção do grau de bacharel no curso de Graduação em História, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Aprovado em: 15/12/2025

Banca Examinadora

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Patrícia Pinheiro de Melo (Orientadora)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Ferraz Barbosa (Examinadora Interna)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Suzana Cavani Rosas (Examinadora Interna)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Maria do Socorro Abreu e Lima (Examinadora Interna)

*Un viento misionero sacude las persianas  
no sé qué jueves trae  
no sé qué noche lleva  
ni siquiera el dialecto que propone*

*creo reconocer endechas rotas  
trozos de hurras  
y batir de palmas  
pero todo se mezcla en un aullido  
que también puede ser deleite o salmo*

*el viento bate franjas de aluminio  
llega de no sé dónde a no sé dónde  
y en ese rumbo enigma soy apenas  
una escala precaria y momentánea*

*no abro hospitalidad  
no ofrezco resistencia  
simplemente lo escucho  
arrinconado  
mientras en el recinto vuelan nombres  
papeles y cenizas*

*después se posarán en su baldosa  
en su alegre centímetro  
en su lástima  
ahora vuelan cómo barriletes  
como murciélagos como hojas*

*lo curioso lo absurdo es que a pesar  
de que aguardo mensajes y pregones  
de todas las memorias y de todos  
los puntos cardinales*

*lo raro lo increíble es que a pesar  
de mi desamparada expectativa  
no sé qué dice el viento del exilio*

*Mario Benedetti, Vientos del Exilio.*

## APRESENTAÇÃO

Como todo texto escrito, ficcional ou não, descamba inevitavelmente para um autorretrato do seu autor, me dou o trabalho de assumir essa fatalidade e deixá-la às claras, narrando nesta apresentação como eu cheguei ao tema trabalhado na presente monografia. Elencarei alguns fatos, dissertarei sobre minhas dificuldades e tentarei, na medida do possível, justificar algumas de minhas escolhas.

O ano era 2022, eu seguia na minha profunda incerteza quanto ao tema que tomaria meu tempo e meus esforços para a feitura do trabalho de conclusão de curso (TCC). Minha paixão pela América Latina, por seus encantos e desencantos, ajudou a delimitar um pouco. Mas nesse universo tão amplo e plural quanto a terra de Neruda e Jorge Amado, o que trabalhar? A Revolução Cubana foi o primeiro tema que atraiu a minha atenção, seu desenrolar, seus personagens, sua mítica... Me aprofundei nos estudos da história recente da maior ilha caribenha, li o máximo que pude, assisti tudo o que meu tempo permitia. Não demorou muito, afinal, para que a figura de um médico argentino logo entrasse para o meu radar de possível objeto de estudo.

O fascínio por “El Che” não é um sentimento difícil de aparecer, ele contamina de um lado a outro do espectro político, suscitando os mais polarizados debates sobre a conduta, a personalidade e o pensamento do herói revolucionário. “Pensamento”, esse foi o objeto escolhido, tendo lido toda a produção intelectual de Guevara, decidi investigar sobre o impacto das suas elaborações no Brasil, busquei referências e citações nominais em algumas publicações do período, chegando ao *envidioso*.<sup>1</sup> comentário de Celso Furtado que, após uma reunião com o argentino, ficou consternado pelo encantamento que Che nutria por um certo político e líder popular pernambucano, Francisco Julião. Aqui a reproduzo na íntegra:

[...] Seus olhos pareciam recobertos por uma sombra de tristeza, mas seu olhar era incisivo e penetrante. A conversa encaminhou-se para o nordeste e logo pude me dar conta de que ele havia absorvido a visão mítica que Francisco Julião transmitia a interlocutores que tudo ignoravam da região. Ele imaginava as Ligas Camponesas como vigorosas organizações de massa, capacitadas para pôr em xeque qualquer iniciativa da direita visando modificar a relação de forças em benefício próprio. Superestimava Julião como líder e como organizador e subestimava as estruturas de poder enraizadas secularmente no Nordeste. A ideia que eu fazia de Julião era muito distinta: um homem sensível, poeta, sujeito a crises psicossomáticas periódicas, capaz de perder o rumo por influência de uma mulher, mais um advogado astucioso e brilhante do que um líder capaz de dirigir as massas em ações violentas.

---

<sup>1</sup> Em tradução direta, “invejoso”.

Apesar de romântico – talvez utopista? –, Guevara pensava pragmaticamente quando o tema era a sobrevivência da Revolução Cubana e o levantar da América Latina contra o imperialismo ianque. Dessa forma, sua avaliação sobre Francisco Julião, ou o comentário de Furtado sobre ela, foi o suficiente para despertar, em mim, uma extrema curiosidade sobre o advogado de camponeses.

Assim como fiz com a Revolução e com Che, procurei tudo o que havia disponível sobre Francisco Julião e as ligas camponesas. Li seus livros, consumi com voracidade sua biografia, escrita por Cláudio Aguiar, li os livros-documentos de época sobre o movimento camponês. O bom-jardinense provocou o mesmo encantamento que os outros líderes latino-americanos – para mim, heróis indiscutíveis. Estava decidido, iria apresentar, comparar e justificar o porquê Francisco Julião deveria estar ao lado de Martí, Zapata, Sandino, Fidel, Che, Camilo, Allende, Mariatégui, entre muitos outros intelectuais, políticos e revolucionários que pensaram em um projeto não só para seus países, mas para uma América Latina livre.

Tema e objeto decididos, bibliografia previamente separada, parto para a pesquisa documental e me deparo com uma dificuldade imensa de encontrar material. Aqui cabe um apontamento: o grosso da bibliografia consultada foi indicação da pessoa que topou me acompanhar nesse tortuoso caminho, a professora Patrícia Pinheiro, minha orientadora. Sem a paciência da Profa. Patrícia, nada sairia do papel. Foi seu amor pela América Latina e sua inconformação com as mazelas das quais padece esta terra, que me cativaram desde o primeiro encontro da disciplina “América II”, onde comecei a importuná-la com ideias e mais ideias de pesquisa, convidando-a para me orientar.

Bom, como mencionado no início do parágrafo anterior, a professora topou a empreitada e, por conta da minha dificuldade de encontrar material, sugeriu que entrássemos em contato com o filho de Julião, Anacleto, que ele poderia me ajudar disponibilizando documentação além de depoimentos. Contato feito, marcamos a primeira reunião na casa daquela figura que até então, para mim, era um desconhecido. Lembro do entusiasmo com que Anacleto nos recebeu e nos mostrou pilhas e mais pilhas de papéis e fotografias, meus olhos brilharam (me disseram), não tenho certeza de quem estava mais animado, eu ou ele. Acertamos encontros semanais para organizar aquele amontoado de documentos e transformá-lo em um arquivo organizado, possível de ser pesquisado.

Nesse momento da minha trajetória, começa o longo capítulo que culminará no presente trabalho. A atividade de pesquisa seguiu seu fluxo concomitantemente à organização do acervo, a cada semana que passava eu ficava mais impressionado com a riqueza da documentação que

tínhamos em mãos e com as diversas portas que se abriam. Anacleto e Eva, sua esposa, nos recebiam sempre com uma alegria estimulante, que tornara extremamente agradável o ambiente de trabalho.

Com o crescimento da convivência e as conversas com Anacleto se alongando a cada encontro, comecei a tomar conhecimento do papel de toda a família “de Paula Crespo” na construção do Líder Julião. Seu sobrinho-neto, Raul, que também seguiu conosco na tarefa de organização e pesquisa, contribuiu muito para alargar minha percepção sobre a história por trás do mito. Proseando com “Teto”, como logo passei a chamá-lo, pus-me a tomar nota das histórias particulares de cada um de seus irmãos, da sua mãe, além da sua própria, aos poucos fui me desviando e me identificando com as histórias contadas, sempre buscando os referentes na documentação ali disponível e na bibliografia que pude pesquisar.

\*\*\*\*\*

O fenômeno do exílio já não era uma questão nova para mim, desde que comecei a investigar sobre a América Latina, nos primeiros meses do curso de História, irremediavelmente a figura do exilado se apresentava nas leituras, do período das independências à formação e consolidação dos estados nacionais, destes às ditaduras que se instalaram por toda América. Esse tema me acompanhou desde então, sempre entrando nas minhas reflexões sobre a conformação do pensamento latino-americano, sobre a formação dos seus intelectuais. Francisco Julião, ele próprio um exilado, teve sua produção intelectual profundamente marcada por essa condição, demonstrando em seus escritos da revista *Siempre*, por exemplo, ser ao mesmo tempo alienígena e autóctone, apartado do seu ventre genuinamente brasileiro, acolhido pelo colo mexicano.

No entanto, enquanto Julião foi exilado somente após o golpe militar de 1964 e se estabeleceu no México até a anistia, seus quatro filhos foram obrigados a deixar sua terra natal quase 2 anos antes da virada de mesa pelos militares, sofrendo as agruras daqueles que pior experienciaram esse fenômeno, o exílio em série. Esse fato foi a centelha que incendiou minha curiosidade e me fez perceber a importância dessas experiências particulares para o estudo mais atento do fenômeno exiliar. A proximidade com Anacleto conferiu-me a possibilidade de conversar sobre esse momento da sua trajetória. A ideia de entrevistá-lo, a partir da técnica da história oral, e tornar isso o meu trabalho principal, me encantava cada vez mais.

Resolvi mudar mais uma vez, queria estudar a história de Anacleto, a sua experiência do exílio, particularmente. Esse recorte da sua vida compreende aproximadamente 20 anos, um



período bastante extenso para ser tratado com a acurácia necessária em uma monografia, eu precisava estabelecer limites mais concisos. Durante as várias sessões de conversas, notei que o período que passou no Chile, o mais breve de todos, sempre se sobressaía em suas reminiscências, carregava uma significação mais profunda. Dessa forma defini, finalmente, o meu trabalho, estudaria a experiência exiliar de Anacleto Julião no Chile, trabalharia com o gênero biográfico e com as possibilidades que ele me confere, refletiria, a partir dele, sobre o exílio na América Latina, os mecanismos de sobrevivência na terra de acolhida, investigaria a dimensão do trauma e a fronteira do dizível.

Antes de concluir esta apresentação, cabe esclarecer que o motivo de o título deste trabalho ser “Nas asas do Condor” ficará evidente no decorrer do texto, pois todas as minhas tentativas de explicação seriam menos convincentes do que o próprio desenrolar dos acontecimentos. Iniciemos a História.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Julião, Alexina e filhos. Fim dos anos 1950. ....	14
Figura 2 - Julião leva filhos a Havana: Ganharam bolsas de Castro, fev/1963. ....	15
Figura 3 - Fotografias para passaporte Dez/61 - Jan/62. ....	18
Figura 4 - Família cruza canal do Panamá, 1971.....	24
Figura 5 - Documento CISA RPB nº0037 17/01/1977. ....	34
Figura 6 - Visto de residente temporário de Anacleto Julião. ....	38
Figura 7 - Licença de condutor de Anacleto Julião. ....	58

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

DC – Democracia Cristiana

EUA – Estados Unidos da América

GAP – Grupo de Amigos Personales

H.O. – História Oral

KGB - Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti (Comitê de Segurança do Estado)

MAPU – Movimiento Acción Popular Unitario

MAPU-OC – Movimiento Acción Popular Unitário Obrero-Campesino

MIR – Movimiento Izquierda Revolucionaria

ONU – Organização das Nações Unidas

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCCh – Partido Comunista Chileno

PN – Partido Nacional

PS – Partido Socialista

UP – Unidad Popular

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>21</b>
1.1 A esperança via Chile ou um Brasil cada vez mais longe.....	21
1.2 A Travessia.....	23
1.3 “Nós vamos nos valer por nós mesmos”: redes de solidariedade, ajuda governamental e sobrevivência .....	28
1.4 Retorno adiado: o contato com exilados brasileiros e as notícias do Brasil .....	35
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>37</b>
2.1 “Claro, eu preciso trabalhar” .....	37
2.2 “Pela primeira vez na vida, eu realmente ganhei dinheiro” .....	40
2.3 Degradação da experiência da Unidad Popular.....	43
2.4 Viagem a Coyhaique: o “ingresso” no MAPU-OC, resistência armada e defesa do governo da Unidad Popular.....	49
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>53</b>
3.1 “Toda vez que eu relatava esse pedaço da história do golpe, eu tinha pesadelos”: Golpe militar, clandestinidade e a busca por embaixadas .....	53
3.2 “La parte má triste de esa pesadilla”: Chegada na embaixada do Panamá, conflitos entre os asilados, trocas diplomáticas e a esperança nórdica. ....	69
<b>BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA E O DISCURSO DO EXILADO .....</b>	<b>76</b>
Memória, trauma, esquecimento: contar para ser lembrado.....	76
O lugar do exilado na justiça de transição. ....	80
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>
Bibliografia.....	83
Obras cinematográficas .....	86

## INTRODUÇÃO

Nas décadas de 1960 e 1970 a América Latina viveu a fase mais cruenta da guerra fria, resultado, em partes, da esquizofrênica política externa estadunidense. Segundo Tulchin (2016, p.92), com o fim da Segunda Guerra Mundial, a postura do governo norte-americano em relação à segurança nacional tornara-se cada vez mais maniqueísta, voltando suas atenções para os países latino-americanos, vistos como possíveis palcos de infiltração subversiva e ameaças à hegemonia capitalista norte-americana.

A partir da experiência adquirida com a derrubada do governo democraticamente eleito na Guatemala<sup>2</sup> em 1954 e após o triunfo da Revolução Cubana em 1959, houve uma intensificação da intervenção dos EUA no hemisfério, conspirações, financiamento, articulação conjunta com as elites locais, além da ação direta, foram algumas das formas utilizadas para derrubada de governos eleitos e instauração de regimes anticomunistas alinhados aos interesses dos Estados Unidos, afinal, não desejavam novas “Cubas”.

No Brasil, a vacilante – porém significativa – experiência democrática vivenciada desde 1945, que permitiu a ascensão de movimentos sociais e populares, começava a apresentar sinais ainda mais claros de decadência. Ainda que incipiente, a chamada “democracia populista” apresentou à história política brasileira um crescente acesso à cidadania e o princípio da “transição de uma democracia restrita para uma democracia de participação ampliada” (FERNANDES, 1980 p.113.). Nesse contexto, o primeiro quadriênio dos anos sessenta foi mais que ilustrativo, apresentando uma intensa politização do movimento estudantil, o surgimento de movimentos culturais (como o MCP em Pernambuco), maior atuação dos sindicatos e uma maior organização e mobilização no campo.

No entanto, o acirramento das contradições de classe, promovido pela maior participação política dos setores populares, nunca se mostrou tão evidente. A questão agrária era, nesse momento, talvez a maior querela da 3ª república brasileira, desvelando as mazelas da população rural, opondo aqueles que defendiam uma reforma agrária radical e os que defendiam uma reforma gradual, mediante indenizações em dinheiro, ou mesmo os que queriam a manutenção da arcaica estrutura fundiária brasileira.

---

<sup>2</sup> A Guatemala viveu entre 1945-1954 um crescente avanço em termos sociais. Com Jacobo Árbenz sucedendo Juan José de Arévalo e dando continuidade à política de reformas estruturais no sistema produtivo e na estrutura fundiária, entrou em choque direto com multinacionais estadunidenses, provocando uma intervenção direta do governo norte-americano para derrubada do presidente eleito. Sobre o golpe na Guatemala, conferir: GRANDIM, Greg. *A Revolução Guatemalteca*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2005. 136 p.

No Nordeste açucareiro, a *Troubled Land* da diretora Helen Jean Rogers, os conflitos no campo adquiriam contornos ainda mais cruéis, os terratenentes regiam seus domínios de acordo com suas próprias leis, não havia direitos para os trabalhadores rurais, muito menos para os camponeses, que assistiam impotentes seus pequenos pedaços de terra serem dragados pelo latifúndio. Nesse contexto, o surgimento das Ligas Camponesas<sup>3</sup> em 1955, sob a liderança de Francisco Julião, balançou as estruturas centenárias das relações sociais de poder no mundo rural.

Na década de 1960, já bastante estruturada e capilarizada pelo Nordeste, as Ligas alçavam voos ainda mais ousados. No 1º Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte no dia 17 de novembro de 1961, a vitória da tese defendida pela ala mais radical, liderada por Julião, era uma demonstração clara dos ânimos no campo. O advogado pernambucano bradava para 1.600 pessoas e diante do recém-empossado presidente João Goulart, “a reforma agrária será feita na lei ou na marra, com flores ou com sangue”.

O Nordeste se tornava o epicentro da disputa, um barril de pólvora como costumam dizer alguns historiadores. Segundo Jorge Ferreira (2019, p.408), “os conflitos de terra no interior se acirraram, sobretudo com o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira”<sup>4</sup>, líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba. Em Pernambuco, estado berço das Ligas, a situação tornara insustentável, a crescente projeção nacional – e internacional<sup>5</sup> – de Francisco Julião e das Ligas Camponesas incomodava cada vez mais a elite do estado, que há décadas era formada majoritariamente por industriais da cana-de-açúcar e senhores de engenho. Os embates saíam do plano político para o pessoal, as ameaças, prática comum utilizada para intimidar os

---

<sup>3</sup> É importante destacar que o movimento político conhecido como Ligas Camponesas, liderado e representado por Francisco Julião, teve início em 1955, no Engenho Galileia, localizado em Vitória de Santo Antão. Sua formação ocorreu a partir da SAPPP (Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco), uma entidade comunitária que reunia os camponeses residentes do engenho. A SAPPP atuava tanto na mediação de conflitos internos entre os camponeses quanto na defesa de suas demandas perante o senhor de engenho e os órgãos públicos. O nome Ligas Camponesas passou a ser utilizado após a entrada definitiva de Julião como representante legal e político do grupo. Essa distinção é relevante, pois já na década de 1940 existiam em Pernambuco movimentos camponeses vinculados ao PCB (Partido Comunista do Brasil), também denominados Ligas Camponesas. Entre eles, destacaram-se a Liga da Caxangá e a Liga da Iputinga, que se tornaram referências importantes no período.

<sup>4</sup> Sobre João Pedro Teixeira, cf. COUTINHO, Eduardo. *Cabra marcado para morrer*. 1984. 119 min. Mapa Filmes, 1984.

<sup>5</sup> A projeção internacional de Francisco Julião e das Ligas Camponesas se deu, em grande medida, pela figura de Alexina Crespo. Dirigente das Ligas Camponesas e ligada ao Partido Comunista Brasileiro, atuou como responsável pelas relações internacionais do movimento camponês, com passagens pela União Soviética, República Popular da China, Coreia Popular e Cuba. Para mais informações sobre a atuação de Alexina Crespo, conferir: ALVES, Giovana Rodrigues. *Protagonismo feminino nas Ligas Camponesas: análise da atuação política de Alexina Crespo nas décadas de 1950 e 1960*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em História – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

camponeses, passara agora a ser utilizada contra Julião e sua família. Segundo Cláudio Aguiar (2019, p.339), biógrafo de Francisco,

Adversários políticos não atacavam apenas no plano político. Partiam também para o ataque às famílias de camponeses, inclusive a de Julião. No início de 1961, ele recebeu ameaças de sequestro do filho mais novo, Anacleto, de 8 anos. Ficou desesperado, mas não sabia como evitar esse tipo de terrorismo. Julião diria, anos depois, que a informação chegara ao conhecimento de Fidel Castro, que, então, ofereceu-lhe 4 bolsas de estudos para seus filhos em Havana.

A relação de Julião com Fidel não era de toda nova, já havia estado em Cuba quando da viagem empreendida pelo então candidato Jânio Quadros em outubro 1960. Em abril do ano seguinte retorna mais uma vez à Ilha para aprender mais sobre a revolução e buscar apoio para as Ligas Camponesas. O advogado de camponeses e as Ligas já não eram apenas um assunto nacional, a ligação com Cuba e o trabalho de relações internacionais empreendido por Alexina Crespo, envolvendo tratativas com União Soviética, China e Coreia do Norte, acenderam um alerta no governo e na mídia estadunidense. Para se ter uma ideia, em outubro e novembro de 1960, o NY times publicou uma série de artigos sobre a extrema pobreza no campo e o “perigo” da organização camponesa no Nordeste do Brasil.

E foi nesse campo minado, com os pais profundamente envolvidos nas questões mais prementes do país, que, em julho de 1962, Anacleto Julião de Paula Crespo, aos 10 anos de idade, foi instado a deixar sua terra natal para ir viver a 6 mil km do Recife, na insurgente Havana. O farfalhar dos coqueiros e o grito dos ambulantes, além do doce cheiro dos jambos que abundavam no bairro da Caxangá, passariam a ser memórias distantes, um tênue fio de ligação entre Anacleto, sua terra natal e a sua infância interrompida (Figura 1).

Figura 1 - Julião, Alexina e filhos. Fim dos anos 1950.



Julião (centro) e Alexina (de camisa xadrez) com os filhos do casal Anacleto (inf. esq.), Anailde (sup. esq.), Anailde (sup. dir.) e Anatólio. No canto inferior direito, Moema, primeira filha de Julião, com a camponesa Rosa. Fonte: Acervo Família Julião. Fundo: Alexina Crespo. Data: c.1950.

Hoje, mais de sessenta anos depois, ainda recorda com clareza o clima que impulsionou sua saída:

O que havia era muita pressão contra a família, havia atentados, havia ameaças. Inclusive, uma das ameaças foi, até certo ponto, tragicômica, porque recebemos uma carta anônima, onde dizia que se Julião não deixasse de atuar nas ligas, com os camponeses, eles matariam toda a família e pendurariam enforcados em cada pé de pau do terreno lá da nossa casa, a começar pelo caçula. E, lamentavelmente, o caçula da família era eu!<sup>6</sup>

Anacleto afirma que ele e os irmãos sabiam bem o porquê estavam saindo do Brasil. Segundo ele, a responsável por essa consciência era Alexina, que não tinha pudor em conversar com os filhos sobre os assuntos políticos e a situação do país: “Ela sabia nos preparar. Ela sabia nos preparar para as dificuldades, para as ameaças [...]”<sup>7</sup>. A revolucionária, de acordo com Anacleto, havia lhes ensinado um pouco da história cubana, explicado sobre a revolução e até ensinado algumas músicas cantadas pelos partidários dos barbudos de Sierra Maestra, tentando minimizar um pouco do estranhamento que seria ocasionado pela nova realidade.

A chegada em Cuba não foi de todo tranquila, com o anúncio do caráter socialista da revolução houve uma mudança substancial do posicionamento da mídia e do governo

<sup>6</sup> Os relatos de Anacleto Julião sobre o período que passou no Chile foram colhidos entre os meses de setembro e dezembro de 2023. Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>7</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.



estadunidense acerca do movimento revolucionário em Cuba e dos seus líderes<sup>8</sup>, a lógica bipolar da guerra fria e o anticomunismo norte-americano não permitiriam que uma pequena ilha do caribe, a 150 km de Miami, se declarasse abertamente socialista. Na primeira metade do ano de 1961, a invasão frustrada à *Playa Girón* movimentava a ilha e alimentava o sentimento anti-imperialista e nacionalista dos cubanos, sentimento esse que afetaria profundamente os filhos de Alexina, que buscavam se integrar ao novo lar, como diz o próprio Anacleto, “queríamos viver como o povo cubano, defendíamos a revolução com unhas e dentes”<sup>9</sup>. Ainda em 61, o governo Kennedy impôs o embargo comercial total à Cuba, o que catalisaria o processo de carestia vivenciados nos anos seguintes.

Em fins de 1962, Anacleto e os irmãos conseguem, junto ao governo cubano, a possibilidade de passarem as férias escolares no Brasil, sentiam saudades de casa<sup>10</sup>, depois dessa ocasião só pisariam novamente em terras brasileiras 18 anos mais tarde, com o desenrolar da anistia. No retorno a Cuba, juntaram-se a eles mais duas crianças. Após o assassinato do líder camponês João Pedro Teixeira, na Paraíba, e a consequente desestruturação de sua família<sup>11</sup>, Julião articulou para que um dos filhos do paraibano, Isaac, também embarcasse para a ilha. Além dele, seguiu Luiz Albino, carinhosamente chamado de “Una”, filho de um caminhoneiro pobre e amigo de infância de Anacleto (Figura 2).

Figura 2 - Julião leva filhos a Havana: Ganham bolsas de Castro, fev/1963.



Da esquerda para direita: Isaac Teixeira, Anatilde, Anacleto, Francisco Julião, Anatailde, Anatólio e Luiz Albino. Matéria do jornal Tribuna da Imprensa. Fonte: JULIÃO leva filhos a Havana: Ganham bolsas de Castro. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 2.977, 18 fev. 1963. Capa, p. 1. Disponível em:

<sup>8</sup> Sobre o posicionamento da mídia diante da revolução cubana, conferir: BRITO, Luiz Felipe da Silva. A revolução cubana e o anticomunismo de Assis Chateaubriand no Diário de Pernambuco (1959 - 1961). 2022. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em História, Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

<sup>9</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Após a morte do líder camponês, jagunços a mando dos latifundiários Aguinaldo Veloso Borges, Pedro Ramos Coutinho e Antônio José Tavares, atentaram contra a vida de Pedro Paulo Teixeira, de 11 anos, filho de João Pedro. Conferir: CARVALHO, J. M. **Filho de João Pedro Teixeira Entre a Vida e a Morte!**. Última Hora. Recife, 1 de julho de 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/765147/150>.

[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pesq=%22Luiz%20Albino%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=12426](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pesq=%22Luiz%20Albino%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=12426)

Desde o primeiro momento após o embarque para terras estrangeiras, Anacleto passa a ser um exilado, embora ainda não soubesse o que isso significava, esse entendimento só se daria com o passar dos anos no exílio. Segundo a historiadora Denise Rollemberg (1998), autora cuja elaboração sobre o fenômeno exiliar ajuda a embasar este texto, a definição do conceito de exílio é um tanto complexa. Enquanto categoria jurídica, para os órgãos internacionais, o exilado é um refugiado, e sua tipificação foi definida após a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), na convenção de Genebra de 1951. A elaboração afirma que é considerado refugiado, qualquer pessoa que:

Em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.<sup>12</sup>

Dessa forma, a saída do Brasil impulsionada pela grave ameaça à sua existência e a impossibilidade de manutenção de uma vida segura na sua “residência habitual”, ocasionada pela atuação política de seus genitores, Anacleto passa, segundo a convenção, a ser um refugiado. No entanto, porque o uso do termo “exilado” e não apenas “refugiado”? Para Rollemberg (1998, p.44), o que diferencia o exilado dos demais tipos de refugiado é o caráter invariavelmente político do refúgio, além disso, de acordo com a amostra utilizada pela autora, o termo “refugiado” é plenamente negado pelos exilados, pois carrega em si uma certa vitimização, generalizando a situação de desterro, destituindo o caráter político e de agência do desterrado.

Antecipando qualquer crítica que porventura possam fazer sobre a instituição do termo exilado para Anacleto e seus irmãos, afinal de contas, deixaram o Brasil pouco mais de 1 ano<sup>13</sup>

<sup>12</sup> **CONVENÇÃO relativa ao Estatuto dos Refugiados.** Genebra, 28 de julho de 1951. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)

<sup>13</sup> Para que seja possível formatar uma linha do tempo concisa, segue algumas datas de interesse: Janeiro de 1962, Anatailde e Anatilde embarcam para estudar em Cuba, depois de passarem pela URSS e Coreia de Norte; Julho de 1962, seguindo o passo das irmãs mais velhas, Anatólio e Anacleto deixam o Brasil com direção à ilha caribenha; Nov/Dez de 1962, os filhos de Julião conseguem, por meio de Fidel Castro, a possibilidade de passarem natal no

antes do golpe civil-militar e, oficialmente, não havia uma “formalização” do desterro, utilizamos novamente Denise Rollemberg (1998, p.44-45), que cinzela a definição do exílio e afirma que o exilado

pode ser expulso formalmente – como banido, por exemplo – ou ser informalmente “empurrado para fora”, devido às perseguições e ameaças do aparelho repressor. Nestes casos, a partida é a própria garantia da sobrevivência física. Mas há também situações em que, por não suportar o regime, os cerceamentos e o ambiente autoritário a que o país está submetido, o indivíduo acaba por partir.

Destarte, a despeito da sua pouca idade, não há dúvidas sobre a legitimidade da aplicação do conceito de exilado para Anacleto nesse primeiro momento de desenraizamento. No entanto, toda e qualquer objeção cai por terra a partir da virada de mesa pelos militares em 1964. Ainda que não seja o objetivo deste trabalho, tecer alguns comentários sobre o golpe civil-militar se torna imperativo justamente por esse evento marcar, na história de vida do nosso personagem, um ponto de virada para sua compreensão sobre o exílio.

O golpe, além de derrubar o governo de João Goulart e abortar a ampliação da democracia brasileira, instaurou uma série de práticas para a supressão, silenciamento e extinção dos opositores do regime então instalado. Dentre as diversas violações de direitos-humanos, incluindo perseguições, prisões arbitrárias, ausência de habeas-corpus, tortura e desaparecimento forçado, o desterro passa a ser uma medida comum no período em que imperou a legalidade repressiva. Segundo Silva (2015, p.49), o exílio se torna um “mecanismo regulatório da vida pública com funcionalidade repressiva institucionalizada como generalizada e persistente, ainda que inconstante, e de caráter transnacional na América Latina”. Nesse sentido, cabe ao governo autoritário a decisão de quem tem o direito de ficar e quem deve sair da “pátria” ou, como no caso de Anacleto, quem pode ou não regressar.

Essa demonstração de poder sobre o direito fundamental de “ir e vir” do indivíduo se apresentou a nosso personagem de forma cabal quando da negativa de emissão dos seus documentos pela representação do governo brasileiro em Cuba que, após o golpe militar de 1964 e o rompimento dos laços diplomáticos, atuava através da embaixada Suíça. Em uma de

---

Brasil; Fevereiro de 1963, Anatólio e Anacleto embarcam novamente para Cuba, acompanhados agora de Luiz Albino e Isaac Teixeira, as irmãs já haviam regressado; Março de 1964, Alexina viaja para Cuba com a intenção de organizar o casamento de Anatailde, ocorre o golpe militar no Brasil e ela permanece na ilha.

suas memórias, Anacleto inicia a descrição desse acontecimento com a seguinte pergunta “E por que nós nos tornamos exilados?”<sup>14</sup>, e continua:

Por uma razão bem simples, os nossos passaportes foram entregues ao governo cubano, não sei o que foi feito deles. Nós fomos à embaixada da Suíça para requerer nosso passaporte e a resposta foi “você não são bem-vindos ao Brasil. Você são personas non-gratas”. Então, a partir desse momento, eu só tinha minha certidão de nascimento brasileira, velhinha, velhinha. Mas eu era brasileiro, estava ali minha certidão e isso me trazia certa tranquilidade.<sup>15</sup>

Figura 3 - Fotografias para passaporte Dez/61 - Jan/62.



Sup. (da esquerda para direita): Anatailde e Anatilde; Inf.: Anacleto e Anatolio. Fonte: Acervo Família Julião. Fundo: Alexina Crespo. Data: Dez/61 - Jan/62.

Embora o relato desse momento pertença ao terreno da lembrança, o fato da negativa de expedição da documentação brasileira de Anacleto está registrado em diversos documentos produzidos pela repressão. Em mais de um caso, é mencionada a tentativa de requerimento de passaportes pelos filhos de Julião em Cuba, que por diversas vezes “tencionariam regressar ao

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao programa “Alexandre Santos convida” no ano de 2022 e transcritas pelo autor. Lista de reprodução da entrevista na íntegra disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=phusfajkj4&list=PLY6fx-EDU9Td2HrCLizim\\_PcBerXPXb\\_](https://www.youtube.com/watch?v=phusfajkj4&list=PLY6fx-EDU9Td2HrCLizim_PcBerXPXb_)

<sup>15</sup> Não há explicação formal sobre o destino dos passaportes entregues ao governo cubano. Em uma conversa, Anacleto especula que eles tenham sido reaproveitados por brasileiros em treinamento guerrilheiro em Cuba. Ibidem.

Brasil pela via legal” [sic.]<sup>16</sup>. Ao negar a expedição de documentação brasileira, tornando a desgastada certidão de nascimento a única comprovação da sua origem, e esgotando sua possibilidade de retorno, o governo militar chancela a situação de exilado de Anacleto, que passa a encarar a própria condição sob outros critérios, seu regresso era agora oficialmente vetado.

\*\*\*\*\*

Tendo sido apresentados, brevemente, a origem e o contexto propulsor do exílio do protagonista desta história, ainda cabe nesta introdução alguns apontamentos sobre o método e as ferramentas das quais lançamos mão neste trabalho. A escolha do método biográfico para guiar a tessitura deste texto se deu pela compreensão de que o caso de Anacleto Julião, se somando ao rol de narrativas de memória de outros exilados brasileiros, permite o escrutínio de diferentes dimensões do fenômeno do exílio dadas as suas particularidades, afinal de contas, assim como afirma Vasquez (apud Rollemberg, 1999, p.46), devemos “interpretar os exilados para compreender o exílio”. Ademais, na contramão do que afirma Pierre Bourdieu (2006, p. 184) em seu artigo “A ilusão biográfica” — no qual questiona a validade dos trabalhos biográficos por partirem do pressuposto de que

a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma "intenção" subjetiva e objetiva, de um projeto: a noção sartriana de "projeto original" somente coloca de modo explícito o que está implícito nos "já", "desde então", "desde pequeno" etc. das biografias comuns ou nos "sempre" ("sempre gostei de música") das "histórias de vida".

Acreditamos na habilitação do gênero como ferramenta de investigação de grande potencial heurístico, sobretudo quando o tema tratado diz respeito às identidades, traumas e vivências de situações limite, como evidência Michel Pollak (1986) e Livia Salgado (2020). Não se trata, no entanto, de tomar a biografia e as histórias de vida como narrativas teleológicas com o fim único de confeccionar artificialmente uma unidade dos acontecimentos, mas sim de, justamente nos seus descaminhos, omissões e tentativas de criar coesão, encontrar a possibilidade de historiciza-las e problematiza-las.

---

<sup>16</sup> Documento produzido pelo Centro de Informações do Exterior (CIEX), 16/08/1971. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_z4/dpn/pes/pfi/0272/br\\_dfanbsb\\_z4\\_dpn\\_pes\\_pfi\\_0272\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/pfi/0272/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_pfi_0272_d0001de0001.pdf)

Dessa maneira, a metodologia empregada no trabalho será a construção crítica de uma narrativa biográfica a partir da análise e do cruzamento de dados entre as fontes, sendo elas: a fonte produzida pelo método da história oral, sob o formato de entrevista de história de vida<sup>17</sup>, tomando como base as diretrizes estabelecidas por Verena Alberti, no Manual de História Oral, do CPDOC<sup>18</sup>; a documentação proveniente dos órgãos da comunidade de informação da Ditadura Militar Brasileira, sendo privilegiado o Centro de Informações do Exterior (CIEEX) e a Divisão de Segurança e Informação do Ministério de Relações Exteriores (DSI/MRE), disponíveis para consulta online no site do Arquivo Nacional e, por fim, o rico acervo do arquivo pessoal de Anacleto Julião, que compreende desde um interessante epistolário até arquivos audiovisuais.

Seguindo esses procedimentos, estabelecemos um compromisso narrativo-analítico com o leitor, fazendo-se a tessitura da narrativa biográfica de forma respeitosa com o personagem em questão, buscando estabelecer as pontes entre a história pessoal, relatada nas entrevistas, e aquilo que Halbwachs denominou *quadros sociais da memória*, balizas referenciais que operam na organização das recordações. Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso cujo espaço para o desenvolvimento do tema é limitado, optamos por um recorte temporal da trajetória do personagem, com foco no período do seu exílio no Chile (1971-1973), sendo o primeiro capítulo dedicado à sua saída de Cuba e a chegada à terra andina, as dificuldades encontradas, o contexto político da sua chegada, os mecanismos de sobrevivência adotados por Anacleto e sua família. No segundo capítulo, abordaremos a sua estabilidade e integração na sociedade chilena, a degradação da experiência da *Unidad Popular*, a reorientação do sentido da militância. No terceiro capítulo, trataremos sobre o golpe militar, a clandestinidade e a vivência nas embaixadas, momento anterior ao novo exílio. Por fim refletiremos brevemente sobre as (re)elaborações da memória, sobre o trauma e as experiências de situações limite, em uma análise diacrônica, discutiremos sobre a construção do discurso do exilado e o lugar dos indivíduos que sofreram o desterro na justiça de transição.

---

<sup>17</sup> O formato de entrevista de história de vida consiste em permitir que o entrevistado discorra livremente sobre a totalidade de sua existência, seguindo a ordem em que as reminiscências afloram em sua mente. Ainda assim, foi elaborado um itinerário de entrevista que, longe de limitar ou circunscrever apenas um tema, buscava estimular os mecanismos de memória por meio de perguntas mais gerais, oferecendo um guia ao qual o entrevistado poderia recorrer, caso desejasse. Dessa maneira, empregamos esse formato na produção dos depoimentos de Anacleto, retornando a um ou outro ponto sempre que foi necessário esclarecer alguma questão.

<sup>18</sup> Verena Alberti entende a H.O. não como uma disciplina à parte, isolada, mas como “método-fonte-técnica” (ALBERTI, 2013, p. 24). Trata-se de uma ferramenta potente, cujo resultado da sua aplicação transita em terreno multidisciplinar, capaz de aproximar investigador e objeto de estudo. Ademais, compreende que os relatos produzidos a partir do método não respondem ao anseio positivista de alcançar o passado “tal como ocorreu”, mas sim às formas como foi apreendido e interpretado pelos que vivenciaram os acontecimentos.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 A esperança via Chile ou um Brasil cada vez mais longe

Nós tínhamos uma reunião familiar, normalmente mensal, ou quando necessário, para organizar a casa. Era muita gente numa casa só, eu acho que éramos umas 18 pessoas no total. E tinha que dividir as tarefas, tratar de resolver, se houvesse algum conflito. Nunca houve um conflito mais sério, porém sempre existe, não é? uma discussão, uma cara feia... E aí a gente fazia uma reunião para acalmar todo mundo e ficava tudo bem. Acontece que, em uma dessas reuniões, decidimos voltar para o Brasil. A intenção? Quanto ao objetivo dessa volta ao Brasil, cada um tinha seu pensamento e se respeitava o pensamento do outro, mas o meu pensamento sempre foi me engajar na luta revolucionária. Já Anatólio me chamava a atenção, dizia "olha, é muito difícil isso, porque nós sabemos, já ouvi, já tivemos aqui com os exilados brasileiros e a gente sabe que a guerrilha urbana está sendo esmagada e a guerrilha rural [...]" Na verdade, nunca teve uma força grande, ou surgiu como uma alternativa viável. Inclusive, com a morte de Lamarca, que defendeu mais essa tese, e dos companheiros que foram derrotados. Mas, a alternativa que nós tínhamos, dada pelos companheiros de Cuba, era que a forma mais simples de chegar ao Brasil naquele momento seria o Chile, porque Salvador Allende havia ganho as eleições e havia tomado posse.<sup>19</sup>

A esperança de retorno ao país de origem é o sonho que acomete todo exilado. Segundo Rollemberg (1998, p. 54), a expectativa da volta, a ideia de que o exílio seria apenas um breve intervalo, um curto interregno entre o momento da saída e o momento do retorno, atinge de forma distinta as diferentes gerações que se depararam com o desterro. Para a geração exilada logo após o golpe de 1964, que contava com políticos experientes, profissionais já estabelecidos e membros do governo deposto, o exílio duraria apenas o tempo da reorganização das forças políticas no país, após esse reordenamento, os militares voltariam para caserna e o retorno estaria garantido. Com o passar dos anos, o entendimento de que o exílio seria um evento de curta duração foi se afastando cada vez mais, impondo aos indivíduos a reorganização da vida, e um estabelecimento mais duradouro no país de acolhida.

Para a geração de 68, entretanto, o exílio era visto de uma forma um pouco distinta. Sendo a geração gestada principalmente nas lutas estudantis pós-64 e na resistência ao regime, entendia-se o momento do exílio como exclusivamente provisório, um tempo de preparação e

---

<sup>19</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

reorganização para se reincorporar à luta no Brasil. Ainda segundo Rollemberg (1998), foi essa concepção do caráter completamente transitório do exílio que reforçou a não-integração ou integração limitada desses personagens nas sociedades de acolhida. Foi essa a geração da resistência armada, da clandestinidade, da guerrilha rural e urbana, do sonho revolucionário, do treinamento na Coreia do Norte e em Cuba, foram seus integrantes que travaram contato com a família de Paula Crespo<sup>20</sup> em Havana e ajudaram a moldar o pensamento do nosso personagem<sup>21</sup>.

Tivemos muitos companheiros que passaram por Cuba e que foram à nossa casa. O próprio Marighella esteve lá em conversações com Alexina. O Che Guevara recebeu uma série de orientações dadas por Alexina no sentido de onde estavam os núcleos das Ligas Camponesas mais fortes e onde se havia preparado o terreno para uma luta armada. Marighella esteve lá. Inclusive, recebeu uma carta de Julião colocando-se a inteira disposição pra o enfrentamento armado e Marighella lhe respondeu que ele aguardasse. Ele só poderia ter uma pessoa como o Julião no Brasil quando tivesse suficiente infraestrutura para mantê-lo vivo. Para mantê-lo vivo. E el Che se sentava com a Alexina para ver o mapa do Brasil, etecétera e tal. O que nos leva a crer que ele queria sentar uma base guerrilheira na Bolívia, mas intenção dele era entrar ao Brasil. Se supõe isso. Estou dizendo que os planos não foram ditos claramente. O Betinho esteve lá também. Betinho era maoísta. Nos influenciou muito, porque reunia os jovens e crianças para conversarmos sobre formas armadas de se tomar o poder e nós começamos a aprender também sobre a resistência e os possíveis alvos a serem tomados. É, o Betinho não é esse santo que o pessoal acredita..., Mas ele era, ele era um santo. [...], mas era uma pessoa de uma fibra extraordinária. E por aí fomos e estávamos a disposição, porém, sempre nos diziam, todos eles "olhem, vocês são muito jovens, estudem, aguardem que o momento de todos nós vai chegar". E nós nos empenhamos para isso.<sup>22</sup>

Segundo Anacleto, após o 31 de março de 1964, era por meio dessas visitas que conseguiam informações sobre Brasil. Esse “intercâmbio” brasileiro em Cuba, juntamente com

---

<sup>20</sup> Quando nos referimos à família “de Paula Crespo”, estamos falando dos descendentes de Alexina Lins Crespo e Francisco Julião Arruda de Paula. Cabe mencionar que em Cuba e no Chile, como posteriormente na Suécia, somente Alexina seguiu em companhia dos filhos. Francisco Julião permaneceu no México durante todo o exílio.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Entrevista concedida ao programa “Alexandre Santos convida” no ano de 2022 e transcritas pelo autor. Lista de reprodução da entrevista na íntegra disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=phusfajkj4&list=PLY6fx-EDU9Td2HrCLizim\\_\\_PcBerXPXb\\_](https://www.youtube.com/watch?v=phusfajkj4&list=PLY6fx-EDU9Td2HrCLizim__PcBerXPXb_); Marighella ainda que fosse um político experiente, exercendo mandato anterior ao golpe militar de 1964, compartilha concepções e práticas políticas comuns da geração de 68; Sobre visita de Marighella à família de Paula Crespo, conferir: MAGALHÃES, Mario. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



a formação familiar<sup>23</sup> e as formulações propostas pelo modelo cubano, constituíram o caldo de cultura política que conforma o pensamento de Anacleto Julião. Conhecer esse rol de influências é de suma importância para entender as decisões tomadas, as estratégias adotadas para sobrevivência e manutenção da militância como, por exemplo, a de tentar retornar ao Brasil via Chile para integrar os movimentos revolucionários de resistência à ditadura militar.

## 1.2 A Travessia

O cargueiro seguia seu curso em direção à Valparaíso, singrando um oceano que de tão plácido fazia jus a seu batismo. Marcava 23:09, horário de Santiago<sup>24</sup>, a calmaria que até então era lei desta odisséia foi estancada por um estampido acompanhado de um grave solavanco: “foi uma batida tão forte que deixou a embarcação sem luz e sem a maquinaria necessária para navegação por um bom tempo”<sup>25</sup>. Via-se ao longe, demarcando a silhueta da costa, pequenas luzes tremulantes de um tom alaranjado que contrastavam com a densa e azulada neblina que encobria o navio à deriva<sup>26</sup>.

\*\*\*\*\*

Então nós fomos num barco, o primeiro barco que transportava açúcar de Cuba para o Chile. E nós podíamos ir nesse barco com um passaporte de uma viagem só, não era um passaporte em si, era simplesmente uma folha dobrada onde tinha nossos dados e nossa fotografia, e que valia somente para a viagem de Cuba para o Chile.<sup>27</sup>

Para quem é afeito a presságios e arte divinatória, a calmaria que precedeu o tremor na travessia de Cuba para Chile poderia muito bem ser compreendida como o prenúncio dos anos

<sup>23</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023; JULIÃO, Anacleto. **Quien so yo!**, Acervo Particular Família Julião. 1977.; Em entrevista publicada em 1961, Francisco Julião afirma “Tenho quatro filhos: dois casais. Anailde, de 15 anos, que quer aprender línguas orientais. Anailde, de 17 anos, quer estudar medicina. Tanto elas, como Anatólio (11 anos) e Anacleto (9 anos) são socialistas natos como o pai. Lá em casa não há problemas ideológicos”. Conferir. LEONAM, Carlos. **Julião anuncia: vêm ai as Ligas Urbanas!** Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1961. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pesq=%22Anailde%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=6227](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pesq=%22Anailde%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=6227).

<sup>24</sup> SÉRIE de abalos atinge 21 localidades no Chile. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1971. América Latina, p. 8. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=2637703968927&pagfis=213880](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=2637703968927&pagfis=213880)

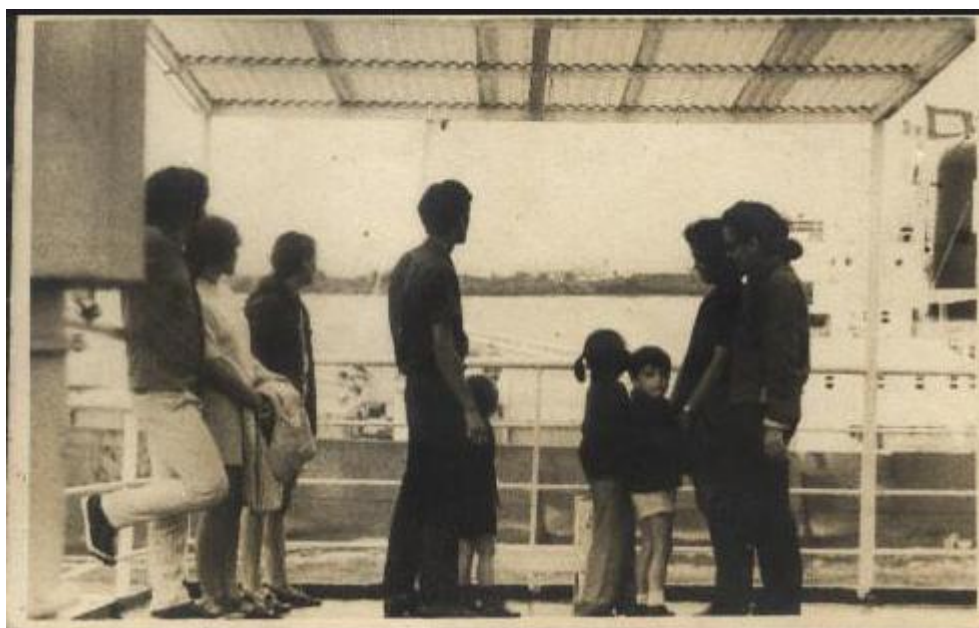
<sup>25</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>26</sup> Ibidem.; SÉRIE de abalos atinge 21 localidades no Chile. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1971. América Latina, p. 8. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=2637703968927&pagfis=213880](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=2637703968927&pagfis=213880)

<sup>27</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

vindouros. Anacleto, aos 19 anos, casado e com um filho, decide com a sua família sair da ilha caribenha para o país transandino (Figura 5), com a intenção clara e definida de retornar ao Brasil. A viagem, segundo consta no relato do nosso personagem, foi uma oferta do governo Cubano que autorizou o embarque da família no primeiro cargueiro que transportaria açúcar para o Chile, que após a vitória da Unidad Popular, reatou as relações com Cuba, permitindo assim a retomada do comércio<sup>28</sup>.

Figura 4 - Família cruza canal do Panamá, 1971.



Da esquerda para a direita: Anatólio e Jenny (mexicana, sua primeira esposa); Lourdes (norte-americana, primeira esposa de Anacleto), Anacleto e o filho Andes; Alexina e Anaximandro (filhos de Anatailde), Anatailde e Alexina Lins Crêspo. Fonte: Fonte: Acervo Família Julião. Fundo: Alexina Crespo. Data: Jul/1971.

Anacleto não se estende ao narrar a travessia em si, mas recorda bem da rotina do navio, onde faz questão de reiterar o trabalho voluntário, prática comum e valorizada pela doutrina socialista cubana: “durante a viagem, nós fizemos trabalho voluntário no barco. Foi pouco, mas fizemos. Descascando o casco do barco onde estava desgastado pela maresia, que estraga muito os metais. E fomos convivendo com os trabalhadores, com o capitão, os marinheiros e toda essa gente”<sup>29</sup>. O desembarque no porto de Valparaíso teve seu início adiado devido ao forte terremoto

<sup>28</sup> Entre um dos seus primeiros atos como presidente, Salvador Allende adota a chamada política externa independente, reatando os laços diplomáticos com Cuba, República Democrática Alemã, Coreia do Norte, China, Vietnã, entre outros.

<sup>29</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

que atingiu o Chile em 8 de julho de 1971<sup>30</sup>, o abalo sísmico foi o mais intenso em décadas, atingindo a cifra de 7.8 de magnitude na escala Richter, com o epicentro em Illapel, tendo sido a cidade de Valparaíso a mais afetada. O saldo de mortes chegou próximo da centena, milhares foram os feridos e desabrigados. As luzes que Anacleto observava do navio eram de pequenas fogueiras que além de aplacar o frio agudo do mês de julho, iluminava a cidade que se encontrava à escuras, sem abastecimento de energia.

Foi esse o primeiro contato travado com o Chile. Apesar do cenário devastado da chegada, o ano de 1971 havia começado de vento em popa para o governo da UP. A intensa mobilização política levada à cabo pelos movimentos populares, impulsionava e encorajava o governo a implantar as reformas defendidas durante a campanha eleitoral do ano anterior. Políticas de assistência alimentar como a do *medio litro de leche*<sup>31</sup> gratuito por dia para crianças, a criação das áreas de interesse social, a aceleração da reforma agrária iniciada no governo Eduardo Frei e a promulgação da lei 17.450, que versava sobre a nacionalização do cobre, demanda histórica do povo chileno, justificava a popularidade de Allende e das propostas da *Unidad Popular*. A boa avaliação do projeto socialista chileno se mostrou ainda mais clara nas eleições municipais de abril daquele ano. De caráter plebiscitário, o projeto unificado das esquerdas no Chile conquistaria a maioria absoluta dos votos, no que seria a primeira prova de fogo do governo socialista. Iniciava-se com logro e otimismo aquilo que depois viria a ser chamado de *experiência chilena*, evento marcado pela tentativa de aplicação da *via chilena ao socialismo*<sup>32</sup>, que suscitava críticas e esperança na esquerda latino-americana.

O projeto era inovador, apresentava uma alternativa aos modelos revolucionários alvitados até então. O modelo foquista cubano, praticamente hegemônico nas esquerdas do continente, era fortemente contrastado com a proposta Allendista. O presidente chileno repugnava a violência e não buscava confronto direto com a burguesia, ainda que não se ajoelhasse diante de suas demandas, segundo Moniz Bandeira (2023, p.279)

embora apoiasse a revolução cubana, julgava inviável a estratégia da luta armada no Chile, um país onde a democracia funcionava e a esquerda constituía, realmente, uma alternativa de poder. Parecia convencido de que poderia implantar o

---

<sup>30</sup> TERREMOTO no Chile e Argentina leva pânico à população. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 9 jul. 1971. 1º Caderno. América Latina, p. 11. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=478530657406&pagfis=213842](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&Pesq=%22Terremoto%22&id=478530657406&pagfis=213842).

<sup>31</sup> Meio litro de leite.

<sup>32</sup> A chamada *experiência chilena* foi como se conceituou o período de governo da Unidad Popular (1970 – 1971), se caracterizando pela tentativa de aplicação da *via chilena ao socialismo* que, por conseguinte, se configurava como o projeto de aplicação do socialismo preservando as instituições e em democracia.

socialismo em liberdade, na democracia, mantendo o pluralismo, dentro da Constituição [...]

O Chile, desde a formação do seu Estado Nacional, conseguiu constituir uma tradição de institucionalidade e estabilidade, que permitiram o bom funcionamento da máquina pública e certa eficiência na resolução dos conflitos sociais internos, dentro das normas do Estado. Diferentemente de outras repúblicas latino-americanas, as elites políticas chilenas ajustavam o compasso do poder por meio de acordos intraclasses, sem recorrer à guerra, seguindo as regras da própria política. Obviamente, a manutenção dessa “ordem institucional” não se deu a custo zero: sustentou-se, em grande medida, na repressão às camadas mais pobres da sociedade e, principalmente, aos povos originários, especialmente os Mapuches. Ainda assim, a estabilidade política e a liberdade garantida por lei tornaram o Chile um país de destino para exilados desde o século XIX. Passaram por suas terras, por exemplo, intelectuais argentinos da Geração de 1837, como Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, ambos opositores ao regime de Juan Manuel de Rosas. Dessa maneira, com sua estratégia original de implementação do socialismo, o país andino constituía um lugar de acolha<sup>33</sup> por excelência para as numerosas levadas de exilados provenientes das ditaduras circunvizinhas, se tornava um destino por identificação, pela curiosidade, pela proximidade dos outros países e sua longa extensão, mas principalmente pelas boas perspectivas de manutenção da vida e da militância promovidas pelo governo da UP. Definitivamente, a esperança surgia nas asas do condor, símbolo pátrio do Chile.

Passados os primeiros dias depois do terremoto, com o navio já atracado ao porto de Valparaíso, a família de Paula Crespo aguardava pacientemente o contato de algum representante da embaixada cubana para recepcioná-los. Findado desembarque da carga de açúcar, o cargueiro precisava regressar à ilha e a família se viu diante de uma encruzilhada:

Nós aguardamos no barco, aguardamos alguns dias e o Capitão do barco nos colocou o seguinte: que, quando terminasse de descarregar o açúcar, eles voltariam para Cuba. E que, se nós quiséssemos, já que estávamos ali paralisados, ele nos levaria de volta a Cuba. Mas havia duas questões aí que nós discutimos e foi unânime, pensamos "nós solicitamos ao governo de Cuba que viessemos para mais perto do Brasil e estamos aqui no Chile. Seria até mesmo uma desfeita ou uma desonra voltar para Cuba. Nós vamos ficar aqui e vamos enfrentar o que seja".<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Ainda que a palavra “acolha” não exista no dicionário da língua portuguesa, a historiadora Denise Rollemberg optou por adotar o termo dada a grande recorrência de sua utilização no depoimento dos exilados. Aparentemente, a palavra, fruto do neologismo dos desterrados, transportava maior sentido político do que os termos convencionais “acolhida” e “acolhimento”.

<sup>34</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

Prego batido ponta virada, iriam permanecer no Chile. De acordo com o relato, Anatólio, irmão de Anacleto, explanando a situação da família para um senhor que era membro do Partido Comunista Chileno que casualmente visitava o navio, conseguiu deste a promessa de um lugar para ficar em Santiago enquanto se estabeleciam melhor, oferta bem-vinda e aceita pela família.

Ao saírem definitivamente do navio, tomaram um ônibus em direção à Santiago. Cortando a rota 68, a família fitava através da janela do coletivo o matorral chileno, cuja vegetação se distinguia enormemente da quente e paradisíaca paisagem caribenha com a qual se acostumaram em Cuba. Chegando à capital do país andino, se direcionaram para a Alameda Libertador Bernardo O'Higgins, principal avenida de Santiago, onde se hospedaram no Hotel Windsor<sup>35</sup>, nas proximidades do Cerro de Santa Lucía. Um pouco mais ambientados, começaram a procurar a o local que o senhor chileno havia prometido:

No dia seguinte, ou dois dias depois de estarmos no hotel, começamos a procurar a casa que esse senhor havia nos oferecido. E era uma casa muito antiga, quando havia qualquer pequeno tremor de terra, caía poeira ou pó do telhado. A casa não tinha nenhum tipo de móvel, estava totalmente vazia. As portas não fechavam corretamente, acho que por consequência dos muitos terremotos que haviam passado. Era uma casa que tinha um corredor onde ficavam 4 ou 5 quartos, depois desses 4 ou 5 quartos, descambava na cozinha e num banheiro. Era uma casa que tinha um quintal no meio e, ao lado da nossa casa, dividindo esse terreno somente por um jardim tinha um pé de uva muito grande, muito grande mesmo, deveria ter décadas. Era um quintal interno, onde havia esse pé de uva verde, que era uma maravilha. Eu nunca tinha comido tanta uva na minha vida<sup>36</sup>

A casa ficava na comuna de *La Recoleta*, em uma vizinhança pobre ao norte do centro de Santiago, e oferecia tão somente um teto para que não dormissem ao relento. A ausência de uma estrutura básica para que Anacleto e sua família se mantivessem abrigados minimamente confortáveis foi um dos primeiros desafios enfrentados nesse momento de chegada, a inadequação da roupa e o clima temperado de Santiago dificultavam ainda mais adaptação:

Fazia muito frio, não estávamos acostumados com o frio que tem no Chile [...]  
Cada casal, no caso de Anatólio e meu, e no caso também da nossa mãe e de Anatailde

<sup>35</sup> Ibidem; Informação também no documento expedido pelo relatório CIEX nº299 16/08/1971, disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_z4/dpn/pes/pfi/0272/br\\_dfanbsb\\_z4\\_dpn\\_pes\\_pfi\\_0272\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/pfi/0272/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_pfi_0272_d0001de0001.pdf)

<sup>36</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

e das crianças, tinha um quarto [...] jogávamos toda a nossa roupa no chão, cada um no seu quarto, e dormíamos assim, dormíamos no chão com a roupa como cobertor e como cama, digamos. Anatólio foi procurar emprego, então nós tomamos todas as nossas roupas e vendemos, aliás, fizemos uma troca, não foi nem compra, mas uma troca. Nós trocamos toda aquela quantidade de roupa, que realmente não era nada típico do Chile, mas uma roupa comum de um clima tropical, por um paletó, uma camisa, uma calça e um revólver, que conseguimos também. E todos nós saímos atrás de emprego.<sup>37</sup>

Diante dessas desventuras, a questão financeira os impelia a sair às ruas atrás de alguma atividade que lhes oferecesse um meio para subsistir, as economias trazidas de Cuba não eram muitas e, com exceção de Anatailde, a pouca idade e a ausência de uma formação profissional dificultava ainda mais o estabelecimento no país. Esse tipo de problema, identifica Anacleto à leva de exilados que compreendia a geração de 1968, segundo a qual, de acordo com Rollemberg (1998), enfrentava dificuldades econômicas por ser formada majoritariamente por jovens sem qualificação ou estudantes com formação incompleta e sem experiência no mercado de trabalho.

### **1.3 “Nós vamos nos valer por nós mesmos”<sup>38</sup>: redes de solidariedade, ajuda governamental e sobrevivência**

Não demorou muito, após a procura, para que alguns membros da família encontrassem emprego. Anatólio foi o primeiro a obter êxito, conseguindo um trabalho na editora Quimantú, empresa editorial pública que, naquele período, editava e publicava os grandes clássicos da literatura, além de obras de cunho sociológico, histórico e político, sempre a preços módicos. Na editora, Anatólio conheceu um brasileiro, apresentado como “Macedo”, que sugeriu que a família procurasse “a extraordinária, fantástica caixinha”<sup>39</sup>, uma associação de brasileiros no Chile.

A caixinha, apelido dado à Associação Chileno Brasileira de Solidariedade (ACBS), era uma entidade formada por exilados brasileiros após o golpe de 1964, em sua maioria da primeira

---

<sup>37</sup> Ibidem.

<sup>38</sup> Fala atribuída à Alexina Crespo rememorada por Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>39</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023. Pela adjetivação ao rememorar da “caixinha”, é possível inferir o impacto que a atuação dessa associação teve na vida de Anacleto, provocando uma certa ternura na elaboração do seu relato.

leva e que possuíam cargos nos órgãos internacionais sediados no Chile, como ONU, CEPAL, OIT etc., e que prestava socorro financeiro e auxílio nos trâmites para emissão de documentação e fixação de residência legal no país, cuja figura de proa era José Cardoso Ferreira, dirigente do PCB exilado após o golpe de 64. Para se ter uma breve noção dos números e da relevância da associação, segundo relatório do CIEX, de 07 de fevereiro de 1973, a entidade auxiliava cerca de 4 mil exilados naquele ano, possuindo em caixa uma cifra de 80 mil dólares, 3 milhões e 400 mil reais na cotação atual. Ainda segundo o documento:

A ACBS já dispendeu em 1972 cerca de um milhão de escudos em auxílio financeiro a subversivos brasileiros e seus familiares. Por volta de 172.000 (cento e setenta e dois mil) escudos foram gastos em passagens e cerca de 50.000 (cinquenta mil) escudos em salários. Para 1973, a ACBS pretende gastar a soma aproximada de 700.000 (setecentos mil) escudos para impressão de publicações contra o Brasil.<sup>40</sup>

O relatório ainda reitera o apoio do Conselho Mundial das Igrejas à organização, apontando a doação de 150 agasalhos para os exilados brasileiros, consta também a atuação de Frei Tito de Alencar Lima para arrecadar donativos nos países europeus.

Cabe ressaltar, neste tema das redes de solidariedade e apoio aos exilados, a evolução da historiografia sobre o assunto. Tratamos como evolução e não como divergência, dado ao crescente acesso à documentação produzida pela ditadura brasileira – muito por conta da correta aplicação da Lei de Acesso à Informação<sup>41</sup> –, contato negado àqueles que primeiro tentaram refletir e produzir teoricamente acerca do exílio. Considerada a produção brasileira mais significativa sobre a matéria, a obra “Exílio: entre raízes e radares”, da já citada Denise Rollemberg, não obstante mencione a existência e atuação da “caixinha”, afirma a ausência de uma estrutura de acolhida aos exilados no Chile, segundo a autora (1998, p.107) “os exilados iam chegando e se instalando na casa de outros exilados. Recorriam a economias próprias, de parentes, amigos ou organizações políticas.”, ademais, ressalta o não envolvimento direto do governo da UP, enquanto Estado, na ajuda aos desterrados.

Já para Cristiane Medianeira Ávila Dias, na sua tese de doutoramento intitulada “Na minha terra tem horrores: o exílio dos brasileiros no Chile (1970-1973)”, a afirmação de que

<sup>40</sup>Relatório CIEX nº 052 07/02/1973 Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_ie/0/0/0010/br\\_dfanbsb\\_ie\\_0\\_0\\_0010\\_d0002de0007.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ie/0/0/0010/br_dfanbsb_ie_0_0_0010_d0002de0007.pdf)

<sup>41</sup> A Lei 12.528/2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação, proporcionou um grande avanço para as pesquisas dos crimes cometidos pelo Estado durante a Ditadura Militar. No entanto, a sua correta aplicação e o acesso à documentação sofreram um forte ataque durante os anos do governo Jair Bolsonaro, colocando em xeque o desenvolvimento das ciências humanas/sociais no país.

não existia no Chile um apoio institucional do governo da UP, como o que se apresenta posteriormente na França, por exemplo, deve ser relativizada. De acordo com Dias (219, p.121),

Em primeiro lugar, não existe como comparar as condições estruturais chilenas, no início dos anos de 1970, com qualquer outro país, já que a tentativa de implantação do socialismo sem romper com as estruturas do Estado, pela via eleitoral, era uma experiência inédita a nível mundial. Em segundo lugar, o governo Allende forneceu apoio institucional aos setenta banidos, beneficiados com a concessão de asilo político, transporte, hospedagem, assistência médica e, posteriormente, encaminhamento para o mercado de trabalho<sup>42</sup>

Outra informação de interesse que vai no sentido contrário ao que postula Rollemberg, é a de que havia uma instituição formalizada de apoio aos brasileiros exilados. A própria caixinha/ACBS foi registrada sob a denominação jurídica *Ferreira & Cia Ltda*, e recebeu empréstimos da UP, através do *Banco del Estado de Chile*, que foram destinados à construção de um restaurante e à outras frentes de atuação da associação. Um relatório do CIEX de 27 de maio de 1972, também deixa evidente que o governo chileno aportava financeiramente a ACBS, segundo o relatório:

A referida associação é mantida com fundos recebidos do Brasil, do *Governo chileno*, do "Conselho Mundial das Igrejas" e de diversas outras fontes. Embora seu objetivo oficial seja o de proteger os brasileiros que se encontrem em dificuldades econômicas no Chile, de fato sua criação dá oportunidade ao recrutamento de novos elementos para a subversão e provê um centro de contactos bastante seguro para os elementos ativistas<sup>43</sup>(grifo nosso).

Reforçando ainda mais a argumentação de Dias acerca da aproximação e da atuação direta do governo da UP na acolha dos exilados brasileiros, os relatórios CIEX, 12/11/1970: nº 417; CIEX, 03/02/1971: nº 39; CIEX, 1971: nº530 e CIEX, 01/06/1971: nº177 versam sobre assuntos que vão desde reuniões entre os exilados e o presidente Allende até a facilitação, por parte do Estado, na emissão e regularização de documentos. Ademais, os informes citam a

<sup>42</sup>Aqui a autora utiliza o exemplo do caso dos “canjeados”, os 70 presos políticos da ditadura brasileira trocados pelo embaixador suíço Enrico Bucher e posteriormente banidos do país. Em espanhol, o verbo *canjear* significa, entre outras coisas, “trocar”, “resgatar”. O termo *canjeado*, dessa forma, se referia aos brasileiros recém-chegados no Chile resgatados da prisão ao serem trocados pelo embaixador suíço.

<sup>43</sup>Relatório CIEX nº 279 27/05/1972. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_v8/mic/gnc/aaa/72047518/br\\_dfanbsb\\_v8\\_mic\\_gnc\\_aa\\_72047518\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_v8/mic/gnc/aaa/72047518/br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aa_72047518_d0001de0001.pdf)



doação de dinheiro em espécie e financiamento de atividades dos brasileiros no Chile, além do oferecimento de emprego em órgãos governamentais e empresas públicas<sup>44</sup>. Sobre o encontro com Salvador Allende, é interessante ressaltar como o depoimento de Bona Garcia demonstra a forma com a qual o governo da UP lidava com as contradições entre acolher os exilados e apoiá-los na luta e manter relações comerciais com a ditadura brasileira, segundo o ex-exilado (2019 apud Dias, 2019, p.120):

O Allende foi muito claro, muito certo, muito duro, quando ele disse o seguinte: ‘Olha, eu entendo a luta de vocês’, eu lembro como se fosse hoje... ‘eu entendo a luta de vocês, tudo que passou no Brasil, mas vocês têm que entender o nosso processo, vocês estão aqui, eu os recebi na condição de exilados políticos, agora fora isso não me questionem, porque eu preciso comprar ônibus do Brasil. Eu preciso das relações, não só diplomáticas, mas também comerciais com o Brasil. E aquele que não gostar do processo aqui é só falar que nós imediatamente vamos conseguir passagem e visto para entrarem em Cuba’. Ele foi muito generoso com os brasileiros, pela sua experiência e tudo.

Foram essas ações que, em um primeiro momento, permitiram a manutenção da vida de um sem-número de exilados, incluindo Anacleto e sua família. O governo da Unidad Popular e a ACBS, principalmente, dentro de todas as suas limitações, atuaram para minimizar o trauma do desterro e conferir uma condição básica de sobrevivência no país andino.

Ao tomar conhecimento da entidade, Anatólio se dirigiu à sede da caixinha, solicitando ajuda financeira para a compra de madeira, justificando que precisavam do material para construir camas, pois a família estava dormindo no chão. Anacleto rememora esse evento com uma boa dose de bom-humor, ainda que não esconda a dimensão das dificuldades pelas quais passou nesse momento de adaptação à nova realidade

Nós realmente construímos as nossas camas lá na casa. Posteriormente, eu visitei a caixinha, me engajei e conheci outros brasileiros. Depois a Anatailde também conseguiu um trabalho na empresa Quimantú. Enquanto isso, eu fazia tudo o possível para sair de casa com o objetivo de conseguir alguma coisa, algum dinheiro, algum trabalho ou, no mínimo, tentar me alimentar antes de voltar para casa, para ajudar que os demais que estavam em casa também tivessem alimentação. Alexina, nossa mãe, costumava ir a uma feira que não estava distante dessa casa, me parece que o bairro se chamava Recoleta, ela ia para o final da feira e lá ela apanhava, principalmente

---

<sup>44</sup> Relatórios citados por Cátia Cristina de Almeida Silva (2007, p.05) e verificados pelo autor.

verduras para fazer um sopão e comprava um coelho já preparado para ir para a panela, que no Chile é muito comum. Anatólio, em uma ocasião, inclusive, disse "Mamãe, essa carne é diferente. Que carne é essa?", aí ela disse "carne de boi, só que é de segunda, meu filho. O negócio é que é carne, pode comer". E assim nós nos alimentávamos. O fogão, nós fizemos um pequeno quadrado de terra e de tijolo e, no porão dessa casa, havia muita madeira boa, madeira de construção. Só que nós não tínhamos outro lugar de onde tirar madeira. Então o fogão foi consumindo essa madeira, ainda que fosse madeira bonita, madeira boa, mas era o que tínhamos e cozinávamos nesse fogão. O chuveiro, por sorte, tinha uma encanação de gás, que se regulava fora da casa. Pelo menos tínhamos um chuveiro com água quente, isso para a gente era uma coisa extraordinária. E foi mais ou menos assim como começamos.<sup>45</sup>

Em uma das diversas incursões pelas ruas de Santiago em busca de trabalho, Anacleto descobre um restaurante brasileiro que servia feijoada, se oferecendo aos donos - brasileiros que se mudaram para Chile antes do golpe e que não possuíam qualquer atuação política – para lavar pratos ou servir às mesas em troca de comida. No seu relato, faz questão de deixar clara a gratidão que sente por essas pessoas que, em um momento de dificuldade, a empatia e a solidariedade se impuseram ante qualquer inconveniente que a ajuda a um refugiado político poderia ocasionar:

Era um pequeno restaurante perto da feira. E a feijoada era brasileira porque os donos eram um casal de brasileiros, que estavam no Chile desde muito antes, não tinham nada a ver com golpe 64, nem nada a ver com a política. Mas eles moravam no Chile e fizeram esse pequeno restaurante. Daí eu me ofereci para lavar prato, para servir ou para retirar prato sujo das mesas. Mas eles não aceitaram, eles não aceitaram de forma alguma. Eles simplesmente me ofereceram o almoço em várias ocasiões. Isso para mim foi uma grande alegria e eu sou grato a eles pela solidariedade que tiveram para comigo. Lá no Chile, esse começo foi bastante difícil, bastante turbulento.<sup>46</sup>

As demonstrações de solidariedade entre os perseguidos políticos são representativas desse momento da história da América Latina. No caso do exílio brasileiro no Chile, é um exemplo evidente do que significa um marco social de memória, como o formula Halbwachs. Os diversos depoimentos e relatos sobre a experiência do exílio reunidos em coletâneas, manifestam claramente como a atuação dessas redes de solidariedade, uma experiência coletiva

---

<sup>45</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>46</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

portanto, balizam o processo de rememoração, existindo um antes e um depois do contato com as instituições de acolha.

Não é novidade que, na *práxis* da construção histórica, o historiador deva estar sempre sustentado pela documentação e pela bibliografia que o embasa. Todavia, no trabalho com fontes de memória, principalmente com àquelas produzidas a partir do método da história oral, o cuidado para não sucumbir à tentação de tomar o depoimento como verdade absoluta, abstendo-se da crítica e da análise histórica deve ser redobrado, afinal os relatos de memória falham, silenciam e reelaboram os acontecimentos obedecendo a critérios nem sempre aferíveis.

Nesse sentido, cabe apresentar algumas contradições entre a o relato de Anacleto e a documentação produzida pela repressão brasileira. Aqui compete deixar claro que tais dissonâncias não aparentam ser frutos de má fé, mas sim resultado dos próprios processos de rememoração. Anacleto relata que, enquanto ainda estavam no barco:

Alexina [...] nos reuniu e disse "olha aqui, não esperem ajuda de ninguém e nós também não vamos retornar à ilha porque já chegamos aqui. Foi uma decisão nossa e vamos ver como é que a gente se ajeita para permanecer e não gostaria que houvesse aproximação para solicitar qualquer ajuda, tanto de embaixada Cubana como também do governo de Salvador Allende, nós temos que nos valer por nós mesmos"<sup>47</sup>

Porém, o desenrolar dos fatos ocorreu de outra forma, como ficou esclarecido no próprio relato. Ainda que a deliberação tenha sido no sentido de recusar qualquer tipo de ajuda, a dura realidade se impôs, e a atuação do governo da UP juntamente com Caixinha foi essencial para a manutenção da vida da família, que usufruiu, inclusive, dos programas de segurança alimentar promovidos pelo Estado. Em um outro momento do relato, Anacleto trata do seu envolvimento com a organização:

Eu posso dizer que na caixinha, quando eu estava colaborando lá, primeiro que eu não fazia por salário, não recebia dinheiro, **nunca** recebi nada, exceto as madeiras das nossas camas. Eu **nunca** recebi dinheiro da caixinha, tinha gente que precisava mais, seguramente. Mas aí, através da caixinha, me ofereceram um trabalho, que era na construção de um enorme restaurante, que realmente era muito grande, e se situava na parte mais rica de Santiago. Era em um subterrâneo, e lá dentro, então, se faria esse restaurante com recursos do exterior, e com recursos daqueles que tinham maior poder aquisitivo e que estavam no Chile. Era uma construção que, realmente, demandava

---

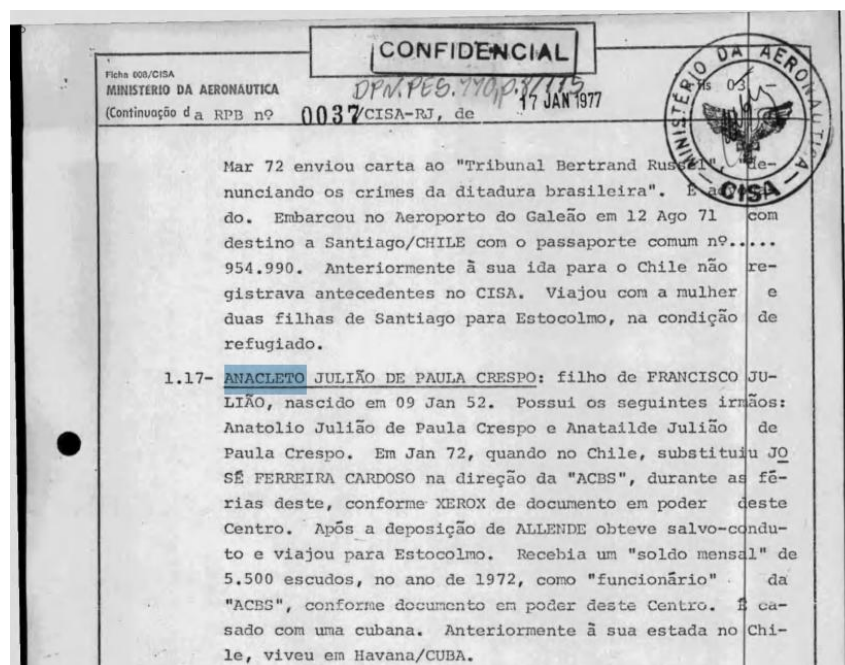
<sup>47</sup> Ibidem.

muito dinheiro, e o resultado dessa construção seria a salvação de muita gente, porque seria um restaurante de luxo<sup>48</sup>(Grifo nosso).

Embora Anacleto negue qualquer tipo de auxílio financeiro concedido pela caixinha, com exceção da compra de madeira para as camas, incluindo remuneração por trabalho, os relatórios produzidos pelo CIEX apontam no sentido contrário. Segundo o informe datado de 27 de maio de 1972, uma lista de aproximadamente 75 brasileiros, constando toda a família de Paula Crespo, “haviám-se filiado à ‘Asociación Chileno-Brasileña de Solidariedad’, com vistas ao recebimento de ajuda econômica”<sup>49</sup>, contradizendo o que afirma o nosso personagem. Um outro documento (Figura 4), este produzido pelo Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), datado de 17 de janeiro de 1977, faz um resumo da passagem de Anacleto pelo Chile, incluindo que:

Em Jan 72, quando no Chile, substituiu JOSÉ FERREIRA CARDOSO na direção da "ACBS", durante as férias deste, conforme- XEROX de documento em poder deste Centro [...] Recebia um "soldo mensal" de 5.500 escudos, no ano de 1972, como "funcionário" da: "ACBS", conforme documento em poder deste Centro.

Figura 5 - Documento CISA RPB nº0037 17/01/1977.



<sup>48</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>49</sup> Relatório CIEX nº 279 25/05/1972. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_ie/0/0/0008/br\\_dfanbsb\\_ie\\_0\\_0\\_0008\\_d0005de0007.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ie/0/0/0008/br_dfanbsb_ie_0_0_0008_d0005de0007.pdf)

Fonte: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_z4/dpn/pes/pfi/0770/br\\_dfanbsb\\_z4\\_dpn\\_pes\\_pfi\\_0770\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/pfi/0770/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_pfi_0770_d0001de0001.pdf)

Devemos sempre considerar, no entanto, a possibilidade de falseamento dos dados na documentação produzida pelos regimes de exceção, que tinham como praxe, por exemplo, a supervalorização da periculosidade dos perseguidos, das ações de resistência, do poder financeiro das organizações clandestinas etc., na tentativa de justificar um extenso rol de ações violatórias por parte do Estado. Contudo, como os relatórios confeccionados pelo CIEX eram voltados para abastecer a comunidade de informação da Ditadura Militar, e sua circulação não extrapolava os limites desses órgãos de Estado, é pouco provável que tenham sofrido com esse tipo de problema. Nesse sentido, no campo da psicanálise, é possível até pleitear algumas justificativas para que a elaboração do relato do nosso protagonista tenha se dado do que jeito que se apresenta. Na rememoração de uma circunstância de extrema vulnerabilidade, é possível que se crie mecanismos narrativos e formulações semânticas que tentem esconder uma situação considerada vexatória. Ao negar o auxílio no seu discurso, Anacleto constrói para si e para sua família uma imagem de autossuficiência, valorando ainda mais seus esforços individuais para sobrevivência, ainda que isso não seja uma atitude plenamente consciente. Toca sublinhar que as elocubrações a respeito dessas justificativas pertencem ao campo das especulações e inferências, pois não é possível ao historiador acessar por completo a mente de seus personagens, nem mesmo o é para aqueles que dedicam anos e anos a estudar e decifrar os códigos que regem nossas emoções, sentimentos e escolhas.

#### 1.4 Retorno adiado: o contato com exilados brasileiros e as notícias do Brasil

Com a promulgação do Ato Institucional nº5 e a institucionalização da repressão, as condições de resistência e militância no Brasil – que já eram escassas – se degeneraram a ponto de valer a máxima latino-americana *encierro, destierro o entierro*<sup>50</sup>. Aqueles que conseguiram sair do país, banidos, fugidos ou desbundados<sup>51</sup> (os que desistiam da luta), levavam consigo além de informações da situação interna brasileira, o trauma da perseguição ditatorial. Em seu depoimento, Anacleto deixa evidente como essas marcas da repressão se impunham diante das relações:

Em uma ocasião também, nós vínhamos andando, Anatólio e eu, praticamente em frente ao La Moneda. E, na calçada, nós vimos dois companheiros, dois homens que

<sup>50</sup> Em tradução adaptada, “prisão, exílio ou morte”.

<sup>51</sup> O termo “desbundado” era amplamente utilizado pelos militantes brasileiros no período da ditadura militar para se referir aos companheiros que abandonavam a luta contra o regime ditatorial.

conversavam em português, brasileiros. Então meu irmão e eu nos aproximamos e eu falei "aí, vocês são brasileiros?". Eles não tiveram dúvidas, apressaram o passo e desapareceram sem dizer nada. Quer dizer, o temor da perseguição no Chile também existiu desde o momento em que o Allende, ou antes mesmo dele, com relação aos exilados brasileiros no Chile. Eu nunca me acostumei a isso, mas desde criança eu fui perseguido e continuaria sendo. Tanto em Cuba, pela contrarrevolução, que tentou obter informações através de mim e que não obtiveram e esse agente, posteriormente, foi descoberto e preso. Agora, no Chile, também sabíamos que não era em todo mundo que poderia se confiar.<sup>52</sup>

Não obstante as desconfianças, grupo dos 70 *canjeados* que se exilaram no Chile, provenientes da luta, atualizavam os companheiros sobre o status da oposição armada ao regime. Antes, a troca de informações entre os militantes que se encontravam no teatro de operações e aqueles que já estavam fora do país era truncada e lacunar, não apresentando a verdadeira situação política do Brasil. Quando da chegada dos egressos da luta armada, a fria letra das cartas codificadas ganham materialidade, os companheiros estavam caindo, a resistência estava sendo derrotada.

Com o engajamento de Anacleto na ACBS, inclusive assumindo a gerência da entidade durante as férias de Ferreira<sup>53</sup>, o contato com outros exilados se intensificou. As novas informações sobre a situação brasileira fizeram com que a fantasia do plano de retorno se desfizesse como um torrão de açúcar. A ideia de se unir aos companheiros na resistência à Ditadura Militar era, além de perigosa, imprudente. O adiamento do sonho, portanto, não arrefeceu o sentido militante nem o ímpeto político de se manter na luta por seus ideais. Nesse momento, integraria por completo à sociedade chilena, ainda que não sem percalços, lutaria para resolução dos problemas do país que o acolheu.

---

<sup>52</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>53</sup> Relatório CISA RPB nº0037 17/01/1977. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_z4/dpn/pes/pfi/0770/br\\_dfanbsb\\_z4\\_dpn\\_pes\\_pfi\\_0770\\_d0001de0001.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_z4/dpn/pes/pfi/0770/br_dfanbsb_z4_dpn_pes_pfi_0770_d0001de0001.pdf)

## CAPÍTULO 2

### 2.1 “Claro, eu preciso trabalhar”

Apesar das dificuldades enfrentadas nos primeiros meses de estadia no Chile, Anacleto e sua família passam a ter uma situação razoavelmente mais confortável no país andino. A questão laboral, consequentemente a situação financeira, melhorou com a estabilização de Anatólio e Anatailde na editora Quimantú. Depois de aproximadamente 3 meses, conseguiram deixar a “casa velha” da Recoleta. A partir daí, a família foi dividida em três novas residências: Anatailde, seus filhos, seu então companheiro em uma; Alexina, que passou a morar sozinha; e Anatólio, Anacleto, as esposas Jennie e Lourdes, respectivamente, e os filhos dos dois casais, que passaram a dividir um apartamento na *remodelación San Borja*, um habitacional no centro de Santiago.

Anacleto seguia sem um trabalho estável, havia tentado abrir uma tecelagem com um conhecido, intento que logo demonstrou que não daria frutos:

Anatólio conseguiu trabalho, Anatailde conseguiu trabalho, eu também me encontrei com uma pessoa que queria montar uma fábrica de tecido e nós aprendemos a fazer os tecidos, mas foi um momento muito rápido, foi coisa de uma semana, 15 dias e realmente não deu certo o investimento. E essa pessoa levou as máquinas para ver se podia fazer seu investimento em outro lugar. É... fazíamos de tudo, tentamos de tudo e fomos, pouco a pouco, nos habituando ao Chile.<sup>54</sup>

Ainda no ano de 1971, conseguiu a regularização da sua estadia no país. Um documento datado de 18 de outubro daquele ano e emitido pela “dirección general de investigaciones”, do “Ministerio del interior” Chileno<sup>55</sup>, conferia à Anacleto o status de “residente temporário” (Figura 6), permitindo sua estada naquele país até setembro de 1972. Não nos é possível atestar se a intermediação foi feita pela ACBS, mas, devido a aproximação do órgão e o envolvimento cada vez mais engajado de Anacleto, é possível inferir que foi a entidade que executou os trâmites, facilitando a regularização da situação do nosso personagem. A emissão de documentação oficial também é um marco do exílio. É possível verificar, nos diversos depoimentos de ex-exilados, como ter uma papelada oficial, que ateste uma condição ou confirme uma identidade, é fundamental para que haja uma certa segurança jurídica no exílio,

<sup>54</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>55</sup> Documento permissão de residência temporária de Anacleto Julião. AFJ AJ 1 32. Acervo Familiar da Família Julião.

principalmente quando se pleiteia algum tipo de benefício humanitário dos órgãos internacionais.

Figura 6 - Visto de residente temporário de Anacleto Julião.



Fonte: Fonte: Acervo Família Julião. Fundo: Anacleto Julião. Caixa 1, nº doc. 32. Data: 18/12/1971.

A ACBS, além da captação de recursos de entidades internacionais, tinha algumas iniciativas para financiar as atividades de acolha. Entre as medidas, a construção de um grande restaurante na Av. Providencia, área nobre de Santiago, se mostrou como uma das mais importantes e de maior interesse para órgãos de informação da repressão<sup>56</sup>. Para Anacleto, o empreendimento era uma oportunidade de emprego, uma garantia de trabalho estável, pelo menos por alguns meses.

Mas aí, através da caixinha, me ofereceram um trabalho, que era na construção de um enorme restaurante, que realmente era muito grande e se situava na parte mais rica de Santiago. Era em um subterrâneo e lá dentro, então, se faria esse restaurante com recursos do exterior e com recursos daqueles que tinham maior poder aquisitivo e que estavam no Chile. Era uma construção que, realmente, demandava muito dinheiro, e o resultado dessa construção seria a salvação de muita gente, porque seria um restaurante de luxo [...]. Bom, lá eu comecei a trabalhar como ajudante de pedreiro, mas não me exigia muito. Eu era muito magro, com pouca força. Colocava os tijolos

<sup>56</sup> Relatórios: CIEX nº107 04/03/1974. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_ie/0/0/0012/br\\_dfanbsb\\_ie\\_0\\_0\\_0012\\_d0003de0007.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ie/0/0/0012/br_dfanbsb_ie_0_0_0012_d0003de0007.pdf); CIEX nº 353 13/09/1975. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_ie/0/0/0014/br\\_dfanbsb\\_ie\\_0\\_0\\_0014\\_d0008de0009.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ie/0/0/0014/br_dfanbsb_ie_0_0_0014_d0008de0009.pdf); CIEX nº291 30/08/1976. Disponível em: [http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br\\_dfanbsb\\_ie/0/0/0015/br\\_dfanbsb\\_ie\\_0\\_0\\_0015\\_d0008de0012.pdf](http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_ie/0/0/0015/br_dfanbsb_ie_0_0_0015_d0008de0012.pdf).



lá, carregava uns sacos de cimento. Já estava acostumado porque em Cuba, nos trabalhos voluntários, fui uma vez carregar um saco de batata de 50 kg, então, eu aguentava isso. Tanto lá em Cuba, como nesse empreendimento, me causou uma hérnia que, depois de anos, eu tive que me operar já aqui no Brasil. Mas aguentava o rojão, era o jeito.<sup>57</sup>

O que deveria promover segurança e estabilidade financeira foi, na verdade, o catalisador da deterioração da saúde de Anacleto. O trabalho árduo, braçal, aliado ao clima frio e a baixa imunidade, ocasionada pelos meses de privação e alimentação insuficiente, criaram o ambiente propício para o desenvolvimento de doenças.

Eu ajudava carregando tijolo para um, cimento para outro e, simplesmente tentando trabalhar um pouco ali. Mas com muito frio, péssima alimentação. Fiquei adoentado, com *pulmonia*, e tive que passar alguns dias na casa de Anatailde e do então companheiro dela, Macedo, para que a nossa mãe pudesse cuidar de mim, com remédio e alimentação. Aliás, foi tuberculose.<sup>58</sup>

O ano de 1973 alvorecia quando Anacleto, já enfermo, decide deixar a labuta na construção do restaurante. Ainda que as condições não fossem as melhores e que o corpo já estivesse cobrando o preço do descuido, não foi a sua saúde que pôs fim ao intento como *albañil*<sup>59</sup>. Dentre as diversas características possíveis de se verificar na personalidade de Anacleto, a firmeza ideológica talvez seja a que primeiro salte aos olhos, fruto dos exemplos em casa? Ou da educação revolucionária em Cuba? Apostamos na junção desses dois fatores, somados à moral militante da juventude de esquerda daquele período, que não permitia desvios, nem meias palavras. Foi a retidão de caráter e o respeito à suas concepções que o fizeram deixar o trabalho no restaurante Saravá, após um desentendimento com o encarregado da obra:

Ele era uma pessoa do Rio Grande do Sul, e parece que ele tinha sido judoca ou coisa assim, e a maior adoração que ele tinha na vida era o dinheiro. Quando chegava o dinheiro para fazer os pagamentos, ele botava o dinheiro em cima da mesa e se deitava em cima do dinheiro e dizia "que cheiro bom, que coisa maravilhosa". Eu realmente não tinha a menor simpatia por esse sujeito. Mas ele era uma pessoa de confiança e tinha experiência nessa coisa de restaurantes e de tudo isso. [...] E esse cidadão, ele não era nem um pouco simpático, era muito áspero com os trabalhadores.

<sup>57</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

<sup>59</sup> Pedreiro (Em tradução livre).

Uma ocasião, ele ofendeu um trabalhador e eu saí em defesa do trabalhador, e aí se produziu uma discussão forte entre ele e eu. Era um cara de porte forte, diziam que ele praticava jiu-jitsu, judô, ou coisa assim. Mas eu cheguei a esse desentendimento e não tive dúvida, chamei ele para briga, peguei um pedaço de madeira, e realmente eu estava com tanta raiva desse cidadão que se ele viesse, eu teria seguramente perdido a vida, mas teria machucado ele também. E daí que eu me retirei desse trabalho e expliquei à Caixinha que realmente não dava mais para trabalhar com esse sujeito. Saí de lá já com febre e depois me recuperei e comecei a tentar procurar outro trabalho. E aí, foi quando surgiu a possibilidade dessa pequeníssima livraria no parque O'Higgins.<sup>60</sup>

## 2.2 “Pela primeira vez na vida, eu realmente ganhei dinheiro”

É inegável o papel da editora Quimantú na história da família de Paula Crespo. A editora estatal chilena, que veio para garantir um dos pontos fundamentais do projeto da Unidad Popular, o acesso à cultura, surgiu a partir da estatização da *Editorial Zig-Zag*, do empresário chileno Sergio Mujica Lois, que passava por um processo de falência e disputa aberta com seus trabalhadores. A revolução sem armas, como também ficaria conhecida a experiência chilena, seria feita com livros. Para historiadora Marisol Facuse (2018, p.4):

*Quimantú representó en primera instancia un esfuerzo del Estado por acercar las clases populares a la cultura buscando romper con las barreras que dificultaban su acceso, tanto por el precio de los libros, que no debía ser mayor que el de un paquete de cigarrillos, como por sus puntos de distribución situados en los quioscos de todo Chile.*<sup>61</sup>

A ideia de uma editora estatal era defendida por Allende desde que era deputado, quando tentou implementar o projeto de lei de 26 de outubro de 1967, que propunha (Allende, 1967 apud Facuse, 2018):

*“crear una empresa editorial del Estado que contribuyera a ampliar los horizontes intelectuales y culturales de la nación, facilitar a educandos y estudiosos y a lectores en general el acceso a las grandes fuentes del pensamiento nacional y*

<sup>60</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>61</sup> “A Quimantú representou, em primeira instância, um esforço do Estado para aproximar as classes populares da cultura, buscando romper as barreiras que dificultavam seu acesso, tanto pelo preço dos livros, que não deveria ser maior do que um maço de cigarros, como pelos diversos pontos de distribuição espalhados em quiosques por todo o Chile” (FACUSE, 2018, p. 4, tradução nossa).

*universal y que se abarataran los costos de los libros, lo que redundaría especialmente en el beneficio de las capas modestas de la población”<sup>62</sup>*

A implantação da Quimantú, “Sol do Saber” em Mapundungun, só se daria, no entanto, no dia primeiro de abril de 1971, após ser firmada a compra de todos os ativos da Zig-Zag. O sonho do Companheiro Presidente<sup>63</sup>, em construir uma “*nueva cultura pra la sociedad chilena*”<sup>64</sup> começava a tomar forma. Ainda segundo Facuse (2018, p.4),

*Allende buscó dar mayor espesor teórico y ético al proyecto de una editorial del Estado, insistiendo en que no se trataba de hacer de Quimantú una editorial oficialista ni un proyecto de vocación concientizadora, como pretendían sus detractores. Más bien se basaba en la convicción profunda del poder de la lectura y del libro como vehículos de conciencia crítica y de apertura al mundo para el mayor número posible de ciudadanos<sup>65</sup>.*

Foi essa política de acercamento entre as camadas populares da sociedade e a cultura livresca, promovida pelas políticas do governo da UP, por meio da Quimantú, que Anatólio e Anatailde conseguiram para Anacleto a possibilidade de abertura de um ponto de venda de livros, um quiosque no recém-inaugurado parque O’Higgins. O sistema seria por concessão, Anacleto receberia os exemplares e retornava para a editora o montante da venda, subtraindo uma certa porcentagem para remunerá-lo.

O *Campo del Marte*, como era conhecido o Parque Cousiño, era um parque urbano no centro de Santiago que tem sua fundação datada ainda no século XIX. Apesar de sua grande extensão e seus chafarizes centenários, a área não cumpria, aos olhos do governo da UP, sua função social básica, ser uma área de convivência e recreação popular. Dessa forma, em meados de 1971, o Governo da Unidad Popular lança o audacioso projeto de reforma e requalificação do *Campo del Marte*, que passaria a ser batizado como Parque O’Higgins. O jornal La Nación, em edição

---

<sup>62</sup> “Criar uma empresa editorial do Estado, que contribua para ampliar os horizontes intelectuais e culturais da nação, para facilitar a educandos, estudiosos e leitores em geral, o acesso às grandes fontes do pensamento nacional e universal, para que se barateie o custo dos livros, beneficiando as camadas mais modestas da sociedade” (ALLENDE, 1967 apud FACUSE, 2018, tradução nossa).

<sup>63</sup> Forma como Salvador Allende se autointitulava.

<sup>64</sup> Programa básico de gobierno de la Unidad Popular. Candidatura presidencial de Salvador Allende. Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-7738.html>

<sup>65</sup> “Allende buscou dar maior espessamento teórico e ético ao projeto de uma empresa editorial do Estado, insistindo que não se tratava de fazer a Quimantú uma editora oficialista, nem um projeto de vocação pretensamente conscientizadora, como afirmavam seus detratores. No entanto, se baseava na convicção profunda do poder da leitura e do livro como veículos de pensamento crítico e de abertura para o mundo para o maior número possível de cidadãos” (FACUSE, 2018, p. 4, tradução nossa).

de 08 de julho de 1971, detalha com entusiasmo os novos equipamento com os quais contará o parque:

*En cuanto a equipamiento deportivo, se considera la terminación por el Ministerio de Obras Públicas del Estadio Cubierto, integrándolo armonicamente al parque y la construcción de seis canchas de fútbol empastadas y ocho canchas múltiples asfaltadas que enriquecerán el desarrollo de actividades deportivas en la actual elipse. En el aspecto cultural se considera la recuperación del edificio Centro Pedro Aguirre Cerda a fin de convertirlo en un centro cultural en el que se consultan los siguientes elementos: Biblioteca, pinacoteca, cineteca, discoteca etc y habilitación del anfiteatro existente con capacidad para 1 200 espectadores, en el cual se organizarán actos culturales tales como ballet, teatro, espectáculos musicales etc.*<sup>66</sup>

O novo aparelho público contaria ainda com piscinas, lagos, bosques, um *pueblito* – área com restaurantes de comidas típicas chilenas e centros de compras – e três praças voltadas para as crianças “*con un tratamiento especial que de al niño la oportunidad de desarrollar su imaginación, su capacidad creativa y su integración social.*”<sup>67</sup>

Quando da inauguração, o Parque O’Higgins foi um verdadeiro sucesso. Ambiente de convivência e socialização por excelência, o ambicioso empreendimento do governo de Salvador Allende aglutinava milhares de pessoas. Nos finais de semanas e feriados, abundavam entre as árvores e calçadas os carrinhos metálicos adornados com desenhos e tipografias delicadas, com suas luzes incandescentes e brilhantes, sempre acompanhados do grito “*cabritas, cabritas*”<sup>68</sup>, que soava tão bem aos ouvidos das crianças e dos casais enamorados.

O estabelecimento de uma pequena livraria nesse lugar de intensa circulação demonstrava um bom prognóstico. A chance de ser mais uma tentativa falha de se conseguir estabilidade financeira era evidentemente menor. O que Anacleto não poderia supor, contudo, era o impressionante sucesso que teria a venda de livros:

---

<sup>66</sup> “Quanto ao equipamento desportivo, considera-se a conclusão, pelo Ministério de Obras Públicas, do estádio coberto, integrando-o harmonicamente ao parque, bem como a construção de seis campos de futebol gramados e oito quadras poliesportivas asfaltadas, que enriquecerão o desenvolvimento de atividades esportivas na atual elipse do parque. No aspecto cultural, prevê-se a recuperação do edifício Centro Pedro Aguirre Cerda, com o objetivo de convertê-lo em um centro cultural que abrigará os seguintes elementos: biblioteca, pinacoteca, cinemateca, discoteca etc., além da habilitação do anfiteatro existente, com capacidade para 1.200 espectadores, no qual serão organizados atos culturais como balé, teatro, espetáculos musicais etc.” (Tradução nossa). **Parque Cousiño se transformara en moderna ciudadela recreativa.** La Nación. Santiago, 08 de julho de 1971. Disponível em: [https://culturaldigital.udp.cl/dev/wp-content/uploads/2023/08/LN\\_1971\\_07\\_08.pdf](https://culturaldigital.udp.cl/dev/wp-content/uploads/2023/08/LN_1971_07_08.pdf)

<sup>67</sup> “Com um tratamento especial que dê à criança a oportunidade de desenvolver sua imaginação, sua capacidade criativa e sua integração social” (Tradução nossa). Ibidem.

<sup>68</sup> “Pipocas, pipocas”, em tradução direta.

Para minha surpresa, essa livraria fazia filas. Eu vendia coleções, coleções de livros, claro, vendia unidades também. Livros de bolso, mais acessíveis, de papéis de menor qualidade, mais baratos. Com a ajuda da família também, consegui levar gente para trabalhar comigo, era uma loucura, um corre-corre. Trabalhava eu e um rapaz, nós colocávamos uma caixa de papelão para a turma jogar o pagamento lá. Pela primeira vez na vida, eu realmente ganhei dinheiro.<sup>69</sup>

Em novembro de 1972, antes de largar o trabalho na caixinha, nasce a segunda filha do casal Anacleto e Lourdes, Anatilde, batizada em homenagem à irmã que havia permanecido em Cuba. O apartamento do edifício San Borja já não comportava bem os dois núcleos familiares. Dessa forma, uma das primeiras medidas tomadas por Anacleto, após conseguir arrecadar uma certa quantia com a venda de livros, foi procurar um novo lugar para morar, encontrando-o na rua Manuel Antonio Prieto, nº161, barrio Providencia<sup>70</sup>. A nova casa ficava no segundo andar de um prédio baixo, que dividia as paredes com as residências que a ladeavam, como é comum nas pequenas vizinhanças de Santiago. O apartamento, segundo Anacleto, não era muito grande, possuía dois quartos e uma minúscula sacada que dava para a rua. O aluguel tinha sido pago adiantando os próximos seis meses, já estavam em março de 1973, quando se mudaram. Segundo Anacleto, “já aí, nessa altura, a inflação havia aumentado e a situação econômica do país estavam em declínio.”

### 2.3 Degradação da experiência da Unidad Popular.

Apesar do apoio crescente e dos altos índices de aprovação, a Unidad Popular sofreu uma forte oposição da direita chilena desde antes da confirmação do pleito eleitoral de 1970, tendo sido o assassinato do general de tradição legalista, René Schneider, o ato de maior impacto das forças reacionárias naquele momento. Segundo Moniz Bandeira (2023, p.207), o assassinato do General Schneider, em 25 de outubro daquele ano:

Reacendeu violentamente as tensões no Chile. O MIR lançou um documento, publicado pelos jornais de esquerda, denunciando que um golpe da direita estava em andamento. Por outro lado, a direita, dando continuidade à guerra psicológica promovida pela CIA, tratou de desviar a denúncia, acusando o MIR de planejar a dinamitação das missões diplomáticas do Brasil e da Argentina. O embaixador

<sup>69</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>70</sup> Anacleto não recordava com exatidão o endereço, contudo, analisando os documentos, foi possível encontrar esse dado na permissão para dirigir emitida pela *Municipalidad de Santiago*. Permissão de Condutor. 1973. AFJ AJ 1 33. Arquivo pessoal da Família Julião.

Câmara Canto admitia que o assassinato de Schneider poderia provocar reações de oficiais das forças armadas contra a posse de Salvador Allende. Era isso o que a direita queria e esperava.

No entanto, o plano orquestrado em conjunto com a Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense falhou. Em 24 de outubro de 1970, Allende foi empossado pelo congresso pleno, dando início a seu mandato em três de novembro daquele ano.

No ano de 1971, apesar das reiteradas investidas do Partido Nacional (PN) contra o governo, a UP encontrava a viabilidade para implementação do seu projeto nas negociações com o centro político, representado naquele contexto pela Democracia Cristã (DC). A balança do poder encontrava-se em equilíbrio, e o governo avançava com relativo sucesso nas pautas de maior apreço popular. Para se ter uma noção dos números, o crescimento do PIB chileno apresentava uma taxa de 9% no primeiro ano da Unidad Popular (CUNHA, GALA, 2009), o nível de desemprego atingiu patamares inferiores a 3%, isso em um contexto de valoração global dos salários (ANGELL, 2015). No entanto, enquanto a base da UP se ampliava, a direita articulava nos órgãos representativos de classe – com maior destaque para os sindicatos patronais – ações de desestabilização e sabotagem do governo.

Com os gastos do Estado majorados pelo maior investimento em obras públicas e em programas sociais, aliado ao boicote estadunidense no âmbito externo, o governo da UP se viu, no ano de 1972, diante de um grave impasse econômico. As contas não fechavam, o desequilíbrio orçamentário decorrente das medidas macroeconômicas, tais como: congelamento do câmbio, redução de tarifas públicas e aumento geral dos salários por meio de emissão monetária, que geraram um impacto positivo e otimismo no ano anterior, produziram sequelas de difícil resolução e de remédio amargo, a inflação saiu da taxa de 20% para 75% ao ano, a capacidade produtiva, esgotada sua ociosidade anterior à 1970, já demonstrava sinais evidentes de estagnação, o investimento do setor privado, em ação de boicote descarado ao governo, caía vertiginosamente, utilizando como pretexto as nacionalizações, estatizações e desapropriações de empresas públicas, transformadas em Áreas de Propriedade Social (APS).

Com a economia em crise, a direita chilena aproveitou a situação de vulnerabilidade para abrir mais um front contra o governo. A disputa política voltava a extrapolar o ambiente institucional, passando para o terreno das ruas, adquiria um contorno cada vez mais radicalizado. O governo fragilizado vinha enfrentando, inclusive, divergências no seio da UP. Naquele momento, alas ligadas ao Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR) somadas à amplos setores do Partido Socialista (PS), questionavam publicamente a estratégia de Salvador

Allende de avançar para o socialismo pela via institucional<sup>71</sup>, postulando a radicalização e cobrando medidas mais incisivas do governo.

Dessa forma, eclode a partir das organizações patronais, com o arranjo da direita política e amplo apoio dos EUA, o *Paro General* de outubro de 1972, “a ofensiva mais incisiva e geral da oposição desde o início do governo Allende” (Aggio, 2021, p.146). O movimento contra o governo demonstrava articulação e extensão até então desconhecidas para a esquerda chilena, abrangendo desde pequenos comerciantes até empresários e magnatas do setor de logística e abastecimento, que se articulavam em greves simultâneas, ações de sabotagem e enfrentamento com táticas de guerrilha, desejando, assim, criar um clima de instabilidade e insegurança, portanto, favorável para intervenção militar. Contudo, superando as divisões internas, a esquerda chilena se movimentou no sentido de barrar os avanços da direita e defender o governo Allende. Foi nesse momento que surgiram os Cordões Industriais e os Comandos Comunais, expressões de organização e ampla mobilização das massas dispostas na base do governo. Findado o confronto e terminada a greve, a direita chilena saiu fortalecida, ainda que o resultado não tenha sido o desejado. Já a UP, passada a suspensão das divergências, via crescer as discordâncias em relação ao ponto primordial do seu programa, o socialismo em democracia.

Instalada a crise política generalizada, o governo da Unidad Popular buscou amenizar o descalabro econômico solicitando ajuda financeira à União Soviética. Contudo, os pedidos do país andino não foram atendidos, revelando a completa indiferença de Moscou diante das dificuldades enfrentadas pelos chilenos. Ressaltamos essa questão porque, quando colocada em perspectiva e comparada à postura assumida pela própria URSS em relação ao caso cubano, torna-se evidente que o apoio a Cuba resultou de uma decisão estratégica e pragmática, mais do que ideológica. Segundo Nikolai Leonov<sup>72</sup>, analista-chefe da KGB, a experiência chilena estava fadada ao fracasso justamente por ter a democracia como valor inegociável, sendo pouco

---

<sup>71</sup> A via institucional para o socialismo não era um consenso dentro da concertação de partidos da Unidad Popular. Como afirma Alberto Aggio (2019), a ideia de democracia, enquanto valor universal e inegociável, não era comungada por todos, o que gerava impasses e atropelos dentro do próprio Governo. No caso de Allende, no período já quadro histórico do PS, a manutenção da democracia e das instituições, no processo de transição para o socialismo, deveria ser o fator primordial para o sucesso da via chilena. No entanto, dentro do Partido Socialista, à época liderado por Carlos Altamirano, ressoava a concepção de que a estratégia defendida pelo presidente, e reforçada pelo PCCh, era demasiadamente moderada e que, para avançar com o programa da UP, o Governo deveria aprofundar as medidas socializantes sem se preocupar com as consequências que, inevitavelmente, os levariam ao uso da violência revolucionária. Nesse momento, ficou em evidência o lema “*avanzar sin transar*” (avançar sem negociar) entre os socialistas.

<sup>72</sup> Para acessar a fala na íntegra de Nikolai Leonov, conferir: GUERRA Fria - Pela porta dos fundos. Direção: Tessa Coombs. Roteiro: Ted Turner e Hugh O'Shaughnessy. Estados Unidos: CNN, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xnpvBJTzZo&rco=1>. Acesso em: 26 nov. 2025.

interessante para a URSS destinar recursos ao país. Nesse sentido, para os soviéticos, a queda de Allende era apenas uma questão de tempo.

O jornal *La Nación*, em edição de 1º de novembro de 1972<sup>73</sup>, apresenta um indício de como estava o clima político e social após o *Paro* de outubro, tendo como uma de suas manchetes a seguinte colocação: “*DERECHA ACTUALIZA CAMPAÑA DEL TERROR*”, seguindo como gravata<sup>74</sup>: “*Para apuntalar el fracasado paro, emplean las mismas tácticas publicitarias que pusieron en marcha para impedir que el Presidente Allende asumiera en 1970*”, indicando no corpo da matéria a forte mobilização de alguns meios de comunicação, com destaque para o jornal *El Mercurio*, em propagar mentiras e difamações contra o governo da UP. Ainda no mesmo periódico, está registrado um outro ataque da oposição, a acusação a quatro ministros de Allende de “comprometerem a segurança da nação”, por serem “infractores de la Constitución y atropello a las leyes vigentes” [sic]<sup>75</sup>, com a intenção evidente de ser decretada a ilegalidade do governo. Os ministros acusados Jacques Chonchol, da Agricultura; Jaime Suarez, ministro do interior; Carlos Matus, da economia, desenvolvimento e turismo e Anibal Palma, ministro da educação, após as pressões do PN e a adesão de alguns setores da DC, foram substituídos por um gabinete militar. Segundo o historiador Alberto Aggio (2021, p.148-149), o saldo da crise de outubro apresentava algumas questões importantes, se por um lado a esquerda voltava a se manifestar fortemente em defesa do governo, demonstrando uma altíssima capacidade de mobilização e inovação (Comandos Comunais e Cordões industriais), por outro “a emergência da questão militar foi pensada, num primeiro momento, como a incorporação necessária de um fator de poder ao governo, ou seja, como uma tática defensiva, uma operação de acumulação de forças”, pois, trazendo os militares para dentro do campo político, com funções civis no aparelho do Estado, o governo buscava um fator legitimador para a continuidade do seu programa, tentando passar segurança nas negociações com a DC e esvaziar as tentativas do PN de provocar uma reação militar.

O ano de 1973 iniciava-se com os ânimos extremamente acirrados, em março seriam disputadas as eleições parlamentares, cruciais para que a UP tentasse a maioria no parlamento e destravasse as pautas do governo. A oposição, encabeçada pelo PN, apostou todas as fichas na campanha de difamação do Partido da Unidad Popular e no incremento da polarização

<sup>73</sup> “Direita atualiza campanha de terror” e “Para reforçar a fracassada greve, empregam as mesmas táticas publicitária que puseram em marcha para impedir que o Presidente Allende assumisse em 1970” (Tradução nossa). *La Nación*. 1 de noviembre de 1972. Disponível em: [https://culturaldigital.udp.cl/dev/wp-content/uploads/2023/08/LN\\_1972\\_11\\_01.pdf](https://culturaldigital.udp.cl/dev/wp-content/uploads/2023/08/LN_1972_11_01.pdf). Consultado em 20/10/2025.

<sup>74</sup> “Gravata” é um termo comumente utilizado no meio jornalístico para se referir ao subtítulo de uma matéria, ou à linha fina que segue uma manchete.

<sup>75</sup> “Infractores da constituição e atropelarem as leis vigentes” (Tradução nossa).



política, arrastando um vasto setor da classe média, insegura com as medidas da UP. No entanto, ainda que não tenha conquistado a maioria nas casas legislativas, a esquerda logrou a segunda maior bancada, ficando atrás somente da Democracia Cristã, o que foi um sinal claro para direita que a tentativa de derrubar o governo Allende pela via legal estava bloqueada. Entretanto, é importante frisar que a opinião difundida entre os membros da sociedade que faziam oposição ao governo – ainda que não sem exceções –, reiterando a tradição legalista chilena, apostavam nas eleições como única via de derrotar Salvador Allende, como bem documentou Patricio Guzmán na película “A Insurreição da Burguesia”, da potente trilogia “A Batalha do Chile”.

Foi nesse momento de extrema mobilização e disputa político-ideológica aberta no Chile, que Anacleto passou a integrar as manifestações em defesa do governo Allende e da via chilena ao socialismo. No seu relato, surge a lembrança da primeira tentativa de golpe militar contra o governo da UP, o chamado *Tancazo* ou *Tanquetazo*, de 29 de junho de 1973:

É o seguinte, em todos os países que eu estive, eu sempre me engajei muito na questão política e nas questões sociais. Sempre fui militante, mas eu nunca pertenci a um partido político. O único partido político que eu pertenci foi, depois da anistia, ou com a anistia aqui do Brasil, o PDT. Então, quando houve a tentativa de golpe militar, o Tanquetazo, que era como se chamava, aí sim, eu participei, quando a população foi prestar solidariedade ao governo de Salvador Allende. Nesse momento, houve uma grande manifestação cercando todo o Palácio de La Moneda. Foi esse levante popular em manifestação pacífica e ao redor do Palácio que freou a possibilidade do Golpe Militar, em um primeiro momento.<sup>76</sup>

O *Tancazo* foi a culminação de uma série de acontecimentos e embates que se desenrolaram após a crise de outubro de 1972, sendo catalisado pelos fatos de abril de 1973, quando a oposição lançou às ruas uma viva manifestação contra a reforma educacional promovida pela UP, acusando-a de totalitária. Entretanto, o projeto de reforma no sistema de educação visava tão somente a democratização do acesso ao ensino, principalmente ao ensino superior. Após os reiterados ataques, o governo retira o projeto, causando um imenso mal-estar no interior da UP. Dentro da direita, a intensa ideologização do debate e o terrorismo psicológico ocasionado pela atividade da imprensa opositora começa a atingir mais fortemente setores da Igreja e do Exército, engrossando a base de apoio dos golpistas.

---

<sup>76</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

Às 8:55 da manhã<sup>77</sup>, em um fria sexta-feira em Santiago<sup>78</sup>, o 2º regimento de blindados, sob o comando do Coronel Robert Souper, marcha sobre as ruas da capital chilena com destino ao palácio de La Moneda. Um intenso tiroteio toma conta das redondezas da sede governamental, o clima de terror se instaura no centro de Santiago. O comandante em chefe do exército, General Carlos Prats, organizou as forças remanescentes que não aderiram à intentona golpista para frear o movimento contra o governo constitucional de Salvador Allende. Prats, segundo consta os depoimentos, desfilou a “peito aberto” diante dos tanques sediciosos. Empunhando uma metralhadora, deu voz de prisão aos insubordinados. Os que não fugiram, se renderam diante da sua autoridade. O saldo da aventura golpista foi de 22 mortos, a maioria de civis.

O ato dos golpistas, não obstante sua atrapalhada execução – tanques parando nos semáforos e em postos de gasolina para abastecer – gerou uma reação potente dos setores à esquerda em defesa do governo. Os cordões industriais tomaram fábricas e armazéns, os trabalhadores decretaram greves em apoio ao governo. Uma intensa mobilização de massas tomou conta dos arredores do La Moneda, entoando nas vozes de milhares de pessoas o cântico símbolo dos que acreditavam no sonho socialista do companheiro Allende: “Venceremos, venceremos, mil cadenas habrán que romper”, manifestação essa que Anacleto traz à tona em suas reminiscências.

A radicalização da direita chilena, potencializada pelas ações extremistas do grupo *Patria y Libertad*, contribuíram para aprofundar as divergências internas da Unidad Popular. O chamado *Polo Revolucionario*, composto por miristas, membros do PS próximos a Carlos Altamirano e setores do MAPU, acreditavam que aquele contexto de intensificação da polarização política ensejava a necessidade de quebra da ordem constitucional em direção a uma revolução socialista de corte tradicional bolchevista. No entanto, resistiam à essa estratégia o presidente Salvador Allende, sustentado pelo Partido Comunista Chileno e uma dissidência do MAPU, denominada Movimiento de Acción Popular Unitária – Obrero-Campesino (MAPU-OC).

O MAPU-OC, assim como o PC chileno, apostava na defesa do governo e na estratégia de avançar para o socialismo de acordo com a tradição democrática chilena, no entanto, dado o estado dos ânimos políticos e dos cada vez mais frequentes embates violentos, atentados e investidas golpistas da direita, essa ala da UP resolveu investir na preparação para defesa armada da experiência da Unidad Popular. Ainda antes da intentona golpista de junho, nos

<sup>77</sup> LEVANTAMIENTO militar ataca La Moneda. **EL Mercurio**. Santiago do Chile. 30 de jun. de 1973. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080129134935/http://www.museodeprensa.cl/1973/levantamiento-militar-ataca-la-moneda>

<sup>78</sup> Anuário meteorológico 1973 – máximas de 15.5°C. Disponível em: <http://biblioteca.dgf.uchile.cl/anuarios/PDF/1973.pdf>.

primeiros meses de 1973, Anacleto se aproxima do MAPU-OC num envolvimento que, segundo ele, aconteceu casualmente:

Em um momento determinado, eu me encontrei com 2 ou 3 jovens. Eu estava comendo empanadas e eles se aproximaram e começamos a conversar: "Você é de onde?" "Que é que você faz?" essas coisas. E eles eram jovens militantes do movimento Mapu. E então eles me convidaram para ir à sede do partido e eu fui. Eles estavam realmente, teoricamente, se preparando para a defesa do governo de Salvador Allende. Foi aí que eu fiz a tradução de um pequeno texto sobre a educação, de Paulo Freire. Eu fiz a tradução para ser usada em alguns lugares, principalmente com os camponeses. E daí a gente se entrosou e veio a possibilidade da gente se preparar para um golpe militar.<sup>79</sup>

A sensação de que um golpe militar estava próximo não atingia apenas os que possuíam uma sensibilidade política mais aguçada. O crescimento do apoio da direita na sociedade, principalmente na classe média, vinha repetindo uma fórmula já vivenciada no Brasil, sendo a percepção de que a democracia chilena estava sob forte ameaça um ponto recorrente nos depoimentos dos exilados brasileiros. Segundo o Alberto Aggio (2021, p.160), somente no mês de julho de 1973 haviam sido realizados 140 atentados, com a morte de pelo menos um membro do governo. O jornal *El Mercurio*, em edição de 24 de agosto de 1973, anuncia o reforço de 150 carabineiros vindos de Valparaíso para Santiago, com a intenção de incrementar a segurança “*ante el recrudecimiento de los incidentes registrados en los últimos días en la capital y en los que se han producido enfretamientos de bala entre partidários de la oposición y Gobierno*”<sup>80</sup>. Os estudantes conservadores tomavam a frente do embate, realizando manifestações violentas e comovendo as camadas mais modestas da sociedade. A disputa política apresentava nesse momento uma nova configuração, a direita passava a pautar o debate público e colocar o governo contra a parede.

## 2.4 Viagem a Coyhaique: o “ingresso” no MAPU-OC, resistência armada e defesa do governo da Unidad Popular

<sup>79</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>80</sup> “Diante do recrudesimento dos incidentes registrados nos últimos dias na capital, onde se produziram enfrentamentos armados entre os partidários da oposição e do Governo” (Tradução nossa). *El Mercurio*. Santiago de Chile. 24 de ago. 1973. Disponível em: <https://culturadigital.udp.cl/index.php/documento/el-mercurio-15/>

*Tilde y Tulito, Jennie y Muji, Papai, Chinito y Anahuac: Toda la regazón de familia por estos lados calientes de AMERICA LATINA: Pongo inicio a uma carta de estas que no se hacen todos los días y que casi sale un libro. Aunque así y todo la considero apretada y resumida pues son tanta las cosas que han pasado que realmente saldría un libro. Como experiencia es realmente formidable lo que pasamos e incluso como una prueba más a nuestros caracteres también, por lo que se justifica el tamaño de la carta que ahora trato de encojer em la máquina de escribir. Hasta como verán he tenido que dividir esta en tres partes par mi mejor hubicación em el asunto. Ahora bien, esta carta no es mi experiencia de los hechos, ni mucho menos lo pueden tomar ustedes como cosa así. He tratado de hacer una narrativa de tipo trágico-cómico y no lo tan tragico que fue para todos lo pasado em Chile.<sup>81</sup>*

\*\*\*\*\*

O desenrolar dos acontecimentos entre julho e setembro de 1973 colocaram Anacleto diante da escolha entre duas estratégias distintas da esquerda naquele período, aprofundar a polarização e avançar para uma revolução ou resistir e defender a experiência chilena liderada por Salvador Allende. O envolvimento com o MAPU-OC, no entanto, o colocou nas linhas de defesa do governo, a preparação para resistir a uma possível guerra civil ou a mais uma tentativa de tomada de poder pela direita parecia inevitável. Nesse sentido, Anacleto recorda dos planos traçados, das ideias e táticas de defesa esboçados por ele e por membros do MAPU-OC. No plano da rememoração, sugere qual foi o possível destino dos seus companheiros:

O nosso pensamento era que, havendo qualquer movimentação golpista, nós estaríamos em alguns edifícios ao redor do Palácio para defender o Palácio de Governo. Mas eu não participei, porque eu estava no sul do país e acredito que, se esses jovens seguiram com esse plano, devem estar todos mortos.<sup>82</sup>

<sup>81</sup> “Tilde e Tulito, Jennie e Muji, Papai, Chinito e Anahuac: Toda a família esparramada por estes lados quentes da AMÉRICA LATINA: Ponho início a uma carta destas que não se escrevem todos os dias e que quase sai um livro, ainda que eu a considere apertada e resumida, pois são tantas coisas que têm passado que realmente daria um livro. Como experiência, realmente foi formidável o que passamos, inclusive como uma prova a mais dos nossos caracteres, o que também justifica o tamanho da carta que agora trato de tecer na máquina de escrever. Como verão, tive que dividi-la em três partes para melhor me situar no assunto. Bom, esta carta não é a minha experiência dos acontecimentos, muito menos podem toma-la como coisa assim. Trato de escrever uma narrativa de tipo tragicômico e não tão trágico como foi para todos o que passamos no Chile.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anacleto Crêspo, Anacleto Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião. – Neste tópico, além do relato de memória produzido a partir do método da história oral, a carta acima citada será base fundamental para estruturação da narrativa. No documento, escrito poucos meses após o golpe de Pinochet, Anacleto constrói um rico relato dos acontecimentos do período final da sua estadia no Chile, descrevendo, com a acurácia de uma memória recente, nomes, lugares e datas, fundamentais para o preenchimento das lacunas desta experiência biográfica.

<sup>82</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

Para Alberto Aggio (2019), a despeito do relativo sucesso das mobilizações a partir dos Cordões Industriais e Comando Comunais, e do logro em debelar a tentativa de quebra da ordem constitucional dos insurretos do 29 de junho, o governo da Unidad Popular não possuía meios para sua autodefesa, dependia inteiramente das forças militares e, no caso de um levante generalizado, não teria como resistir. Nesse sentido, o MAPU-OC, como outros partidos e organizações de esquerda do período, passaram a planejar a defesa armada do governo, da qual Anacleto participou ativamente, enquanto um exilado que se integrava inteiramente ao país que o acolheu:

O Tanquetazo foi um alerta para todos nós e eu, particularmente, decidi me encontrar com um grupo de jovens do MAPU, e que tinha toda a característica de um grupo que estava disposto a pegar em armas se houvesse uma nova tentativa, ou mesmo, um golpe militar. Esse grupo de jovens faziam parte do MAPU, mas tinham uma aproximação do que era o Movimiento Izquierda Revolucionaria, o MIR, que realmente era um movimento a favor da luta armada. E esse grupo me convidou, foi uma casualidade, eu estava perto, inclusive perto da sede do MAPU, que ficava numa rua perpendicular ao próprio Palácio, e tive uma reunião com eles onde eles estavam, digamos assim, estudando o que poderia ser feito no caso do golpe. E eu me engajei com esse grupo, queria participar realmente da defesa do governo constitucional de Salvador Allende. E então comecei oficialmente essa minha militância.<sup>83</sup>

Na reunião com os jovens mapucistas, Anacleto se dispôs a adquirir armamento para o grupo. Em seu depoimento, afirma que a situação financeira tinha realmente melhorado com o estabelecimento da livraria no parque O'Higgins e que essa seria uma forma de ajudar na resistência. O plano era ousado, aproveitaria uma viagem de negócios ao sul do Chile, em companhia do seu vizinho, para fazer contato com fornecedores de armas na fronteira com a Argentina:

Ele morava no térreo, nós morávamos num dos últimos apartamentos. Ele me convidou para que a gente fosse para o interior do Chile no sentido de que a gente pudesse fazer bons negócios lá e, realmente, seriam negócios interessantes porque se tinha como base um senhor que era dono de uma fazenda de visons. Ele, meu vizinho, queria exportar as peles para os Estados Unidos, e também ver a possibilidade da gente, de forma muito barata, conseguirmos um caminhão para levar madeira do sul do Chile para a capital.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>84</sup> Ibidem.

Anacleto aceitou o convite do vizinho e reitera que, apesar do companheiro ser de tendência *momia*<sup>85</sup>, era um ótimo amigo e que sua presença o teria salvado a pele. Para viagem com sentido à Coihayque, preparou a mala com vistas ao frio que iria enfrentar. Em um casaco largo, pesado como faz questão de frisar, e com forração interna, descosturou as camadas de tecido que compunham o interior do agasalho formando um grande bolsão, escondendo no seu interior os maços de dinheiro que usaria para adquirir fuzis e revólveres para resistência.

Embarcou em um avião com destino ao sul no dia 7 de setembro, na sua carta-relato, assegura ser esse dia “*inolvidable por ser la Independecia de Brasil*”<sup>86</sup>, reafirmando sua identidade brasileira, movimento comum entre os exilados que conseguem se inserir nas sociedades de acolhida, num sentido deixar claro que, apesar da integração, não pertenciam àquele lugar, tinham uma origem que conformava suas identidades, reafirmá-la era evitar a desintegração enquanto sujeito provocada pelo desterro.

Atravessando as nuvens, observava a imponente cadeia de montanhas cujo nome havia tomado de empréstimo para batizar seu primogênito. A imagem da espinha dorsal da América Latina, de tão potente, ficou cravada na sua memória vindo à tona no seu depoimento:

Lembro bem que eu fiquei admirado voando ao lado da Cordilheira dos Andes. Eu lembro que havia alguns vulcões. Lembro que não estavam totalmente ativos, mas eles soltavam uma fumaça que parecia gigante, parecia como um cigarro quando você fuma e faz aquelas bolas quando solta a fumaça, você faz aquelas bolas redondas do cigarro, mas pense numa coisa gigantesca, eu fiquei muito admirado por esses vulcões.<sup>87</sup>

Ao chegarem à Coihayque, a simplicidade da minúscula cidade surpreendeu Anacleto, que diz achar que o pequeníssimo hotel no qual ficaram talvez fosse o único da região. Lá, se reuniram com o criador de visons<sup>88</sup>, um senhor conservador completamente contra o governo Allende, assim como o vizinho *momio*. O entorno era relativamente hostil, Anacleto estava cercado de opositores à experiência a qual estava empenhado a defender, mesmo assim, conseguiu efetuar as primeiras diligências com o contato que o MAPU-OC havia designado:

<sup>85</sup> O termo *Momio* se referia às pessoas que se colocavam contra o governo da Unidad Popular.

<sup>86</sup> “Inesquecível por ser a Independência do Brasil” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>87</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>88</sup> Os *mustela visons*, ou simplesmente visons, são animais da família dos mustelídeos, a mesma das doninhas e furões.

Eu aguardei para fazer o ponto com o contato, que já tinha sido informado por alguém do grupo do MAPU. A gente se viu em uma única ocasião, e ficamos de nos encontrar novamente para concretizar nossas conversações. Nosso encontro aconteceu no hotelzinho. Depois disso, eu não o encontrei mais. Ele não veio como havia prometido, para que a gente pudesse conversar sobre os assuntos que me interessavam.<sup>89</sup>

O contato não ocorreu como era esperado, três dias se passaram, já estavam no dia 11 quando Anacleto despertou:

*con la intención de ver a esse amigo quien me daría los regalitos para yo llevarlos a Santiago a mis compañeros de Trabajo. Una radio me sonaba muy rara en ele oído con un tal de golpe y corre corre de los diablos. Al primer comunicado para los extranjeros ya los nervios se pusieron a encogerse y estirarse.*<sup>90</sup>

Se processava no Chile naquele momento o mais sangrento golpe militar que se produziu na América Latina.

### CAPÍTULO 3

#### 3.1 “Toda vez que eu relatava esse pedaço da história do golpe, eu tinha pesadelos”<sup>91</sup>: Golpe militar, clandestinidade e a busca por embaixadas

Pagaré con mi vida la defensa de principios que son caros a esta patria. Caerá un baldón sobre aquellos que han vulnerado sus compromisos, faltando a su palabra, roto la doctrina de las Fuerzas Armadas. [...] Compatriotas: es posible que silencien las radios, y me despido de ustedes. En estos momentos pasan los aviones. Es posible que nos acribillen. Pero que sepan que aquí estamos, por lo menos con este ejemplo, para señalar que en este país hay hombres que saben cumplir con las obligaciones que tienen. Yo lo haré por mandato del pueblo y por la voluntad consciente de un

<sup>89</sup> Ibidem.

<sup>90</sup> “Com a intenção de ver esse amigo que me daria os presentinhos para eu levá-los a Santiago e entrega-los a meus colegas de trabalho. Uma rádio soava muito estranha ao meu ouvido com um tal de golpe e corre-corre dos diabos. Ao primeiro comunicado para os estrangeiros, já os nervos começaram a se encolher e se esticar.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião..O relato desse momento apresenta algumas sutis variações entre o que foi escrito na carta pouco tempo posterior ao golpe e ao depoimento concedido ao autor.

<sup>91</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

presidente que tiene la dignidad del cargo... Quizás sea ésta la última oportunidad en que me pueda dirigir a ustedes. La Fuerza Aérea ha bombardeado las torres de Radio Portales y Radio Corporación. Mis palabras no tienen amargura, sino decepción, y serán ellas el castigo moral para los que han traicionado el juramento que hicieron. [...] Ante estos hechos sólo me cabe decirle a los trabajadores: Yo no voy a renunciar. Colocado en un tránsito histórico pagaré con mi vida la lealtad del pueblo. Y les digo que tengo la certeza que la semilla que entregáramos a la conciencia digna de miles y miles de chilenos no podrá ser cegada definitivamente. Tienen la fuerza, podrán avasallarnos, pero no se detienen los procesos sociales ni con el crimen, ni con la fuerza. La historia es nuestra y la hacen los pueblos.<sup>92</sup>

\*\*\*\*\*

Os dias que antecederam o 11 de setembro se caracterizaram por um pesado clima de insegurança e intensas movimentações e rearranjos no cenário político. No caso do governo, ou melhor, do presidente Allende, já se esgotavam as alternativas de frear o golpe de Estado em curso. Numa derradeira tentativa de articulação com a DC e com os representantes do Exército, Marinha e Aeronáutica, Allende havia instituído, em meados de agosto, um novo gabinete militar com a intenção de amornar os ânimos dentro das Forças Armadas e dissuadir os sediciosos. Entretanto, a escolha pactuada aviltada agosto não foi o suficiente. Em setembro, os golpistas auxiliados pela CIA (com o envolvimento direto de Henry Kissinger), além de membros da inteligência das forças armadas brasileiras, se reuniam e acertavam os preparativos para o golpe de estado.

A previsão acordada para o início das movimentações era o dia 10 de setembro, esse era o prazo estipulado pela Agência Central de Inteligência e pelo departamento de Estado norte-americano, contudo, o general Augusto Pinochet Ugarte, então comandante em chefe das forças armadas chilenas, propunha que o levante aguardasse até o dia 14, ficando mais próximo das

---

<sup>92</sup> “Pagarei com minha vida a defesa de princípios que são caros a esta pátria. Cairá uma mácula sobre aqueles que violaram seus compromissos, faltando à sua palavra, rompendo a doutrina das Forças Armadas. [...] Compatriotas: é possível que silenciem as rádios, e me despeço de vocês. Neste momento passam os aviões. É possível que nos metralhem. Mas que saibam que aqui estamos, pelo menos com este exemplo, para assinalar que neste país há homens que sabem cumprir com as obrigações que têm. Eu o farei por mandato do povo e pela vontade consciente de um presidente que honra a dignidade do cargo... Talvez esta seja a última oportunidade em que eu possa dirigir-me a vocês. A Força Aérea bombardeou as torres da Rádio Portales e da Rádio Corporación. Minhas palavras não têm amargura, mas sim decepção, e serão elas o castigo moral para os que traíram o juramento que fizeram. [...] Diante destes fatos só me cabe dizer aos trabalhadores: Eu não vou renunciar. Colocado em uma encruzilhada histórica, pagarei com minha vida a lealdade ao povo. E lhes digo que tenho a certeza de que a semente que entregamos à consciência digna de milhares e milhares de chilenos não poderá ser definitivamente ceifada. Eles têm a força, poderão nos esmagar, mas não se detêm os processos sociais nem com o crime, nem com a força. A história é nossa e a fazem os povos” (Tradução nossa). Último discurso Salvador Allende. Rádio Magallanes, 11/09/1973.



comemorações que ocorreriam no dia 18, em alusão à data magna do Chile. A extensão do prazo não era bem-vista pelos demais setores golpistas, temiam que o governo conseguisse articular uma saída condescendida, acatando a lista de compromissos da Democracia Cristiana, convocando um plebiscito e conquistando novamente a confiança dos moderados e das esferas armadas menos convictas do golpe. Para evitar que a fagulha golpista se apagasse e que o governo não obtivesse tempo para organizar a saída do impasse, o almirante José Toribio Merino (1998 apud Bandeira, 2023, p.559) envia uma nota urgente à Pinochet e ao General Gustavo Leigh, onde suplicava:

*Gustavo y Augusto: Bajo palabra de honor el día D será el 11 y la hora las 6. Si Uds. no pueden cumplir esta fase con el total de las fuerzas que mandan a Santiago, explícalo al reverso. El amte. Huidobro está autorizado para traer y discutir cualquier tema con Uds. Los saluda con esperanzas. J.T. Merino.*<sup>93</sup>

Em tom claramente ameaçador, acrescenta no verso da mensagem: “*Gustavo: Es la última oportunidad. J.T. Augusto: Sí no pones toda la fuerza de Santiago desde el primer momento, no viviremos para el futuro.*”<sup>94</sup> (ibid.) Não poderia haver capitulação nem dissidência no interior das forças, os dados estavam lançados e era a sorte da democracia chilena que estava em jogo, o Almirante Merino deixara claro, não houvesse o máximo empenho para o ato, não sobreviveriam para o futuro.

Nesse momento, já estouravam em todo o longilíneo território chileno sublevações das forças militares coadjuvadas por terroristas ligados ao *Patria y Libertad*. No sul do Chile, os militares empreenderam ataques a uma suposta escola de guerrilheiros em Nehuenue e em Cautin. Na costeira cidade de Valparaíso, sob o comando do almirante Toribio Merino, a armada chilena tomava as providências necessárias para o assalto ao poder e impulsionava uma campanha de terrorismo psicológico orquestrada pela CIA, visando diminuir uma possível repercussão negativa na população.

Às 5h30 da manhã do dia 11 o golpe é encetado em Valparaíso com as ordens estendidas aos regimentos em Santiago. Pouco tempo depois, se constituía o *Estado Mayor de la Defensa*, convertido posteriormente em *Comando Operativo de las Fuerzas Armadas*, composto por

---

<sup>93</sup> “Gustavo e Augusto: Sob palavra de honra, o dia D será o 11 e a hora às 6. Se os senhores não puderem cumprir esta fase com o máximo das forças que enviam a Santiago, expliquem no verso. O almirante Huidobro está autorizado a trazer e discutir qualquer assunto com vocês. Saúda-os com esperanças. J.T Merino.” (MERINO, 1998 apud BANDEIRA, 2023, p.559, tradução nossa)

<sup>94</sup> “Gustavo: É a última oportunidade. Augusto: Se não colocares toda a força de Santiago desde o primeiro momento, não viveremos para o futuro.” (MERINO, 1998 apud BANDEIRA, 2023, p.559, tradução nossa)

Pinochet, Leigh e Merino. Os aviões de caça *Hawker Hunter*, da força aérea chilena (Fach), davam início aos bombardeios das torres e centrais de transmissão radiofônicas numa manobra tática batizada de Operação Silêncio, que visava cortar toda a possibilidade de comunicação do presidente Allende, que então se encontrava na sua residência em Tomás Moro, cercado por seus assessores mais próximos e guarnecido pelo GAP<sup>95</sup>. O presidente ainda conservava a esperança de que o levante estivesse restrito à armada, havia tentado localizar o general Pinochet em um esforço consciente de credo na tradição e doutrina de legalidade do exército. No entanto, por volta das 8h, a autointitulada Cadeia Democrática – rádios agricultura e mineração –, emitia um comunicado da Junta Militar, agora constituída pelos generais Augusto Pinochet (exército), Gustavo Leigh (Fach), Toribio Merino (Marinha) e César Mendoza (carabineiros), dando um *ultimatum* para que o presidente entregasse o cargo às Forças Armadas. Allende estava isolado, sabia que, sem o suporte militar, qualquer tentativa de resistência se converteria em um massacre, como afirma Moniz Bandeira (2023, p.565) “as Forças Armadas atuaram monoliticamente. Tratava-se de um golpe de Estado institucional”.

Enquanto as tropas marchavam sobre Santiago e os tanques tracionavam suas esteiras com direção ao La Moneda, as notícias chegavam entrecortadas para Anacleto, que ainda não possuía a dimensão do que realmente se tratava o “*corre corre de los diablos*”. Exilado, magro, barbudo e com a melena à altura dos ombros, nosso personagem se apresentava visualmente como um arquétipo da juventude de esquerda do período, um alvo ambulante num contexto em que a Cadeia Democrática já encomendava à população a denúncia desapoderada de estrangeiros. Nesse ponto, Anacleto ressalta que foi uma série de acontecimentos fortuitos e de demonstrações de solidariedade que lhe salvaram a vida num contexto em que as circunstâncias eram completamente desfavoráveis:

E aí eu começo dizendo que não existe um salvador da pátria, nenhum herói que poderia se dizer salvador das nossas vidas nesse momento trágico que o Chile vivia, e eu vou explicar mais adiante o porquê. O que existe são pessoas que, por consideração ou por qualquer outro motivo, te ajudam passo a passo a sobreviver até que você possa realmente sair desse momento em que a maioria denunciava, por ordem da junta militar, principalmente os estrangeiros. Eles colocaram nas rádios que estrangeiro, a grande maioria eram comunistas infiltrados da esquerda e que a

---

<sup>95</sup> O GAP, Grupo de Amigos Personales, era a guarda armada e informal do presidente Salvador Allende. Formada por membros dos partidos que compunham a UP, permaneceram ao lado do presidente até os últimos minutos de sua vida.

população deveria denunciar para que os estrangeiros fossem expulsos, presos ou, como aconteceu realmente, assassinados.<sup>96</sup>

Permanecia no hotel com seu vizinho e o senhor com o qual faziam negócios, “*un momio ipedernido, ex-militar y con un yerno que es primer sargento del ejercito*”<sup>97</sup>, proprietário do único cinema da localidade, com influência e notoriedade na região. Este senhor, sabendo da situação de estrangeiro de Anacleto, mas não de suas preferências políticas e do seu período em Cuba, se dispôs a ajudá-lo a sair da encruzilhada em que se encontrava. Depois de apresentar todos os documentos que possuía com a intenção de comprovar seu caráter, da permissão de condutor (Figura 7) ao extrato bancário, que atestava sua condição de “*hombre de negocios imposible de estar metido en líos de política*”<sup>98</sup>, foi recomendado pelo *viejo milico* a não se apresentar ao quartel, além de cortar os cabelos, pois poderia ser confundido com “*esos degenerados comunistas de la juventud*”<sup>99</sup>. Uma outra medida foi tomada, a estalagem na qual estavam foi designada por Anacleto como “*antro de la UP*”, um lugar suspeito cuja permanência cambiaria em descuido. Dessa maneira, a dupla saiu para um hotel à meia quadra do regimento militar de Coihayque, onde o burburinho das movimentações marcou o relato de Anacleto pelo clima de tensão:

*Me ponía de punta los nervios ver tanto movimiento de soldados y carros militares además de las revisiones al lado del hotel, a una cafetería, a una casa ‘sospechosa’ delante y las constantes pasadas de los vehículos verdes. ‘El deber es denunciar’, fue la palabra de orden de los nuevos macacos. Y yo qué hago rodeado y metido en un hotel y luego de la forma que hablo?*<sup>100</sup>

<sup>96</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>97</sup> “Um momio empedernido, ex-militar e com um genro primeiro sargento do exército.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>98</sup> “Homem de negócios, impossível de estar metido nos emaranhados da política.” (Tradução nossa). Ibidem.

<sup>99</sup> “Esses degenerados comunistas da juventude.” (Tradução nossa). Ibidem.

<sup>100</sup> “Me deixava com os nervos à flor da pele ver tanto movimento de soldados e carros militares, além das revistas ao lado do hotel, em uma cafeteria, em uma casa “suspeita” em frente e as constantes passagens dos veículos verdes. ‘O dever é denunciar’ foi a palavra de ordem dos novos macacos. E eu, o que faço cercado e metido em um hotel, ainda mais com minha maneira de falar.” (Tradução nossa). Ibidem.

Figura 7 - Licença de condutor de Anacleto Julião.

MUNICIPALIDAD DE SANTIAGO		3	
LICENCIA DE LA CLASE "B"		Cédula de Identidad N.º 7317823-1	
N.º 5486	Inscripción Registro	Nombre Anacleto Julião De Paula J. Respo	Localidad Sgo.
Nacional de Conductores N.º	No registra	Edad 21 años	
Fecha de otorgamiento 19 de Abril 1973		Profesión Estudiante	
Fecha de vencimiento 19 de Abril 1977		Domicilio Santiago	
Firma del funcionario		Firma del Conductor	
MARIO MONTEGROSSO GONZALEZ			

Fonte: Acervo Família Julião. Fundo: Anacleto Julião. Caixa 1, nº doc. 33. Data: 19/04/1973.

A denúncia de estrangeiros e de prováveis “esquerdistas” se tornou a sentença de morte para muitos que foram apontados por vizinhos, familiares e colegas. A junta militar que assaltara o poder no Chile, decretou toque de recolher e a aplicação da lei marcial, que punia com morte por fuzilamento quem desobedecesse ao “*toque de queda*”, quem fosse encontrado com armas ou com “comportamento suspeito”. Na prática, a lei conferia aos corpo armado do Estado o poder sobre a vida e a morte da parcela da população que julgavam como inimigos, sendo a execução sumária de pessoas resposta única e exclusiva às veleidades dos agentes da opressão.

Os *allanamientos*<sup>101</sup> ocorriam deliberadamente em Santiago, incluindo a invasão de diversos apartamentos na *Remodelación San Borja*, entre eles o de Anatólio, acontecimento que gerou uma das cenas mais lembrada do golpe chileno – livros em queda livre, lançados dos apartamentos, depois recolhidos e queimados em uma imensa fogueira, como uma caricatura tenebrosa de um tempo que deveria ser lembrado, porém jamais revivido. Ao passo que as invasões aconteciam na capital, Anacleto ainda se recuperava do temor de estar cercado por militares sendo estrangeiro e ainda mais com um castelhano profundamente caribenho em decorrência da sua vida em Cuba. Nesse momento, um diálogo insólito na nova instalação – como comenta no tempo presente – lhe colocou em uma posição um pouco mais confortável diante da adversidade:

*El amigo mio tuvo una excelente idea: “Bueno po, si los milicos están de moda pasamos por milico”. El tipo fue excelente y la idea también. Fácil porque los chismes corren rápido y más cuando se habla de milico. Pedimos a un empleado del hotel que*

<sup>101</sup> Invasão, busca e apreensão, entrada forçada. Os *allanamientos* ficaram conhecidos como um protocolo comum na ditadura militar chilena.

*nos viniera a limpiar las botas y ‘casualmente’ surgió aquella conversación. Mi amigo empezó: “Oiga, tienes que pelar [...] usted sabe que mi teniente ya me reclamó a mí y mire que tengo el pelo más corto que el suyo así que si lo ve a usted va a meterle una bronca.” Yo le seguí la corriente: “Claro que sí, pero mire que es dura la vida del milico po, tener que andar como quiere un outro, y tener que ir adonde lo manden a uno...” El muchacho limpiaba los zapatos pero sin quitarnos la vista. No aguantó más y preguntó si éramos del ejército. “Claro que somos pero de vacaciones así que no vaya decir eso a la gente por ahí, porque queremos descansar”. Resultó por lo menos en algo todo eso porque a partir de ahí hasta nos atendían con esmero y un pobre loco criticón de los milicos a voz alto se escondía el pobre al vernos. Y quién sabe si por eso prefirieron no denunciarme aunque notaran mi rara voz?”<sup>102</sup>*

Muito embora o boato dos “militares de férias” tenha corrido à boca miúda como planejado pelos parceiros de viagem, a situação ainda era crítica. A perseguição contra estrangeiros ganhara mais força com o passar dos dias, o velho militar, que havia aconselhado Anacleto, passara a se preocupar com a integridade do novo amigo a ponto de sugerir que seria interessante conversarem com seu genro, sargento da ativa lotado no regimento de Coihayque. Acatada a sugestão, a reunião aconteceu na casa do anfitrião *momio*. Num clima de tensão, a conversa se desenrolou em um tom inquisitorial, o genro, apresentado como Sargento Garcia, questionava Anacleto sobre seu passado, sobre seu sotaque, sobre a situação do Brasil, no que o senhor intervivia afirmando ser o brasileiro “*amigo viejo de Santiago, ‘muchacho decente y de buena familia,’*”<sup>103</sup>. A situação principiou tornar-se insustentável quando o sargento questionou

<sup>102</sup> “Meu amigo teve uma excelente ideia: ‘Bom, se os milicos estão na moda, vamos nos passar por milicos’. O sujeito foi ótimo e a ideia também. Fácil, porque as fofocas correm rápido e ainda mais quando se fala de milico. Pedimos a um empregado do hotel que viesse limpar nossas botas e ‘casualmente’ surgiu aquela conversa. Meu amigo começou: ‘Olha, você tem que cortar o cabelo [...] você sabe que meu tenente já reclamou de mim e veja que tenho o cabelo mais curto que o seu, então se ele vê você vai lhe dar uma bronca.’ Eu entrei na onda: ‘Claro que sim, mas veja como é dura a vida de milico, ter que andar como outro quer, e ter que ir aonde mandam a gente...’ O rapaz limpava os sapatos, mas sem tirar os olhos de nós. Não aguentou mais e perguntou se éramos do exército. ‘Claro que somos, mas de férias, então não vá dizer isso por aí, porque queremos descansar.’ No fim, pelo menos serviu para alguma coisa, porque a partir daí até nos atendiam com esmero, e um pobre coitado que criticava os milicos em voz alta se escondia ao nos ver. E quem sabe se por isso preferiram não me denunciar, mesmo notando meu sotaque estranho?” (Tradução nossa.). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatlde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião. - O relato difere um pouco no depoimento de memória concedido ao autor: “estávamos no nosso quarto, e ele veio ajeitar alguma coisa, as camas eu acho, e o meu vizinho olhou para mim e disse: ‘Olha, Capitão. Vamos entregar nossas botas amanhã ou depois para que sejam lustradas’ e eu disse a ele: ‘claro, claro que sim’. Aí depois que o rapaz saiu eu disse, ‘mas porque tu falou que eu sou Capitão’ e ele disse que era ‘para que o pessoal saiba que nós somos autoridades e não nos incomodem’. Não entendi essa coisa. Eu só sei que pouquíssimos dias depois, aconteceu o 11 de setembro.”

<sup>103</sup> “Amigo antigo de Santiago, jovem decente e de boa família” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatlde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião..

sobre o visto de permanência vencido, no que Anacleto conseguiu contornar com sua “charlita”<sup>104</sup>:

*El sargento cayo en el del carnet válido por cinco años pero como sicólogo se puso a preguntarme luego sobre Brasil. Yo expliqué todo lo que pasaria dentro de las leyes militares dentro del golpe. Pero el pobre sargento !que bruto el infeliz! No sabia ni que el congreso seria disuelto. Eso para que vean que era bruto de verdade, para mi gran suerte pues ni se le ocurrio llevarme al cuartel dandome por su amigo también, e insospechoso después que vió mi “gran capacidad em economia” cuando le hablava del crecimiento economico brasileño posteorir al golpe.<sup>105</sup>*

Anacleto seguia conversando com o militar, fazia parte do disfarce. Enquanto a prosa se estendia, mais o chileno se sentia à vontade diante do estrangeiro. Para Anacleto, a grande dificuldade foi manter seu sotaque habitual quando a circunstância o fazia, por defesa, tentar mascarar-lo. No entanto, já havia se descuidado e falado com o *acento cubano* quando se apresentara ao velho, agora só lhe cabia justificar afirmando que havia estudado dois anos no Panamá, onde falam um espanhol parecido com o da Venezuela e, provavelmente, com o de Cuba<sup>106</sup>. O sargento se deu por satisfeito. Depois de escutar interessado as histórias que o brasileiro lhe contava, tomou o turno de fala e passou a relatar seus “feitos” militares, segundo Anacleto relata em carta: “*me contaba él sus allanamientos y las “patas po el poto” que le diera a tal o más cual comunista*”<sup>107</sup>.

Anacleto recorda que, em uma outra ocasião em que almoçavam em um bar da cidadela, o militar, de forma completamente desavergonhada, falava do seu armamento e de suas atividades:

*Su mayor orgullo, el fusil ametralladora que sólo tenían los de rango com él o superior. Hasta me lo dió para tomarle el peso y yo por supuesto exagere diciendole:*

<sup>104</sup> Em tradução adaptada, “conversa fácil”.

<sup>105</sup> “O sargento caiu na história do carnet válido por cinco anos, mas como psicólogo começou a me perguntar sobre o Brasil. Eu expliquei tudo o que aconteceria dentro das leis militares durante o golpe. Mas o pobre sargento — que bruto o infeliz! — não sabia nem que o congresso seria dissolvido. Isso para que vejam que era bruto de verdade, para minha grande sorte, pois nem lhe ocorreu me levar ao quartel, tomando-me também por seu amigo e sem suspeitar depois que viu minha ‘grande capacidade em economia’ quando eu falava do crescimento econômico brasileiro posterior ao golpe.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anátólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>106</sup> JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anátólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>107</sup> “Ele me contava sobre as buscas e apreensões e os ‘chutes nos traseiro’ que dava em um ou outro comunista.” (Tradução nossa). Ibidem.

*cómo es posible andar todo el día con ésta tonelada al hombro? Luego me pasó el cargador para que yo viera las mejores bala “para cazar comunistas”. Me decía: “Ayer le tocó a un fulano que es comunista, se lo vieran como corria pero bastó un tiro al aire para que se estuviera tranquilito con las manos para arriba”. “Hoy le toca a fulanito el de al lado del bar y también la familia de cicranito porque hubo una denuncia de que el tipo está escondido en el sótano.”<sup>108</sup>*

O que o Sargento Garcia não contava, no entanto, era que alguém escutava atentamente a conversa na qual, despidoramente, apontava os próximos alvos de apreensão e *allanamientos*, tomando nota das informações para poder alertar às pessoas do perigo que corriam. Anacleto tece o relato desse caso na sua “carta memória”, de uma forma que permite pinçarmos alguns dos mecanismos utilizados para resistir à repressão, além do clima de desconfiança e medo instaurado pelo golpe militar:

*Supe que alguien dejó una nota por debajo de la puerta a cada casa donde iba a tener efecto el allanamiento este día o uno más al día siguiente. Una familia ni creyó en el papel ni se movió de la casa siendo arrestados, un fulano se escapo sin saber de donde habia salido la nota pero confio o tuvo miedo. Un tercer fulano fue muerto cuando escapara como varios otros por la frontera Argentina, llevaba mucho material subversivo, según el sargento al otro día em charla con nosotros a hora de almuerzo. Algo bueno fue que no menciono nota alguna.<sup>109</sup>*

No dia 12, depois de reestabelecidas as comunicações no Chile, Anacleto passou um telefonema para Santiago por ocasião do aniversário do seu sobrinho, Anahuac, filho de Anatólio, e para ter notícias dos familiares. Após a ligação, um respiro de alívio pois o sobrinho havia dito que todos estavam bem. Contudo, no mesmo dia 12, um esquadrão de carabineiros invadira o apartamento de Anatólio que, numa medida desesperada, fuge com sua família conseguindo asilo na embaixada mexicana. Dado os acontecimentos, Lourdes, graças aos seus

<sup>108</sup> “Seu maior orgulho, o fuzil metralhadora que só tinham os de patente igual à dele ou superior. Até me deu para sentir o peso e eu, claro, exagerei dizendo: ‘como é possível andar o dia inteiro com essa tonelada no ombro?’ Depois me passou o carregador para que eu visse as melhores balas ‘para caçar comunistas’. Ele me dizia: ‘Ontem foi a vez de um sujeito que é comunista, vocês deviam ver como corria, mas bastou um tiro para o alto para que ficasse quietinho com as mãos para cima’. ‘Hoje é a vez do fulaninho ao lado do bar e também da família de sicrano, porque houve uma denúncia de que o sujeito está escondido no porão’” (Tradução nossa). Ibidem.

<sup>109</sup> “Soube que alguém deixou uma nota por baixo da porta de cada casa onde teria efeito a batida policial naquele dia ou em um dos dias seguintes. Uma família não acreditou no papel e não saiu da casa, sendo presa. Um sujeito escapou sem saber de onde havia vindo a nota, mas confiou ou teve medo. Um terceiro sujeito foi morto quando tentava fugir, como vários outros pela fronteira com a Argentina, carregava muito material subversivo, disse o sargento no dia seguinte, em conversa conosco na hora do almoço. Algo bom foi que ele não mencionou nota alguma.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

contatos na ENTEL, empresa estatal de telefonia no Chile, consegue se comunicar com Anacleto. A chamada foi um “vulcão para os seus nervos”, estranhara a nova ligação e o diálogo que se desenrolou havia soado “estranhíssimo” para seus ouvidos:

*- Oye teto, qué tú haces que no vienés ya para cá??? Mira, la niña está muy enfermita, y Anatolio fue a buscarle medicinas en la farmácia de tu papá, tu me entiendes??? Pero se hace cada vez más difícil conseguir las medicinas por los problemas todos. Te falta mucho para venir???*

*- Si mi amor, porque aún no he hecho la compra del auto. Ustedes no pueden resolver sin mí?*

*- No viejo, dile a tu amigo que se encargue de hacer el negocio porque la niña está muy enfermita y todo eso.*

*- Si está bien, yo voy. Está bien??? Chao.<sup>110</sup>*

Precisava retornar à Santiago, o calendário já marcava 19 de setembro. Acontecia na capital, envoltas de terror e tentando mascarar o sangue que escorria pelas sarjetas, as comemorações da independência chilena. Na sua carta-relato, Anacleto deixa uma lacuna na narrativa, não descrevendo os acontecimentos entre o dia 12, data da primeira ligação, e o dia do retorno. Talvez não julgasse de interesse dos seus interlocutores, ou então outros almoços com o *viejo milico* e o Sargento Garcia vieram a ocorrer, tornando o relato enfadonho e repetitivo se neles se ativesse, contudo, isso não passa de possibilidades, conjecturas que atijam nossa imaginação histórica e nos transportam na esteira do tempo.

Antes de darmos continuidade à narração dos acontecimentos, cabe trazer à tona um outro relato sobre os momentos finais na província de Coyhaique. No seu depoimento de memória, estimulado pelos questionamentos elaborados a partir da técnica da história oral, Anacleto não menciona a ligação do dia 12, em função do aniversário do sobrinho, nem a conversa com Lourdes sobre o *allanamiento* no apartamento de Anatólio. No entanto, descreve uma outra conversa, talvez uma terceira ligação – ou uma reelaboração da primeira –, onde narra o seguinte:

<sup>110</sup> “- Escuta, Teto, o que você está fazendo que não vem logo pra cá??? Olha, a menina está muito doentinha, e Anatólio foi buscar remédios na farmácia do seu pai, você entende??? Mas está cada vez mais difícil conseguir os remédios por causa de todos esses problemas. Falta muito para você vir?

- Sim, meu amor, porque ainda não comprei o carro. Vocês não conseguem resolver sem mim?

- Não, velho, diga ao seu amigo que se encarregue de fazer o negócio porque a menina está muito doentinha e tudo isso.

- Está bem, eu vou. Está bem??? Tchau.” (Tradução nossa). Ibidem.



Então eu recebi um telefonema, nem sei como, não me lembro como é que Lourdes, a minha esposa naquele momento, tinha descoberto um telefone que eu nem sabia que existia. Talvez ela tenha conseguido através da esposa desse meu vizinho que tinha um telefone de contato lá, e ela me telefonou e me disse que: "Olha, quando é que você volta? Anatailde, que gosta muito de futebol, está no estádio nacional". Era uma conversa estranhíssima, não é? E eu ainda não estava sabendo do bombardeio ao La Moneda, ao Palácio. Então eu disse: "Não, eu volto o mais rápido que eu puder". E aí as notícias chegaram, eu entendi depois que a conversa era troncha porque realmente havia acontecido o golpe, que tinha acontecido o bombardeio ao La Moneda. Então eu decidi que tinha que voltar o mais rápido possível. Eu tinha duas alternativas: ou eu tentava de alguma forma cruzar a fronteira para a Argentina, ou eu voltava para Santiago para encontrar minha família.<sup>111</sup>

A passagem pelo Estádio Nacional, seja do próprio indivíduo ou de pessoas próximas, também se configura como um marco social de memória. A lembrança das atrocidades cometidas naquele centro de detenção ou a angústia dos que tiveram seus entes recolhidos à *La Cancha Infame*<sup>112</sup>, compartilhados posteriormente em atos de denúncia, livros de memória, nas ações judiciais contra o Estado Chileno, ou mesmo nas simples reuniões de perseguidos políticos e exilados pulverizados em diversos países após a queda da Unidad Popular, fixaram o trauma da prisão no Estádio Nacional como uma baliza referencial da rememorações. Talvez por isso, passados 50 anos do golpe militar chileno, Anacleto tenha ressaltado a ligação que trata da prisão de Anatailde e não da fuga de Anatólio para a embaixada, não que o segundo não tenha marcado sua vivência, ou tenha menor importância, mas não foi uma experiência compartilhada a um nível mais abrangente e, por consequência, não foi tão reiterado, reforçado e lembrado, influenciando, dessa forma, nas operações de memória.

Com a declaração do estado de sítio, o retorno direto para Santiago só seria possível por meio de autorização expressa do exército, um documento de salvo-conduto que permitiria passagem pelas diversas barreiras militares montadas nas vias terrestres, portos e aeroportos. Para conseguir tal documento, Anacleto recorreu novamente ao anfitrião improvável, que o acompanhou até o quartel do regimento de Coyhaique para solicitar o salvo-conduto:

*El problema mio era el salvoconducto y el viejo fue conmigo al cuartel militar. Era la única forma. Menos mal que todo fue rápido a los corre corre pues surgió un vuelo de LAN Chile y muchos fueron a pedir el salvoconducto para poder sacar su*

<sup>111</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>112</sup> Se refere ao Estádio Nacional do Chile, onde foram presas, torturadas e assassinadas milhares de pessoas.

*pasaje a Santiago, pues sin su presentación en las oficinas de la compañía aérea no se vendían los pasajes. Como el viejo fue conmigo no tuve ni que hablar y de las ocho listas de nombres buscados el milico revisó dos y dejó las otras de lado para firmar el dichoso papelucho, que aún guardo conmigo. Bueno salí de ahí ya con el corazón en su lugar pues cuando entre lo sentí como por los pulmones y el cangote.*<sup>113</sup>

Após sacar o documento, Anacleto retorna ao hotel para organizar seus pertences e seguir para o aeroporto, o vizinho e amigo não o acompanharia no regresso à capital. O caminho até a estação de embarque não seria sem sobressaltos, a nova ordem policialesca instalada pelo golpe ensejaria uma epopeia de bloqueios, interrogatórios e revistas, o fato de ser estrangeiro agravaria ainda mais esse problema. A saída para esse tipo de percalço residia na habilidade da qual tinha lançado mão até o momento, a conversa fácil e a atuação que o fazia passar por um homem apolítico, desinteressado das questões que o país enfrentava, além do trunfo de se referir ao velho militar, seu “*salvador sin saberlo*”<sup>114</sup>, e ao Sargento Garcia como grandes amigos seus.

O caminho para o aeroporto tinha sido percorrido em um taxi compartilhado. No veículo, seguiam com Anacleto dois jovens, um rapaz de aparência mais velha, entre os 20 ou 25 anos, e uma moça que ainda conservava sinais da adolescência. Anacleto relembra as expressões de medo dos jovens, “se notava na cara deles que eles estavam apavorados, apavorados mesmo”<sup>115</sup>. O rapaz tinha barba rala e cabelos longos, se vestia tipicamente como um jovem de esquerda. Já a moça era quem seguiria para Santiago e o irmão<sup>116</sup> a acompanhava somente até o aeroporto. Na hora de despachar a bagagem, para evitar o excesso da moça, Anacleto aceitara a sugestão de dividir as malas com a jovem e seguiram juntos para o embarque:

*Cuando yo entregué nuestros papeles resultó que, claro, yo siendo extranjero me sacaron de la fila, me metieron en un cuartito chiquito y casi me desnuda el*

<sup>113</sup> “O meu problema era o salvo-conduto e o velho foi comigo até o quartel militar. Era a única forma. Ainda bem que tudo foi rápido, no corre-corre mesmo, pois surgiu um voo da LAN Chile e muitos foram pedir o salvo-conduto para poder comprar sua passagem para Santiago, já que sem a apresentação dele nas oficinas da companhia aérea os bilhetes não eram vendidos. Como o velho foi comigo, não precisei nem falar, e das oito listas de nomes procurados o milico revisou duas e deixou as outras de lado para assinar o tal papelucho, que ainda guardo comigo. Bem, saí de lá já com o coração no lugar, pois quando entrei senti como se fosse passar pulmões e sair pelo pescoço.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>114</sup> “Meu salvador sem saber” (Tradução nossa). Ibidem.

<sup>115</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

<sup>116</sup> Na carta-relato, Anacleto apresenta esse acontecimento afirmando que os jovens eram irmãos, já no seu depoimento de memória, há uma pequena alteração no tipo de relação, passam a ser apresentados como um jovem casal.

*teniente. Preguntas seriotas y respuestas mias siempre refiriendome en lo posible a “mis grandes amigos” “el viejo” y su yerno a los cuales él conocia. Asi se habló un poco más. Luego le dije en mi pésimo español (porque ahí si no me arriesgué a hablar a lo cubano) que iba a Santiago pero regreseba en una semana y sólo iba porque mi hija estaba enferma. “Ah, pero y la que lo acompaña quién es?” Me preguntó. Bueno, teniente, sabe como son esas cosas, usted siendo hombre debe saber de esas cosas no? Cuando acepté para el exceso de equipaje de la muchacha de algo, sabia, me iba a servir ella. Y me servió de mucho porque a partir de ahí no solo se acabó la cara seria del teniente, sino que también, y muy a tiempo, la revisión, pues él ya estaba revisando los bordes de lar opa y em el abrion traía unos dólares presisamente em el borde del abrigón negro. La última pregunta fue sobre el dinero en escudos que le pareció mucho pero ya me fue fácil pues “que gran hombre” no lleva plata cuando sale con su amante de turismo? El teniente bastante joven se lanzó a preguntas más serias como ser las mulatas y carnavales brasileiros, comparando las chilenas e brasileiras y por supuesto las chilenas a es hora ganaron.<sup>117</sup>*

Tomaram o voo para Santiago do Chile, a aterrissagem estava prevista para acontecer no aeroporto internacional de Pudahuel (hoje Arturo Merino Benítez), principal estação de passageiros do Chile, onde a vigilância era estrita e o risco de uma nova revista e uma possível prisão era muito maior por se tratar da capital. Contudo, por ocasião de um problema na estação de Pudahuel, o voo teve de ser desviado para o pequeno aeroporto de Los Cerrillos, que já tinha desativado suas operações para voos comerciais desde 1967, sendo um local de vigilância muito menos acirrada e mais fácil de passar despercebido pelos agentes do Estado. Ao desembarcar em Santiago, notou que havia um pequeno destacamento de carabineiros guardando a entrada principal do aeroporto que era ladeada por um canteiro longo, porém estreito, dividindo a parte interna da parte externa que dava para calçada da rua. Uma longa fila de passageiros havia se formado para sair do recinto, numa liturgia que certamente deixara os nervos de Anacleto,

---

<sup>117</sup> “Quando entreguei nossos papéis, aconteceu que, claro, por eu ser estrangeiro, me tiraram da fila, me colocaram em um quatinho pequeno e o tenente quase me deixou nu. Perguntava muito seriamente e minhas respostas sempre me referindo, na medida do possível, aos ‘meus grandes amigos’, ‘o velho’ e seu genro, que ele conhecia. Assim foi se abrandando um pouco mais. Depois lhe disse, em meu péssimo espanhol (porque ali não me arrisquei a falar como cubano), que ia a Santiago, mas voltaria em uma semana e que só ia porque minha filha estava doente. ‘Ah, mas e a que o acompanha, quem é?’, me perguntou. ‘Bem, tenente, o senhor sabe como são essas coisas, sendo homem deve entender, não?’ Quando aceitei o excesso de bagagem da moça, sabia que ela me seria útil. E me foi muito útil porque, a partir daí, não apenas acabou a cara séria do tenente, mas também, e muito oportunamente, a revista, pois ele já estava examinando as bordas da roupa e no sobretudo eu trazia alguns dólares justamente na borda do casaco preto. A última pergunta foi sobre o dinheiro em escudos, que lhe pareceu muito, mas aí já foi fácil, pois ‘que grande homem não leva dinheiro quando sai com sua amante em turismo?’ O tenente, bastante jovem, passou então a perguntas mais leves, como sobre as mulatas e os carnavais brasileiros, comparando as chilenas e as brasileiras — e, claro, naquela hora as chilenas ganharam.” (Tradução nossa). JULIAO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

novamente, à flor da pele. Enquanto as pessoas iam passando, apresentando seus documentos e justificativas aos militares que postavam ao portão, Anacleto notou que um senhor havia se desprendido da fila, tomando a direção do canteiro e cruzando-o com uma grande passada. Decidiu fazer o mesmo, seguiu o protocolo do senhor e saltou o canteiro com destino à rua. Na calçada, tomou o primeiro taxi que encontrou, dando parcialmente o endereço de Alexina, porque, segundo relata<sup>118</sup>: “*nadie merecia confianza de saber donde yo iba, y menos el chofer del taxi que me pareció “tira” quizá porque era muy buena gente quierendome llevar a casa antes del toque de queda o quizá por mi miedo [...]”*”<sup>119</sup>.

\*\*\*\*\*

Após o *tanquetazo*, percebendo que a democracia chilena rumava em direção ao abismo e que a segurança de que gozavam até então corria sérios riscos, Alexina decidiu antecipar-se à quebra da ordem constitucional e, antes mesmo da formação do estado de exceção, montou uma espécie de “aparelho”<sup>120</sup> num pequeno anexo de residência que alugara a uma senhora. O espaço era exíguo e funcionava como um depósito sem numeração na rua. Continha um quarto improvisado, um corredor que fazia às vezes de cozinha, uma sala e um banheiro. As paredes separavam o “puxadinho” da sala de estar da proprietária do imóvel. Sem isolamento acústico algum, quem se encontrava no pequeno esconderijo tinha de falar aos cochichos. Foi para lá que Anacleto se direcionou ao sair do aeroporto e saltar do taxi algumas ruas depois do endereço, dedicando um pouco de tempo a andar sem rumo pelas ruas para despistar o taxista. Ao chegar no local, foi recebido por Alexina e Oswaldo<sup>121</sup>, Lourdes não se encontrava pois havia saído para recebê-lo no aeroporto de Pudahuel, mas também já estava alojada junto à sogra. Segundo Anacleto, as coisas ficaram mais tensas a partir desse momento:

---

<sup>118</sup> Aqui há novamente uma pequena diferenciação entre o que está descrito na carta-relato e o relato de memória. Na carta, diferentemente do que foi narrado neste ponto, Anacleto não menciona o pequeno canteiro, nem o senhor que desvia da revista dos carabineiros. Além disso, a jovem que havia sido sua parceira de viagem desde Coihayque, também o acompanharia no taxi em Santiago, mudando a rota que seria feita. Inicialmente, Anacleto havia dado o endereço da Calle Manuel Antonio Prieto, mudando para o endereço de Alexina, somente a duas quadras de distância do endereço da moça.

<sup>119</sup> “Ninguém merecia confiança para saber aonde eu ia, e menos ainda o motorista do táxi, que me pareceu ‘tira’, talvez porque fosse gente muito boa querendo me levar para casa antes do toque de recolher, ou talvez por meu medo [...]” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anátide Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>120</sup> “Aparelho” era o termo utilizado para designar refúgios clandestinos, lugares de reunião ou de estadia dos opositores das ditaduras militares.

<sup>121</sup> Oswaldo Soares, companheiro de Alexina, exilado brasileiro banido pela ditadura militar.

*De ahí empezó realmente mi nervosismo pues siendo la casa chiquita y siempre teniendo que hablar en cuchicheos se creó una atmosfera del verdadero clandestino con el temor de que le tocara esta noche la revisión en casa de La Madre pues en la noche anterior habian revisado la casa de la vieja, vecina y dueña de la casa de La Madre, luego los milicos saltando la puerta de la casita escondidita, revisaron del otro lado de donde se llevaron a algunos después de um tiroteo y todo eso. Parece que confundieron la puerta de la casa de La Madre dándola como la misma casa de la vieja ya revisada. Además de que la vieja cuando fue interrogada por los milicos dijo por su propia voluntad que al lado no vivia nadie y como ustedes saben ella le arendava el departamento a La Madre.<sup>122</sup>*

Passada a primeira noite no aparelho, Anacleto retorna ao seu apartamento na manhã seguinte para buscar alguns poucos pertences e, principalmente, algumas latas de leite especial para sua filha Anatilde que, com apenas dez meses, enfrentava problemas digestórios em decorrência da intolerância a lactose, e a fórmula contida nas latas era a principal forma de nutrição da pequena. Ainda aproveitou a ocasião para queimar alguns documentos incriminatórios que temia que caíssem nas mãos dos golpistas. Para essa tarefa, contou com a ajuda de Alaor Passos, exilado brasileiro que atuava profissionalmente no escritório da ONU no Chile e que havia se tornado amigo da família durante a visita de Francisco Julião à terra andina. Logo após a saída do apartamento, tomaram o carro em direção a esquina da Manuel Antônio Prieto com a Avenida General Bustamante, onde observaram pelo retrovisor da renoleta um pelotão de carabineiros baixando de um caminhão em frente ao pequeno edificio que acabaram de deixar. Sendo o bairro de Providencia majoritariamente de classe média e opositor ao governo Allende, Anacleto desconfia que tenha sido denunciado por uma vizinha que sempre o fitava pela brecha da janela. Depois de zigzaguearem pelas ruas do bairro, para terem a certeza de que não estavam sendo seguidos, retornaram ao esconderijo montado por Alexina e deliberaram que sairiam todos em busca de uma embaixada que os acolhessem.

É impressionante, dada a riqueza dos relatos, como um contexto encarado como uma situação limite enseja que uma grande quantidade de acontecimentos possa ocorrer em um

---

<sup>122</sup> “A partir daí começou realmente o meu nervosismo, pois sendo a casa pequena e sempre tendo que falar em cochichos, criou-se uma atmosfera de verdadeiro clandestino, com o temor de que naquela noite fosse a vez do allanamiento na casa de nossa Mãe, já que na noite anterior haviam revistado a casa da velha, vizinha e dona da casa da nossa Mãe. Depois, os milicos, pulando a porta da casinha escondida, revistaram do outro lado, de onde levaram algumas pessoas após um tiroteio e tudo isso. Parece que confundiram a porta da casa de onde estávamos, tomando-a como se fosse a mesma casa da velha já revistada. Além disso, a velha, quando foi interrogada pelos milicos, disse por sua própria vontade que ao lado não morava ninguém, e como vocês sabem, ela alugava o apartamento para nossa Mãe.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

pequeníssimo espaço de tempo. Os fatos narrados por Anacleto e aqui apresentados se passam no intervalo do dia 19, dia da chegada em Santiago, e o dia 20, data da busca por embaixadas. Na carta-relato, Anacleto detalha que, antes mesmo da rápida visita ao seu apartamento, havia saído com seu filho Andes para sondar algumas embaixadas:

*Fui temprano yo con Andes a la embajada de Colombia. En las calles de Santiago yo prometia el reino de los cielos y de la tierra a Andes con tal de que no hablara ni me hiciera hablar a mi. Todo fue bien pero la embajada no nos dejó entrar. Regresamos a casa de La Madre. No habia nadie. Fui a mi casa con la suerte de que habia ahí la feria de compras y lleno de gente pasé casi sin ser visto. Habia que tener cuidado por estos lados principalmente por la casa de “tira” que vivia delante de mi y por ser región “momia”. Como me viera una vecina cretina del segundo piso preferí no arriesgar mucho tiempo pues un segundo como el caso de Tata puede ser de muy mal gusto a nuestro pellejo.<sup>123</sup>*

Um outro fato cai no esquecimento no relato de memória tecido por Anacleto no tempo presente. Ao chegar no seu apartamento, encontra-se com Lourdes que já se estava no local, inclusive tomando a dianteira no apagamento de informações, queimando os papéis comprometedores. Em seguida, saíram juntos com destino a embaixada dos Estados Unidos pois, sendo Lourdes cubano-americana, nascida em Miami, esperavam que poderiam ter alguma chance de acolhimento. O resultado não poderia ser mais previsível, nas palavras de Anacleto “*nos dieron una patada por el fondillo*”<sup>124</sup>, além disso, foram denunciados pelas secretárias da embaixada ianque. Somente após essas duas negativas, a da embaixada colombiana e estadunidense, que a família seguiu, em conjunto com Alaor Passos, para a embaixada panamenha.

---

<sup>123</sup> “Fui cedo com Andes à embaixada da Colômbia. Nas ruas de Santiago, eu prometia o reino dos céus e da terra a Andes, contanto que não falasse nem me fizesse falar. Tudo correu bem, mas a embaixada não nos deixou entrar. Voltamos para a casa da Mãe, mas não havia ninguém. Fui para minha casa com a sorte de que havia por ali uma feira e, cheia de gente, passei quase sem ser visto. Era preciso ter cuidado por esses lados, principalmente por causa da casa do ‘tira’ que morava em frente a minha casa e por ser uma região ‘momia’. Como uma vizinha cretina do segundo andar me viu, preferi não arriscar muito tempo, pois um segundo como o caso de Tata poderia ser de muito mau gosto para nossa pele.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anailde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião. – “Tata” é o apelido de Anailde de Paula Crespo, irmã mais velha de Anacleto.

<sup>124</sup> “Me deram um chute na bunda” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anailde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

### 3.2 “La parte má triste de esa pesadilla”<sup>125</sup>: Chegada na embaixada do Panamá, conflitos entre os asilados, trocas diplomáticas e a esperança nórdica.

Assim como os organismos de solidariedade e a prisão no Estádio Nacional, o capítulo das embaixadas se configura como uma experiência social transmutada em marco de memória. O espaço dos edifícios diplomáticos, quase sempre inadequados para a vida diária, passaram a abrigar centenas de pessoas que a eles recorriam para manutenção da existência. Ali, compartilharam suas vivências, suas dores, seus medos. Foram obrigados a se ajustarem, enquanto coletividade, para que a vida fosse possível. Muitas foram as demonstrações de companheirismo, de empatia e de sensibilidade, contudo, quase na mesma medida, a face mais mesquinha e individualista do comportamento humano, nessas situações de extrema vulnerabilidade, também floresce em atitudes desagregadoras, boicotando o funcionamento do organismo coletivo.

O Panamá foi um dos países na América Latina que mais recebeu exilados do golpe chileno, mesmo que tenha sido usado, na maioria das vezes, apenas como estadia de passagem principalmente para o México, que já gozava de uma antiga tradição de acolhida, ou outros países do globo. Sua embaixada no Chile recebeu gente da estirpe de Hebert José de Sousa, novamente o “Betinho”, José Maria Rabêlo, Teothonio dos Santos, Vânia Bambirra, entre outros. A chegada de Anacleto à embaixada pode ser descrita como, no mínimo, conturbada. Segundo José Maria Rabelo, em depoimento à Pedro Celso Uchôa Cavalcanti (1976, p.167), o espaço da embaixada, um pequeno apartamento de 60 metros quadrados, já sofria de superlotação, 40 pessoas no dia 19 de setembro, passando para o impressionante número de 250 pessoas no dia 20, data do ingresso de Anacleto. O entorno da embaixada, e isso não era exclusividade da embaixada panamenha, era extremamente vigiado. Rondas constantes de carabineiros intimidavam os asilados e tumultuavam a entrada daqueles que procuravam asilo, muitas vezes impediam, com prisões arbitrárias e rajadas de metralhadora, a chegada de cidadãos à porta dos edifícios diplomáticos.

Alaor parara a renoleta defronte à entrada da embaixada, desceram primeiro Lourdes e Anatilde. Enquanto mãe e filha ingressavam no edifício, o carro, agora guiado pela companheira do funcionário da ONU, circulava pelas redondezas buscando não chamar atenção, faltavam entrar na embaixada Anacleto, Andes e Alexina:

---

<sup>125</sup> “A parte mais triste desse pesadelo” (Tradução nossa). Ibidem.

*Entonces fuimos yo y Andes de casualidad entramos también por los ruegos de nuestro amigo y la mano de Uré que decia, no sé porque, “aquí, aquí”. Parece que al ver el funcionario la familia dividida le entró lo de bueno y allá fuimos dos de menos. Luego de la entrada pasó lo lo que Tulito cuenta también sobre la multitud preguntando sobre gentes que uno ni los conocia.*<sup>126</sup>

Alexina ficou por último em consequência de uma escolha própria, em uma clara demonstração de altivez e coragem, não desejava que houvesse o risco de conseguir entrar em uma embaixada sem ter a certeza de que seus filhos e netos também conseguiriam. Além disso, queria buscar notícias sobre Anatailde que, depois de levada para o Estádio Nacional, nada sobre ela foi informado. Após a entrada de Anacleto e Andes, a apertada embaixada fechara as portas, os funcionários, apoiados por um grande grupo de asilados, não queriam permitir a entrada de mais ninguém. Com a negativa do Panamá para a entrada de Alexina, Alaor se comprometera a conseguir uma outra embaixada que a recebesse, promessa de difícil concretização, pois, naquele momento, as embaixadas que aceitaram acolher os refugiados do regime recém-instalado sofriam dos mesmos problemas de que sofria a embaixada do Panamá. Anacleto recorda desse momento da seguinte forma:

[...] aí voltou Alaor com Alexina, e o pessoal abriu só um pouco a porta e falaram ‘não vai entrar, não cabe mais ninguém, não cabe mais ninguém!’. Mas eu peguei no braço da minha mãe e puxei ela para dentro com toda a minha força, aliás, com o pouco de força que eu tinha, e ela entrou, então ficamos juntos, a família completa.<sup>127</sup>

Anacleto ainda afirma que, após a entrada de Alexina, passados alguns minutos, uma patrulha de carabineiros montou guarda no local e somente uns poucos conseguiram ingressar na embaixada. Entre os que falharam, uma mulher grávida, não se sabe qual fim ela encontrou.

Há depoimentos controversos sobre o dia a dia dentro da embaixada panamenha, para José Maria Rabelo (1976 apud Cavalcanti, 1976, p.169), excetuando alguns raros desvios, as estratégias encontradas para o funcionamento da coletividade possibilitaram a convivência pacífica e funcional do grupo, tendo as pessoas que estavam naquela situação “um

<sup>126</sup> “Então fomos eu e Andes, e entramos também, graças aos rogos de nosso amigo e à Uré, que acenava e dizia, não sei por quê, ‘aquí, aqui’. Parece que o funcionário, ao ver a família dividida, despertou nele algo de bom e lá fomos, dois a menos. Depois da entrada, aconteceu o que Tulito também conta, sobre a multidão perguntando por pessoas que a gente nem sequer conhecia.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>127</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.



comportamento exemplar: mesmo nas horas mais tensas, quando – por exemplo – correu a notícia de que os fascistas iam atacar o apartamento, não houve um incidente, um gesto de impaciência ou descontrole”. No entanto, o que de fato existia era uma situação insalubre, quase cinco pessoas por metro quadrado, homens, mulheres, idosos, crianças e bebês de colo dividindo o mesmo espaço, sem a mínima condição de higiene. Anacleto descreve na sua carta-relato, após fazer uma grande crítica à demagogia dos supostos companheiros, o difícil contexto da embaixada:

*La gente no podia moverse, transitar, circular que malamente lo podia hacer nuestra sangre por las venas. Se hacian turnos de cuatro horas para poder dormir por grupos unos sentados y otros com más sorte acostados sin reclamos de una mano atrevida, porque hasta eso hubo ahí. También, se turnaba la salida al patio [...] por treinta minutos para fumar um cigarrillo. En el baño cinco mujeres se acompañaban una en el lava mano, otra en la taza, otra en el bide mientras una se bañaba de casualidad en la bañera.*<sup>128</sup>

Com os assédios reiterados entre os asilados e com a situação sanitária cada vez mais precária, surgiu a possibilidade de parte das mulheres e crianças serem transferidas para o apartamento do embaixador panamenho. Nesta leva, Lourdes seguiu com Anatilde e Andes, permanecendo no pequeno apartamento Anacleto e Alexina. A falta de qualquer estrutura com fins profiláticos seguia sendo o principal desafio dos asilados. Com a alimentação escassa e a insalubre condição de existência, as doenças infecciosas encontravam terreno fértil para contaminação. Hebert de Souza (1976 apud Cavalcanti, 1976, p.104) cujo estado de saúde era delicado por conta da hemofilia, descreve o modo de operação para com os que caíam doentes:

Se criou uma pequena enfermaria onde eu fiquei quase o tempo todo, deitado, com 11 pessoas no chão, sendo eu uma delas. Lá pelas tantas tem-se dúvida sobre um companheiro que estava com um pé muito roxo e pensava-se que poderia ser uma infecção. Como havia perigo de contágio, todo mundo desse quartinho tinha que ficar isolado do resto.

---

<sup>128</sup> “As pessoas não podiam se mover, transitar, circular, mal nosso sangue podia circular pelas veias. Faziam-se turnos de quatro horas para poder dormir em grupos, alguns sentados e outros, com mais sorte, deitados, sem reclamar de possíveis ‘mãos atrevidas’, porque até isso houve ali. Também se revezava a saída para o pátio [...] por trinta minutos, para fumar um cigarro. No banheiro, cinco mulheres se acompanhavam: uma na pia, outra no vaso, outra no bidê, enquanto uma, por acaso, se banhava na banheira.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

Anacleto ainda comenta que um surto de diarreia acometeu os internos, gerando uma série de episódios lamentáveis e constrangedores. Dessa forma, foi constituída uma comissão de representantes, com brasileiros à frente, para levar as demandas ao embaixador e solicitar uma avaliação do corpo médico da junta militar, para que atestassem a inadequação do apartamento. Com a verificação da saturação do local e do sério risco da embaixada se tornar o epicentro de uma epidemia, foi autorizada a transferência dos asilados para a uma grande residência na rua *José Domingo Cañas*, de propriedade de Theotônio dos Santos, transformada em anexo da embaixada do Panamá. O traslado se deu em cinco ônibus lotados, escoltados por vários destacamentos de carabineiros, que ameaçavam e provocavam os asilados em uma demonstração clara de terrorismo psicológico.

Com a família reunida novamente, a situação melhorara um pouco. A casa, ainda que de proporções muito maiores que os 60m<sup>2</sup> do apartamento, não era o suficiente para comportar os quase 300 novos inquilinos. A logística e organização interna, tão celebrada por José Maria Rabelo, funcionara um pouco melhor, contudo, Anacleto relata pequenos abusos, privilégios e casos de corrupção interna que o fizeram amargar grandes decepções:

*La casa por cierto era de uno de la famosa comisión que dentro de todo no dejaba los negocios y la habia arrendado a buen precio y en dólares a la embajada panameña. Era de su propiedad aun en arreglo para ser habitada. Posteriormente la vendió pues parece que el alquiler era com promessa de compra y todo. [...] Aunque no habia nada el dueño se esa casa se referia asi a los cuartos: “Aqui n mi escritorio pueden dormir unos treinta, aqui em el cuarto de los niños otros cincuenta” etc ... Nos reímos pues solo eran las ruinas y sus sueños idos. Este fue el que mejor arreglo los bigotes que hasta una colecta de dinero para comprar lápices y papeles para que los niños se entretuvieran, hasta este dinero fue a parar em sus bolsillo, eso todo con testigos se los digo. No solo el si no que otros apitutados hasta con el mejor lugar para dormir etc. Bueno que se vio ahi robo, manoseo, apitutados o mayinbes, chupamedias, maricones, prostitutas, drogaditos y al fin unos pocos realmente muy pocos normales com verguenza y sentido revolucionario.<sup>129</sup>*

<sup>129</sup> “A casa, por certo, era de um dos membros da famosa comissão que, apesar de tudo, não deixava os negócios de lado e a havia alugado por um bom preço e em dólares para a embaixada panamenha. A propriedade ainda não estava pronta para ser habitada. Posteriormente, esse membro a vendeu, pois parece que o aluguel vinha com promessa de compra e tudo. [...] Embora não houvesse nada, o dono dessa casa se referia assim aos quartos: ‘Aqui no meu escritório podem dormir uns trinta, aqui no quarto das crianças outros cinquenta etc’. Nós rimos, pois eram apenas ruínas e seus sonhos perdidos. Este foi o que melhor encheu as burras, chegando até a fazer uma coleta de dinheiro para comprar lápis e papéis para que as crianças se entretivessem, mas até esse dinheiro foi parar em seus bolsos, e digo isso com testemunhas. Não só ele, mas também outros apitutados, até com o melhor lugar para dormir, e assim por diante. Bem, o que se viu ali foi roubo, aproveitamento, apitutados ou “mayinbes”, puxa-sacos, maricas, prostitutas, drogados e, ao fim, uns poucos — realmente muito poucos — normais, com vergonha e sentido revolucionário.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário:

A essa altura, 28 de setembro, obtiveram a notícia da soltura de Anatailde, fruto da corajosa intervenção do embaixador sueco Gustaf Harald Edelstam. O embaixador nórdico passou para a História como o salvador de centenas de perseguidos políticos da América Latina, interferindo pessoalmente para a retirada de presos no Estado Nacional e atuando como coordenador das representações diplomáticas que receberam refugiados, organizando traslados e trocas de asilados para recompor as famílias. Assim, após o resgate de Anatailde, Edelstam conseguiu localizar Anacleto e o restante da família, oferecendo o asilo sueco:

Então, de repente, chegou um telefonema e o pessoal que estava nesse escritório chamou assim: "Alexina. Alexina Lins. Alexina Lins. Tem um telefonema para você". Aí ela saiu se empurrando entre a multidão, chegou lá e era Anatailde dizendo: "Olha, eu já estou aqui com o embaixador e ele quer juntar a gente. E como tem algumas pessoas aqui que querem ir para o Panamá ou México, ele sugeriu uma troca, vocês vêm para cá, e os daqui que querem ir para o Panamá ou México vão", e houve essa troca.<sup>130</sup>

No dia 30 de setembro, dois dias após ser liberada do estádio portanto, Anatailde embarca para Suécia acompanhada dos seus dois filhos. Mais dois dias se passaram, já iniciara o mês de outubro e chegara à data do traslado para embaixada sueca. O embaixador Edelstam se dirigiu pessoalmente para buscar a família, os levaria para o edifício onde funcionava a embaixada cubana que, após o golpe, sofrera inúmeros atentados sendo transferida para tutela sueca. Anacleto recorda que, ainda que protegidos pela lei internacional e pela inviolabilidade das embaixadas, o trajeto para o novo asilo não foi desprovido de insegurança:

Recordo bem esse dia. Ele veio pessoalmente nos buscar, com o carro da embaixada, com a bandeira da Suécia. E nós fomos... Eu no banco da frente, junto com ele, que dirigia o carro. No banco de trás, estavam Alexina, Lourdes, Andes, e Lourdes tinha em seu colo nossa filha Anatailde. Chegando no portão da embaixada Cubana, [...] havia vários militares no portão da embaixada. Quando o carro parou, os militares apontaram as armas para nosso veículo. Edelstam imediatamente abriu a porta e eu fui intimado pelo militar a abrir e sair do carro. O milico colocou sua arma através da janela, que não estava totalmente fechada, tinha uns 4 ou 5 dedos aberta. E

---

Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião. Não há provas que atestem ganho financeiro de Theotônio dos Santos. Hoje, no tempo da rememoração, Anacleto se refere à Theotônio com admiração.

<sup>130</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

aí ele colocou o fuzil na minha cabeça. Eu fiquei na indecisão de abrir a porta e sair ou não, porque eu pensei, que o trinco da porta poderia ser o motivo para que ele pensasse que eu estava armado e disparar a arma dele. Eu esperei porque Edelstam, ao sair do carro, ordenou "não sair do carro, não saiam do carro". Aí nós ficamos no carro e ele foi lá, tirou esse soldado com esse fuzil da minha cabeça e reclamou dizendo aos soldados: "Vocês querem uma guerra com o Reino da Suécia? Eu sou embaixador da Suécia." Aí permitiram que se acalmasse a coisa e aí entramos na embaixada Cubana sob a proteção da Suécia.<sup>131</sup>

As condições de permanência na embaixada cubana eram infinitamente melhores que as vivenciadas até aquele momento. Menos saturada que a casa anexada à embaixada do Panamá, as crianças conseguiam circular livremente e brincar no jardim. A higiene também melhorara. Anacleto, que chegara adoentado com um desarranjo gastrointestinal, começara a convalescer. Agora era aguardar a expedição dos salvo-condutos que autorizariam a família embarcar para Suécia. O momento de espera seguiu a métrica do compasso das horas e dos dias, a embaixada cubana, ainda que existissem conflitos, possuía um dia a dia tranquilo em comparação à estadia anterior. A plácida monotonia só era quebrada pelos reiterados ataques dos militares chilenos, que alvejavam a fachada da embaixada em um ato de profundo desrespeito à práxis das relações internacionais: *“A medida que los días pasaban los milicos más atrevidos ya no tiraban al aire pero también tiraban dentro de la embajada y al outro día veíamos ‘huequitos’ o encontravamos los plomos machucados. Por eso después tuvimos que encerrar más los niños”*.<sup>132</sup>

Expedido o salvo-conduto, uma aeronave da SAS, companhia de aviação estatal sueca, aguardava a chegada dos asilados no aeroporto de Pudahuel. Naquele heterogêneo grupo, havia diferentes nacionalidades e tendências político-partidárias, um corpo de prova da internacionalização da luta política latino-americana, também da barbárie ditatorial, extrapolara as fronteiras dos Estados Nacionais. Um novo exílio se configurara, embarcavam com destino ao país nórdico no dia 17 de outubro de 1973, quando uma fina chuva recaía sobre Santiago<sup>133</sup> do Chile, evento atípico naquele mês de primavera. A sensação de opressão e sufocamento

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> “À medida que os dias passavam, os milicos mais atrevidos já não atiravam apenas para o alto, mas também dentro da embaixada, e no dia seguinte víamos ‘furinhos’ ou encontrávamos os projéteis amassados. Por isso, depois tivemos que manter mais as crianças trancadas.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatlilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>133</sup> Anuário meteorológico 1973, p.69. Disponível em: <http://biblioteca.dgf.uchile.cl/anuarios/PDF/1973.pdf>.

gerado pelo regime pinochetista estava perto do fim, mas não sem antes de dar mais uma demonstração do despudor da perseguição:

*Ahi en el aeropuerto pasó un caso interesante con Andes: Él quiso ir al baño y lo llevó un milico pues rodeados por estos estabamos en una salita de espera sin poder salir a ninguna parte. Cuando regresó me contó que el militar le preguntó de que país era y él le dijo que se lo preguntara a su mamá porque él era muy chico y no lo sabia. Y luego me dijo que pensó si le decia cubano seguro lo llevaba preso. Fue muy buena respuesta de Andes si se tiene en cuenta sus cinco años recién cumplidos.*<sup>134</sup>

A utopia latino-americana se esvaziava ao passo que os aviões decolavam cheios de antigos e novo apátridas. Como um parto à fórceps, as aeronaves cruzavam os céus em direção a terras distantes daquele continente que insistira em os renegar. A diáspora latina, como ficou conhecido o exílio após o golpe chileno, interditou vidas, sustou projetos, separou famílias. De argentinos a brasileiro, de tupamaros a membros do VPR, os que investiram em um recomeço no Chile, propiciado pela existência da Unidad Popular, foram obrigados, mais uma vez, a reconstruir suas vidas no exterior e, num exame de autoimagem, reformular suas próprias identidades nos novos países de desterro. Com a integração dos governos ditatoriais, a manutenção da vida dos que se colocavam contra os regimes de exceção na América Latina se tornara insustentável, das asas do condor que carregavam esperanças, passaram às garras que abortavam o sonho de uma América Latina livre e independente.

*Ahora solo restaba una última mirada a la imponente cordillera chilena caminando por la escalerilla del avión, por lo demás con el ánimo bueno y todos de moral muy alta. Por consejo de La Madre todos pusimos el pie derecho en la escarilerilla del avión. Nos reiamos y nos mirabamos nuestros pies derechos incluyendo el de Andes. Y al fin nos ibamos.*<sup>135</sup>

<sup>134</sup> “Ali, no aeroporto, aconteceu um caso interessante com Andes: ele quis ir ao banheiro e foi levado por um milico, já que estávamos cercados por eles em uma salinha de espera sem poder sair para lugar nenhum. Quando voltou, me contou que o militar lhe perguntou de que país era, e ele respondeu que perguntasse à mãe dele porque era muito pequeno e não sabia. Depois me disse que pensou que, se dissesse que era cubano, com certeza o levariam preso. Foi uma ótima resposta de Andes, levando em conta seus recém-completados cinco anos de idade.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

<sup>135</sup> “Agora só restava uma última olhada para a imponente cordilheira chilena, caminhando pela escada do avião, apesar de tudo, com o ânimo bom e todos de moral muito alta. Por conselho da Mãe, todos colocamos o pé direito na escada do avião. Ríamos e olhávamos para nossos pés direitos, incluindo o de Andes. E, enfim, partíamos.” (Tradução nossa). JULIÃO, Anacleto. **HISTORIA de unas botas viajeras**. Destinatário: Anatilde Crêspo, Anatólio Julião, Francisco Julião. Suécia, 1973. Carta pessoal. Arquivo pessoal da Família Julião.

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA E O DISCURSO DO EXILADO

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (Pollak, 1989)

À esta altura, deixo a formalidade da conjugação em 1ª pessoa do plural, tão cara aos textos acadêmicos, para assumir inteiramente a pessoalidade deste trabalho. Dessa forma, ainda que não compartilhe com Bourdieu as mesmas concepções acerca do gênero biográfico, corroboro com sua perspectiva de que não há nada mais equivocado do que o axioma universalmente rogado nas ciências humanas de que o pesquisador não deve pôr nada de si em sua pesquisa. Este trabalho, em certa medida, versa um pouco sobre minha trajetória de investigação e análise, enquanto historiador-biógrafo que tentou vestir-se com a pele do seu biografado, buscando seguir seus passos e compreender suas escolhas. Digo isso não por uma exaltação egocêntrica ou supervalorização da minha posição de pesquisador, mas por ter sido esta narrativa fruto de uma colaboração constante entre investigador e investigado, autor e personagem. Em uma relação pautada sobretudo pela empatia, respeito mútuo e por um pacto de confiança, tão necessário àqueles que se libertam dos pudores e se abrem para narrar suas próprias vidas, assim foi com Anacleto. Faço esta advertência, pois, em grande medida, as reflexões feitas neste capítulo partirão das anotações escritas no caderno de campo no momento das entrevistas, versarão sobre os silenciamentos, sobre as emoções que ditavam o ritmo dos depoimentos, sobre as condições nas quais eles foram dados.

### **Memória, trauma, esquecimento: contar para ser lembrado.**

Para os que se postaram contra às ditaduras militares da América Latina, a vida foi transformada em sua totalidade. A política de exceção embaralhou as linhas que definiam os limites entre o público e o privado, obrigando os “inimigos” dos regimes a romper suas relações sociais e viver sob um novo cenário: a prisão, a clandestinidade ou o exílio. Assim, a crueldade

das perseguições e das demais ações de violação dos direitos humanos que compõem o estado de exceção, deixaram marcas indeléveis na vida dos indivíduos, forçando-os a construir novas formas de existência, novas maneiras de habitarem o mundo. No entanto, o sofrimento causado por essas experiências de situações-limite ultrapassa o fim das ditaduras, permanecendo mesmo após a instalação dos regimes pretensamente democráticos, com consequências graves para aqueles que os vivenciaram. Anacleto define bem esse sentimento, em certa ocasião me disse que o exílio era uma condenação eterna, pois, além da não integração total nos países de acolhida – ainda que quisesse se integrar –, quando da anistia, a terra que deixara não era a mesma da que quando retornou, gerando uma inadequação e um estranhamento aparentemente insolúveis. Esse “desajuste” muitas vezes encarado como opção por não se readaptar, é a causa de transtornos emocionais severos, como a depressão, a ansiedade e a síndrome do pânico, sequelas que muitos dos quais viveram o exílio não conseguiram suportar. Salgado (2020, p.113), se valendo de Turner (1974), contribuiu para o entendimento dessa questão afirmando que:

As experiências na clandestinidade e no exílio podem ser lidas sob a perspectiva do que Turner chamou de *liminaridade*. Ocupando esse espaço liminar, o sujeito não se encontra em um lugar social específico ou em outro, mas em um espaço intermediário. Em função dessa ambiguidade e de sua indeterminação, tais experiências são vividas com muita dificuldade.

À vista disso, Anacleto não é apenas um sobrevivente dos governos ditatoriais, mas dos pós-ditaduras, sobrevivente de uma sociedade cuja memória oficial – reforçada durante muito tempo pela História<sup>136</sup> – insiste em apagar as atrocidades cometidas pelo Estado, por consequência, incluindo também a sua história de vida. Dessa forma, narrar tornou-se ato de resistência ao apagamento, o que antes era restrito a círculos privados, mais íntimos, ganha, neste trabalho, uma outra dimensão: a da História, avalizada pelos pares sob a insígnia de uma instituição oficial. Nesse sentido, acerca da relação ora complementar, ora autofágica entre História e Memória, tomo como referência o que diz Pierre Nora (1993, p.9), para quem a Memória e a História estão longe de serem sinônimos, pois:

---

<sup>136</sup> É importante destacar que, pelo menos desde a anistia, a historiografia brasileira sobre o período ditatorial tem apresentado avanços significativos, sobretudo após a criação das Comissões da Verdade e a promulgação da Lei de Acesso à Informação. Apesar disso, os estudos que tratam especificamente do fenômeno do exílio permanecem escassos, revelando a necessidade de que a comunidade acadêmica se dedique de forma mais consistente e aprofundada a esse tema.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história e só conhece o relativo.

Dessa forma, levando em consideração que perto do desaparecimento as testemunhas desejam falar, inscrever suas lembranças contra o esquecimento, Anacleto decide, sessenta anos após o golpe civil-militar de 1964 e cinquenta anos depois do putsch pinochetista no Chile, contar a sua história, falar das suas lembranças. Passada a anistia, dedicara a maior parte do seu tempo em tocar o projeto político do recém-criado PDT e, ao afastar-se da política partidária, seus esforços se voltaram a manter viva a memória de Francisco Julião e das lutas das Ligas Camponesas, uma história da qual fez parte, mas não é a sua: “passei quase 40 anos da minha vida dedicado a isso [história das Ligas], agora quero contar a minha história”<sup>137</sup>. Portanto, aos 70 anos de idade, entre longas pausas para “tomar um ar” – ação que, a cada sessão de entrevista, acontecia com mais frequência pelo avanço do Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) – relatava-me, com todas as dificuldades, as suas memórias.

A hipóxia cerebral, consequência da DPOC, além causar dores de cabeça, mudanças de humor e dificuldade de concentração, provoca esquecimento, contudo, não foi o suficiente para apagar da memória de Anacleto as lembranças do exílio. Ainda que com algumas confusões, que puderam ser sanadas com a consulta ao enorme acervo documental que acumulou durante toda a vida, foi tecendo pacientemente a sua narrativa, reelaborando o seu passado à luz do

---

<sup>137</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.



presente, como dita os mecanismos de memória. Essa operação reconstitutiva não é um problema em si, do contrário, gera novas potencialidades interpretativas e possibilidades de questionamentos. Nesse sentido, Michel Pollak (1989, p.13) afirma que:

Por definição reconstrução *a posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com o outro.

Assim, os fatos narrados por Anacleto, de forma espontânea ou estimulados pelas perguntas elaboradas a partir do método história oral, foram resultados dessas operações de seleção, apagamento, afirmações e omissões, ordenadas cronologicamente com fim de estabelecer um relato conciso e formatar uma identidade. Toda essa intervenção, que se dá nos dois âmbitos psíquicos – consciente e inconscientemente –, pôde ser percebida quando da afirmativa de que não recebeu ajuda financeira de nenhuma instituição no Chile, como descrito no capítulo 1, o que é contestado por mais de um documento emitido pelo CIEX.

O trauma também é uma fronteira que dita as escolhas do que ou não dizer. Em muitas ocasiões, durante as entrevistas, a falta de ar crônica era potencializada pelo fator emocional, sendo necessário pausar a gravação para que Anacleto recuperasse o fôlego. Por diversas vezes, o assunto não era retomado. Quando a história se aproximava do momento do golpe no Chile, Anacleto me advertiu que precisaria de uns dias para pensar e, quando finalmente iniciáramos as gravações sobre o tema, ele me diz:

Essa é uma parte um pouco difícil para mim. Durante muito tempo, realmente tive... Toda vez que eu relatava esse pedaço da história do golpe, eu tinha pesadelos — depois que tudo passou —. Aí eu tinha pesadelo e dor de cabeça, mas vou tentar lembrar o que foram esses meses, esses poucos meses anterior ao golpe.<sup>138</sup>

“Apresenta dificuldade e emoção ao relatar”, foi o que escrevi nas observações da entrevista ao perguntar à Anacleto sobre suas lembranças marcantes de setembro de 1973. Recordar e falar são verbos, ações com implicações reais e palpáveis, pois lembrar é sofrer de

---

<sup>138</sup> Depoimento de Anacleto Julião concedido ao autor. Set-Dez/2023.

novo e, por esse motivo, Anacleto hesitou ao narrar o golpe no Chile, como hesitou em contar-me das dificuldades materiais pelas quais passou durante os primeiros meses após a chegada no país andino. Expor essas fragilidades, sem floreios, é assumir uma posição de vulnerabilidade, atitude que só aqueles que acreditam que seu testemunho tem algo a acrescentar à sociedade – e normalmente o tem – são capazes de exercer.

### **O lugar do exilado na justiça de transição.**

A justiça de transição compreende um conjunto abrangente de processos e mecanismos pelos quais uma sociedade busca enfrentar os efeitos de um passado marcado por conflitos armados, repressão sistemática e violações generalizadas de direitos humanos. Seu propósito central é promover a responsabilização, assegurar a realização da justiça e possibilitar processos de reconciliação social. Esses procedimentos podem envolver instrumentos judiciais e não judiciais, tais como Comissões da Verdade, iniciativas de persecução penal, políticas de reparação e dispositivos destinados a evitar a repetição de novas violações. Entre esses últimos, incluem-se reformas constitucionais, legislativas e institucionais; o fortalecimento de organizações da sociedade civil; iniciativas de preservação da memória coletiva; ações culturais; políticas de gestão e preservação de arquivos; e transformações na promoção e ensino de História<sup>139</sup>.

No Brasil, entretanto, diferentemente do caso Argentino, a transação pactuada iniciada após o Projeto de Lei 6.683, de 1979, conhecida como Lei da Anistia, enviada ao Congresso Nacional pelo então ditador-presidente João Figueiredo, ensejava o entendimento de uma suposta “reciprocidade”, abarcando também os responsáveis pelos atos de violência do Estado. Dessa maneira, a lei permitiu que os militares ou agentes estatais perpetradores de atrocidades relacionadas à crimes políticos ou por motivação política, também utilizassem da anistia a seu favor. Essa anomalia jurídica seguiu como única medida transicional proposta pelo Estado brasileiro até 1995, já no período democrático, quando o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei nº 9.140/1995, com a qual se reconheceu os mortos e desaparecidos políticos pela repressão e se garantiu às famílias a “reparação” e a identificação dos restos mortais, instituindo a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). Apesar de ter sancionado a lei, FHC alegou, contudo, que o reconhecimento dos desaparecidos não alteraria a Lei de Anistia, dando às Forças Armadas novamente a garantia da impunidade.

---

<sup>139</sup> OHCHR: Transitional justice and human rights. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/transitional-justice>.

Em 2002, a promulgação da Lei nº10.559, traria mais um tipo de compensação, mas sem mexer na questão militar, a lei regulamentou o artigo 8º das Disposições Transitórias da Constituição, criando a Comissão de Anistia e promovendo um amplo sistema de reparações materiais, que não extrapolaria o limite de 100 mil reais, na cotação do ano de 2002. Na leva de beneficiados pela sanção dessa lei, estava Anacleto, que foi “compensado” financeiramente.

Durante o governo de Dilma Roussef, dois passos importantes foram dados no sentido de uma aplicação mais correta dos termos propostos pela ONU sobre Justiça de Transição. A primeira foi a instituição da Comissão Nacional da Verdade (CNV), com a Lei nº 12.528/2011, com desdobramentos em subcomissões temáticas e estaduais, trazendo à tona um sem-número de depoimentos de cidadãos que sofreram com a perseguição ditatorial. A segunda foi a Lei nº 12.527/2011, que reformava o marco normativo sobre a transparência e sigilo de arquivos, conhecida como Lei de Acesso à Informação, autorizando ao público geral o contato com os documentos produzidos ou tutelados pelo Estado. Com essa lei, as pesquisas sobre os crimes empreendidos pela ditadura militar alcançaram um outro patamar de embasamento documental. Foi graças ao acesso à informação que os vários informes do CIEX sobre a passagem de Anacleto pelo Chile se tornaram possíveis de serem analisados.

No entanto, com todas essas leis pretensamente reparatórias, ainda nos cabe questionar: Qual o lugar do exilado na justiça de transição? Das leis dispostas acima, nenhuma trata especificamente do indivíduo que sofreu o desterro, tratam de mortos e desaparecidos e dos familiares desses, versam sobre os presos políticos e os que sofreram tortura, mas não do exilado. Na Comissão Nacional da Verdade, e nas comissões que ela ensejou, é possível notar, a partir do levantamento dos depoimentos, um interesse maior nos relatos em que havia violência física contra os prisioneiros do regime. Isso se dá, a meu ver, por um erro de concepção que estabelece uma “hierarquização das dores”, do sofrimento ocasionado pelo Estado de Exceção.

Para que exista uma correta aplicação dos preceitos de uma Justiça de Transição, todos aqueles que tiveram suas vidas atravessadas pelo regime militar devem ser contemplados, os exilados políticos devem ter seus anos de trabalho fora do país – não por escolha, mas por imposição – contados como tempo de serviço para recolhimento de uma aposentadoria digna. O criminosos de Estado, ainda que muitos estejam caquéticos e à beira da morte, devem ser julgados e condenados pelas crueldades cometidas durante o período ditatorial. Para finalizar, relembro que certa vez escutei sobre o quão bonita e potente era a palavra *duelo*, que em espanhol significa duelo, luta, mas também luto, dor. Que nos mantenhamos em *duelo*, pelos que tombaram sob as botas das ditaduras da América Latina, e pelos que ainda estão aqui.

Por memória, verdade e justiça!

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia

AGGIO, Alberto. **Democracia e Socialismo: A experiência chilena**. 3. ed. atual. Curitiba: Appris Editora, 2021. 208 p.

AGGIO, Alberto (org.). **50 anos do Chile de Allende: Uma leitura crítica**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2023. 290 p.

AGUIAR, Cláudio. **Francisco Julião: Uma Biografia**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 854 p.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 194 p.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2013. 384 p.

ALLENDE, Salvador. **Salvador Allende: Palabra y Acción: A 50 años de la victoria**. 1. ed. Santiago de Chile: FCE, FSA, 2023. 126 p.

ALMEIDA, Cátia Cristina de. Memória Política: os brasileiros e a resistência à ditadura militar no Chile (1969-1973). **ANPUH - XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, São Leopoldo, p. 1-8, 2007.

ANGELL, Alan. Party Change in Chile in Comparative Perspective. **Revista de Ciencia Política**, Rio de Janeiro, v. XXIII, n. 2, p. 88-108, 2003.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **Grafia da Vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2019. 244 p.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. 1. ed. São Paulo: Letra e Voz, 2021. 242 p.

AZEVEDO, Fernando Antonio. **As Ligas Camponesas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 145 p.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Fórmula para o caos: A derrubada de Salvador Allende (1970-1973)**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023. 656 p.

BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 141 p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BRUM, Maurício. **La Cancha Infame: A história da prisão política no Estádio Nacional do Chile**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2017. 104 p.

CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015. 272 p.

COSTA, Albertina de Oliveira et al, (ed.). **Memórias das mulheres do exílio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1980. 439 p.

COSTA, C. B.; LONGO, C. A.; BARROSO, E. P. (org.). **História Oral e Metodologia de Pesquisa em História: Objetos, Abordagens, Temáticas**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 209 p.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. Influências de Durkheim e Henri Bergson nas tensões teóricas da teoria da memória de Maurice Halbwachs. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 4, p. 101-111, 2013.

CRUZ, Fábio Lucas da. A História e as memórias do exílio brasileiro. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, Florianópolis, n. 20, p. 115-137, 2012.

CUNHA, Patrícia Helena F.; GALA, Paulo. Do populismo às bandas cambiais: a evolução da política cambial no Chile de 190 a 1999. **Revista de Economia Política**, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 35-53, julho-setembro 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136 p.

DIAS, Cristiane Medianeira Ávila. **Minha terra tem horrores: o exílio brasileiro no Chile (1970-1973)**. Orientador: Prof. Dr. Enrique Serra Padrós. 2019. 389 p. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2019.

DIAS, Cristiane Medianeira Ávila. Os Brasileiros no Chile (1970-1973): Exílio e Memória. **Autos & Baixas: Revista da Justiça Federal do Rio Grande do Sul - Justiça, Memória e Cidadania**, Porto Alegre, p. 85-97, XXI.

FACUSE M., Marisol. Quimantú, Sol del Saber: Arte, cultura y política en la Unidad Popular en Chile. **Artelogie: Recherche sur les arts, le patrimoine et la littérature de l'Amérique latine**, [s. l.], n. 20, p. 1-18, 2024.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 406 p.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Tempo da Experiência Democrática: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964: Terceira República (1945-1964)**. 9ª. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). **O Tempo do Regime Autoritário: Ditadura Militar e redemocratização: Quarta República (1964-1985)**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

JENSEN, Silvina. Sobre La Política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznadger y Luis Roniger: Hacia un enfoque sociopolítico, macro-histórico y teórico-analítico del problema. **História, Voces y Memoria**, [s. l.], n. 8, p. 13-20, 2015.

- JOUTARD, Phillippe. Reconciliar História e Memória. **Escritos**, [s. l.], p. 223-235, XX-XXI.
- MARQUES, Teresa Cristina Schneider. O Exílio e as Transformações de Repertórios de Ação Coletiva: A Esquerda Brasileira no Chile e na França (1968-1978). **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, p. 239-279, 2017.
- MARQUES, Nadeja; OLIVEIRA, Helena Dória Lucas de (org.). **Crianças e Exílio**: Memórias de infância marcadas pela Ditadura Militar. 1. ed. São Leopoldo: Carta Editore & Comunicação, 2025. 344 p.
- MELO, Ana Amélia M. C. Intelectuais em ação. O MIR e a construção do intelectual revolucionário. **Tempo**, Niterói, v. 27, n. 2, p. 473-478, Maio/Ago. 2021.
- MORAES, Sergio Augusto de. **Viver e Morrer no Chile**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. 188 p.
- MUÑOZ, Heraldo. **A Sombra do Ditador**: Memórias políticas do Chile sob Pinochet. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.
- NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, p. 7-28, Dez 1993.
- QUADRAT, Samantha Viz (org.). **Caminhos Cruzados**: História e Memória dos Exílios Latino-Americanos no Século XX. 1. ed. [S. l.]: FGV Editora, 2011. 300 p.
- ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: Entre raízes e radares. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 375 p.
- RONIGER, Luis; YANKELEVICH, Pablo. Exilio y Política en América Latina: Nuevos estudios y avances teóricos. **E.I.A.L.**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 7-17, 2009.
- SAFATLE, Vladimir (org.). **A Revolução Desarmada**: Discursos de Salvador Allende. 1ª. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 192
- SALGADO, Livia de Barros. **Narrativas de Dor e Silêncio**: Tortura, clandestinidade e exílio na vida homens e mulheres durante a ditadura brasileira. Rio de Janeiro: Telha, 2020. 186 p.
- SAN MARTÍN, Ximena. **Desarraigo**: El golpe de estado en Chile y los laberintos del exilio: Memórias. Santiago de Chile: Piso Diez Ediciones, 2019.
- SANTIAGO, Vandeck. **Francisco Julião**: Luta, paixão e morte de um agitador. Recife: Assembléia Legislativa de Pernambuco, 2001. 126 p.
- SCHMIDT, Benito Bisso. **Flavio Koutzii**: Biografia de um militante revolucionário - de 1943 a 1984. 1. ed. Porto Alegre: Libretos, 2017. 544 p.

SCHWARZSTEIN, Dora. História Oral, memória e histórias traumáticas. **História Oral**, [s. l.], n. 4, p. 73-83, 2001.

SILVA, Camila Cristina. O Brasil do deixe-o: vivências e lutas no exílio. **Escrita da História**, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 47-66, set/dez 2015.

SIMON, Roberto. **O Brasil Contra a Democracia**: A ditadura, o golpe no Chile e a guerra fria na América do Sul. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 491 p.

TULCHIN, Joseph S. **América Latina x Estados Unidos**: Uma Relação Turbulenta. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. 270 p.

VALENZUELA, Esteban Teo. **Dios, Marx... y el Mapu**. 1. ed. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2014. 334 p.

### **Obras cinematográficas**

GUERRA Fria - Pela porta dos fundos. Direção: Tessa Coombs. Roteiro: Ted Turner e Hugh O'Shaughnessy. Estados Unidos: CNN, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xnpvBJTzZo&rco=1>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LA BATALLA DE CHILE: La lucha de un pueblo sin armas – Primera parte: La insurrección de la burguesía (A Batalha do Chile – Primeira Parte: A Insurreição da Burguesia). Direção: Patricio Guzmán. Produção: Equipo Tercer Año; Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC); colaboração de Chris Marker. Chile, Cuba, França, Venezuela, 1975. 97 min, 16 mm, preto e branco, sonoro. Documentário. Idioma: espanhol.

LA BATALLA DE CHILE: La lucha de un pueblo sin armas – Segunda parte: El golpe de Estado (A Batalha do Chile – Segunda Parte: O Golpe de Estado). Direção: Patricio Guzmán. Produção: Equipo Tercer Año; Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC); colaboração de Chris Marker. Chile, Cuba, França, 1976. 88 min, 16 mm, preto e branco, sonoro. Documentário. Idioma: espanhol.

LA BATALLA DE CHILE: La lucha de un pueblo sin armas – Tercera parte: El poder popular (A Batalha do Chile – Terceira Parte: O Poder Popular). Direção: Patricio Guzmán. Produção: Equipo Tercer Año; Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC); colaboração de Chris Marker. Chile, Cuba, França, Venezuela, 1979. 82 min, 16 mm, preto e branco, sonoro. Documentário. Idioma: espanhol.